

ELISA ARAÚJO COELHO

O ORDÁLIO NA PSICOSE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO TEÓRICO CLÍNICO

BRASÍLIA, 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

ELISA ARAÚJO COELHO

O ORDÁLIO NA PSICOSE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO TEÓRICO CLÍNICO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura, sob a orientação do Professor Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

BRASÍLIA

2013

ELISA ARAÚJO COELHO

O ORDÁLIO NA PSICOSE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO TEÓRICO CLÍNICO

A Banca Examinadora que aprovou esta dissertação teve a seguinte composição:

Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins
Universidade de Brasília
Presidente da Banca

Professora Doutora Mériti de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro Externo da Banca

Professor Doutor Marcelo Duarte Porto
Universidade Estadual de Goiás
Membro Externo da Banca

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa
Universidade de Brasília
Membro Suplente da Banca

Brasília, novembro de 2013.

Aos meus pais.
Aos meus Mestres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Rosânia Araújo e Paulo Coêlho, por terem servido como modelo de altos ideais, os quais me identifico. Por respeitarem a individualidade, e pelo apoio incondicional. Em especial, à minha mãe e irmãs, Laís e Carla, com as quais compartilho a experiência da transformação em Mestre.

Ao meu professor e orientador Francisco Martins, pela experiência concedida de crescer como acadêmica. Por me ensinar como transformar algo idealizado internamente em um projeto concreto. Ao grupo da pós-graduação, que se reúne semanalmente, agradeço pelas trocas de experiências, pelas discussões elevadas, pelas reflexões. Pelo apoio nos momentos de angústia. Pelas palavras motivadoras. Em especial ao meu colega Alexandre Alves, parceiro em todos os momentos deste percurso. Sem dúvida ter participado deste grupo me ajudou enormemente no desenvolvimento desta dissertação.

À professora Mériti de Souza, ao professor Ileno Izídio da Costa e ao professor Marcelo Porto por terem gentilmente aceito o convite de participar da minha banca.

À minha analista, supervisora, colega Mercedes Quihillaborda, por ter feito parte do meu percurso acadêmico e profissional desde o início. Pelo apoio, acolhimento, insights e análise. Pela sensibilidade da escuta. Por sempre acreditar e confiar. Obrigada!

À Meire Dias e toda a equipe do Anankê. Agradeço pela participação neste meu processo de crescimento como psicóloga clínica. Pela possibilidade de acompanhar casos de psicose e neuroses graves. Pelo cuidado clínico com os pacientes. Pelas supervisões e trocas de experiência.

Ao Oriel, ao Dias e à D. Marli, agradeço por terem aceito o convite de participar deste estudo. Por terem dedicado horas de seus tempos para relatarem suas histórias. Por terem me ensinado tanto sobre a psicose. Pela troca. Pela confiança. Pela transferência positiva. Por terem possibilitado a concretização deste estudo.

À professora Valeska Zanella, com a qual iniciei meus estudos acadêmicos sobre psicose. Por ter despertado em mim a paixão pela psicanálise, e por ter me apresentado o grande mestre Freud. Pelas pesquisas realizadas. Aos professores que marcaram meu percurso acadêmico, não me deixando dúvidas sobre a minha vocação e paixão pela psicologia.

Aos meus colegas de percurso Paulo Estevão e Rodrigo Marques, pela gentileza em terem aceito revisar esta dissertação. Pelas trocas, pela confiança e pelas indicações.

Às colegas de percurso Renata Moraes, Caroline Quinaglia, Iara Flor, Matildes Paz, Julia Zenni, Livia Milhomem. Pela troca de experiências, pelo apoio, e pela motivação nos momentos de angústia.

Aos meus queridos amigos. Pelo amor e pela amizade. Por terem me aturado durante todo este percurso, em especial no último semestre, quando mais precisei de apoio, compreensão, e motivação para concluir esta fase com maestria. Aos que entenderam por terem passado pela mesma experiência, assim como àqueles que apoiaram sem compreender o tamanho da angústia vivida neste processo de elaboração e conclusão de uma dissertação. Àqueles que atravessaram meu caminho para me mostrar a magnitude da minha força interna.

Aos meus pacientes, por me fazerem ter certeza todos os dias da minha escolha profissional.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Ai!
Com punho poderoso
Destruíste
O mundo belo;
Ele cai, desmorona
Um semideus o destroçou!
[...]
Mais poderoso
Dos filhos da Terra.
Mais esplêndido
Constrói-o de novo,
Em teu seio reconstrói-o!
(Goethe, *Fausto I*, cena 4¹)

¹ Citado em FREUD, 1911

RESUMO

A presente dissertação propõe-se a verificar se fantasias ordálicas infantis se atualizam no contexto que leva à irrupção de uma crise psicótica. Neste trabalho, pensaremos em ordálio como prova de linhagem, remetendo ao campo originário da pessoa. A prova ordálica muitas vezes constitui um ritual de passagem, o qual busca marcar de forma simbólica a passagem de um estado para um outro. Buscamos compreender como se dá a vivência de pessoas psicóticas no que tange a mudança de papéis sociais. Para tanto, realizaremos o estudo de dois casos clínicos de psicose: um caso de esquizofrenia e outro de paranoia, os quais nos permitirão levar em conta especificidades dos quadros na análise. A partir desta investigação, refletimos sobre como se deu a vivência do complexo de Édipo e de castração nestes casos de psicose, buscando verificar se houve a ocorrência ou não de provas ordálicas na infância dos sujeitos. Questionamos se o psicótico foi submetido a certas idealizações em sua infância as quais, posteriormente, se tornam fantasias ordálicas que se atualizam no contexto que precede uma crise psicótica. Após a análise dos casos clínicos, pudemos verificar que em ambos os casos houve a vivência de provas ordálicas no momento que antecedeu o surto psicótico. Ficou inconclusiva a questão da ocorrência de um ordálio real na infância de futuros psicóticos. Verificamos em ambos os casos, como constatado no caso Schreber, que as fantasias ordálicas atualizadas no momento da crise remetem ao complexo paterno, devido a não identificação com a figura do pai. Também verificamos que o delírio constituído posteriormente tem como papel uma tentativa de cura ao narcisismo ferido devido ao fracasso da prova ordálica.

Palavras-chave: Psicose, ordálio, identificação, narcisismo, Eu Ideal, Complexo de Édipo

ABSTRACT

This study aims to verify whether ordalic fantasies from childhood are updated in the context that leads to the irruption of a psychotic break. In this work, we will think of ordeal as proof of lineage, leading us back to the original backgrounds of a person. An ordealic proof often constitutes a rite of passage, which seeks to symbolically mark the passage from one state to another. We seek to understand how the experience of a psychotic person is when it comes to shifting social roles. For this aim, we will accomplish two case studies of psychosis: a case of schizophrenia and another of paranoia, which will allow us to take into account specificities of the disorders in the analysis. From this investigation, we reflect on how was the experience of the Oedipus complex and castration in these cases of psychosis seeking to verify if there was the presence or absence of ordalic experiences in the person's childhood. We question whether the psychotic underwent certain idealizations in its infancy, which subsequently become ordalic fantasies that are updated in the context that precedes a psychotic break. After the analysis of clinical cases, we observed that in both cases there was evidence of ordalic experience on the moment that preceded the psychotic break. It was inconclusive the question of the occurrence of a real ordeal in the childhood of the future psychotic. We verified in both cases, as found in the Schreber case, that the ordalic fantasies updated at the moment of the crisis refer to the father complex, due to non-identification with the father figure. We also verified that the delusion that emerges after the psychotic break is an attempt to cure the wounded narcissism due to the failure of the ordalic proof.

Keywords: Psychosis, ordeal, identification, narcissism, Ego Ideal, Oedipus complex

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2 CAPÍTULO 1– CASOS CLÍNICOS DE PSICOSE	18
2.1 O ESTUDO DE CASO.....	18
2.2 HISTÓRIA CLÍNICA: ORIEL.....	22
2.2.1 Relato de Dona Marli (mãe de Oriel)	30
2.3 HISTÓRIA CLÍNICA: DIAS.....	35
3 CAPÍTULO 2 – A PSICOSE, O RITUAL E O ORDÁLIO	57
3.1 SOBRE A PSICOSE	57
3.1.1 Schreber e a Psicose	61
3.2 O RITUAL.....	71
3.2.1 Rito de Passagem	74
3.2.1.1 Um Ritual Brasileiro.....	75
3.2.1.2 Ritos Liminares.....	77
3.3 O ORDÁLIO	79
3.3.1 O Ordálio e a Psicose	82
4 CAPÍTULO 3 – O RETORNO AO IDEAL NA PSICOSE	91
4.1 O NARCISISMO.....	91
4.1.1 O Eu Ideal, o Ideal do Eu e a Psicose	96
4.2 O EU E AS PULSÕES	104
4.2.1 Destinos Possíveis	106
4.3 O INCONSCIENTE	111
5 CAPÍTULO 4 – O ÉDIPO, SEU HERDEIRO E A PSICOSE	118
5.1 O INCONSCIENTE E O CONFLITO	118
5.2 O EU, O SUPER-EU E O ID	121
5.3 O COMPLEXO DE ÉDIPO E CASTRAÇÃO.....	123
5.3.1 A Recusa	128

5.3.2 O Psicótico e seu Édipo	133
5.3.3 Identificação na psicose.....	137
5.4 O CONFLITO E OS IDEAIS.....	140
5.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SUPER-EU.....	144
6 CONCLUSÃO.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
ANEXOS.....	161

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo foi motivado pelo desejo de compreender questões relacionadas à forma com que vivências na infância de um psicótico, no que tange às suas identificações com suas imagos parentais, podem ter um papel decisivo na sua forma de adoecimento futuro. Pensando na reflexão levantada por Freud² (1924) de que a diferença fundamental entre uma neurose e uma psicose seria a forma com a qual o psiquismo escolhe lidar com o fragmento da realidade tido como intolerável, buscaremos entender a radical reverberação de tal fragmento para o sujeito psicótico.

O interesse em estudar psicose nasceu a partir da prática clínica. Após a conclusão da graduação, decidi investir na minha formação como psicóloga clínica. Para tanto, realizei uma especialização em Saúde Mental na qual, como parte do programa, realizei um estágio de dois anos no Centro de Convivência de um Hospital-Dia. Sem esperar, me vi completamente envolvida no estudo da psicose. Inicialmente, o que me chamou mais atenção foi perceber que quase todos os pacientes psicóticos que frequentavam o Hospital-Dia apresentavam em seus delírios e alucinações, conteúdos religiosos. Depois, comecei a suspeitar, à partir dos relatos clínicos, que o contexto que levava ao desencadeamento da crise psicótica se relacionava de alguma forma com a construção delirante do paciente. Foi somente num terceiro momento que almejei a possibilidade de continuar me aprofundando nesta temática através da investigação da infância de pacientes psicóticos. Percebendo a fragilidade das referências identitárias dos pacientes psicóticos, surgiu o interesse em compreender tal questão. Além da compreensão acerca do processo identificatório dos psicóticos, o qual remete ao complexo de Édipo e de castração, desejei compreender como este processo se relaciona, posteriormente, com o delírio, no qual, frequentemente, verifica-se uma mudança na antiga identidade do sujeito. Inicialmente o estudo seria realizado apenas com Oriel³, paciente esquizofrênico que frequenta a clínica há mais de 10 anos. A escolha se baseou no forte vínculo preexistente. Porém, quando mesmo após a participação da sua mãe não tínhamos material suficiente para compreender questões mais profundas da sua infância, convidei um segundo paciente, dessa vez um paranoico, para participar do estudo. Ao contrário, Dias tem muita facilidade em revelar sua história nos mínimos detalhes. Num primeiro momento, ele inclusive solicitou que

² FREUD (1924). *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*. OC. vol. 16

³ Para este estudo, todos os nomes ou dados que pudessem comprometer a identidade dos pacientes foram alterados ou omitidos.

toda a sua história fosse publicada. Ao longo das entrevistas, ao ver de forma concreta seu relato, começou a temer algumas repercussões, passando a colocar condições para que certas informações fossem apresentadas. Após inúmeras conversas, foi possível chegarmos num consenso que não prejudicasse o estudo teórico clínico e que o paciente se sentisse confortável e seguro.

O ordálio é um julgamento da verdade, realizado por intermédio de uma prova que coloca a pessoa frente a uma potência sobrenatural absoluta. Seu resultado é interpretado como um julgamento divino. Nesta prova, o sujeito é submetido independente do seu querer, podendo ter consequências fatais. Verificamos o conceito de *ordálio* sendo usado pela primeira vez em estudos psicanalíticos, no pós-escrito do caso Schreber, realizado por Freud (1911). Neste ensaio, Freud relaciona a construção delirante de Schreber com o Sol ao complexo paterno, remetendo às provações ordálicas que as águias submetem seus filhotes ao nascerem. O delirante privilégio de Schreber em poder olhar para o Sol sem ofuscar a vista pode ser relacionado à prova de pertencimento a qual as águias submetem seus filhotes antes de reconhecê-los como descendentes legítimos: aqueles que não conseguem olhar para o Sol sem piscar são atirados para fora do ninho.

Freud relaciona esse mito animal ao costume sagrado, entre os nossos ancestrais, de utilizar tais provações ordálicas para atestar a descendência de um membro do grupo. Com frequência, tal prova ordálica é verificada como elemento de um ritual de passagem, marcando a transformação da pessoa de um status social para outro de forma simbólica. Tendo em vista diversos estudos realizados por Martins e colaboradores (1994; 1995a; PERCÍLIO, 2000) que apontam para a problemática encontrada em sujeitos psicóticos acerca da forma com que estes se percebem em seu genograma familiar, pensamos que o entendimento do ordálio nos remete às questões das origens dos sujeitos.

Trabalharemos com o conceito de ordálio como sendo o julgamento acerca do pertencimento ou não de uma pessoa ao seu grupo familiar, em outras palavras, se certa pessoa é descendente legítima de tal grupo. Assim, o ordálio é uma prova de filiação, prova esta vivida como imposição, na qual o *querer* do sujeito não é levado em conta. Cabe a este viver esta provação que lhe foi imposta. Ao pensarmos no fragmento da realidade rechaçado pelo psicótico, surge a hipótese da relação entre tal fragmento – ou evento desencadeador do surto – com fantasias ordálicas infantis do psicótico.

As hipóteses que buscaremos averiguar nesta dissertação tiveram como base um estudo realizado por Martins (1995b) acerca do ordálio na psicose. A hipótese levantada pelo

autor é a de que o ordálio exemplifica de maneira paradigmática a forma com que o Édipo é elaborado pela pessoa psicótica. Para o autor, há uma recusa por parte do psicótico em elaborar a questão edípica, a qual o leva a recuar para formas mais regressivas de fantasias – ao universo maternal – não progredindo ao universo societário.

À partir deste estudo, surgiu a ideia de investigarmos a questão do ordálio na psicose, tendo como base a análise de casos clínicos. A escolha de tal método de estudo se deu pelo nosso interesse não só em verificar hipóteses, mas também em permitir que tais histórias clínicas nos suscitassem novos possíveis entendimentos e questionamentos. A hipótese levantada neste estudo é a de que, no contexto que leva à irrupção de uma crise psicótica, podemos verificar a atualização de fantasias ordálicas infantis do sujeito em questão. Para verificar tal hipótese, buscaremos compreender como se deu a vivência do complexo de Édipo por pacientes psicóticos, verificando a ocorrência ou não de provas ordálicas na infância destes. Questionamos se a criança, futura psicótica, foi submetida a certas idealizações em sua infância as quais se tornam fantasias ordálicas, vivenciadas pelo sujeito no contexto que precede uma crise psicótica.

Para guiar nosso estudo, teremos as seguintes questões norteadoras: i) é possível se verificar a ocorrência de prova(s) ordálica(s) na infância de sujeitos psicóticos? ii) É possível se verificar, no evento que leva ao desencadeamento de um surto psicótico, experiências ordálicas que remetem a fantasias de pertencimento ou não do sujeito à sua genealogia familiar? Caso constatemos a atualização de fantasias ordálicas no momento da crise psicótica, o que acontece com o sujeito ao vivenciar uma prova que atesta sua descendência? iii) Tendo em vista que uma prova ordálica muitas vezes constitui um ritual de passagem, o qual busca marcar de forma simbólica a transformação do sujeito de um estado para um outro, como se dá a vivência de sujeitos psicóticos no que tange a mudança de papéis sociais?

Para buscar compreender tais questões, escolhemos nos basear na obra do pai da psicanálise, Sigmund Freud, tendo em vista que esta serviu e serve ainda hoje como base para todas as outras vertentes psicanalíticas. Demos preferência aos textos encontrados nas Obras Completas que estão sendo traduzidas por Paulo César de Souza. Em relação àqueles outros textos que ainda não foram traduzidos por esta coleção, utilizamos a Edição Standard Brasileira. Por vezes o leitor poderá se deparar, nas citações diretas, com termos como *ego*, *instinto*, *repressão*, os quais devem ser lidos, respectivamente, como *Eu*, *pulsão*, *recalque*. Escolhemos preservar a tradução original do texto em questão no momento de citar diretamente.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo terá como foco a apresentação dos casos clínicos. Introduziremos o capítulo explicitando o porquê da escolha pelo método de Estudo de Caso para a realização desta dissertação. À seguir, apresentaremos os dois casos que serão trabalhados ao longo da dissertação. Tendo em vista a variedade das síndromes psicóticas, escolhemos dois casos representativos das síndromes mais típicas: um caso de esquizofrenia e outro de paranoia. Porém, não é nosso objetivo a realização de um estudo aprofundado das diferenças entre tais síndromes. Buscaremos trabalhar com os aspectos gerais compartilhados pelas psicoses. Eventualmente, falaremos sobre algumas especificidades de cada síndrome, destacadas por Freud. Optamos pela apresentação dos casos logo no início do estudo para que estes componham os capítulos de forma a ilustrar os diversos conceitos que iremos trabalhar. A análise dos casos será realizada do início ao fim da dissertação.

No segundo capítulo, faremos uma breve apresentação sobre o funcionamento das psicoses em geral, tendo como base conceitos freudianos. Ao longo da sua obra, Freud variou na sua denominação da psicose, fazendo uso de termos como psiconeuroses narcísicas e parafrenias. Assim, usaremos tais termos como sinônimo de psicose. O grande marco, na obra de Freud, no que tange o estudo das psicoses foi sua análise do caso do *Senatspräsident* Daniel Schreber. Apesar de apresentar especificidades da paranoia, Freud também discorre sobre aspectos gerais presentes nas psicoses. Tendo em vista a importância de Schreber em estudos de psicose, sendo este talvez o paciente psiquiátrico mais famoso da história, comporemos nosso estudo com fragmentos do seu caso, analisados por Freud e por Niederland. Nosso intuito é enriquecer ainda mais nossas análises a partir de um caso amplamente discutido e analisado tanto na psicanálise quanto na psiquiatria.

Ainda neste segundo capítulo, articularemos o estudo da psicose com estudos realizados por antropólogos, como Van Gennep e Victor Turner, acerca dos rituais de passagem. Muitas vezes, o ordálio é um dos elementos do ritual de passagem. A pessoa é submetida a uma prova, independente do seu *querer*, a qual pode ter como consequência a morte – caso o resultado seja o fracasso. Para o estudo acerca da origem do sujeito psicótico, utilizaremos o conceito de ordálio como aquele que busca atestar o pertencimento de uma pessoa a uma certa linhagem.

À partir do terceiro capítulo desta dissertação, buscaremos a compreensão do papel das imagos parentais na constituição do Eu do sujeito. Laplanche e Pontalis (2008) definem *imago* como sendo o “protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a

forma como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar” (p. 234). A imago seria uma representação inconsciente, não devendo ser entendida como reflexo do real, e sim da realidade psíquica da pessoa em questão. Este capítulo buscará compreender a psicogênese da psicose à partir da primeira tópica freudiana, tendo como base os artigos de Metapsicologia de Freud e outros que se aproximam deste período. A primeira tópica freudiana apresenta o aparelho mental composto por três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Neste capítulo, daremos ênfase ao artigo *Introdução ao Narcisismo*, tendo em vista sua importância para o entendimento das psicoses.

Neste terceiro capítulo, buscaremos compreender o funcionamento dos narcisismos primário e secundário, tendo em vista sua importância para a compreensão da psicose. Verifica-se, na crise psicótica, uma retrodesconstrução das sublimações efetivadas. Ao se deparar com sua prova ordálica, ou com o que Freud denominou como *fragmento da realidade intolerável*, a libido anteriormente investida nos objetos externos retorna ao Eu, caracterizando o narcisismo secundário. Veremos como os sintomas típicos da psicose – delírio, alucinação – são tentativas secundárias de restauração dos laços objetais. Freud atesta que o psicótico se fixou em fases do desenvolvimento psicosssexual pré-genitais, as quais remetem a um período em que toda libido era investida no próprio corpo, sem diferenciação entre sujeito e objeto. Neste período, o bebê é onipotente, autossuficiente, seu próprio ideal, sendo este o Eu Ideal. Assim, na psicose há uma tentativa de resgate daquele estágio inicial de perfeição. Buscaremos verificar se encontramos estes aspectos nos casos analisados após o estabelecimento do surto psicótico, tendo em vista seu aspecto regressivo. Outro ponto importante que buscaremos verificar é se os ideais introjetados pela criança, os quais se transformam no Ideal do Eu da pessoa, constituem fantasias ordálicas de pertencimento à horda familiar.

Encerraremos esta dissertação com a temática do complexo de Édipo e seu herdeiro – o Super-eu. Uma característica da psicose é o fato desta representar um conflito entre o Eu e o mundo-externo. O Super-eu é internalizado pelo sujeito através da sua relação com aquelas importantes figuras que constituem o mundo externo, suas imagos. Não poderíamos falar sobre identificações sem falar em Super-eu. Porém, uma problemática da psicose diz respeito ao seu frágil processo identificatório. Buscaremos compreender como se deram as identificações nos casos que iremos analisar. O complexo de Édipo marca um ponto de elaboração definitiva das disposições essenciais dos seres humanos, estando intimamente

ligada ao complexo de castração. É através do complexo de castração que o sujeito é introduzido na lei simbólica edípica e no universo de regras compartilhadas socialmente. A forma com que uma pessoa elabora seu complexo de Édipo e de castração refletirá, futuramente, na sua forma de adoecer. Assim, importância será dada à compreensão de como os sujeitos por nós analisados vivenciaram esta fase fálica. Para Freud, a recusa do reconhecimento da castração pode acarretar em graves consequências no futuro, remetendo ao campo das perversões e psicoses.

Acreditamos que as experiências infantis adquirem um caráter estruturador e permanente para o futuro adulto. Importante destacar que para a análise do complexo de Édipo e castração nos baseamos principalmente na fala de Dias, devido à riqueza dos detalhes por ele relatado. Finalizaremos este estudo analisando como as vivências infantis dos casos por nós analisados repercutiram nas suas formas de adoecimento e no conteúdo do delírio que surge num segundo momento após a crise. Assim, acreditamos que o delírio exerce papel fundamental como tentativa de cura ao narcisismo ferido devido ao fracasso da prova ordálica.

2 CAPÍTULO 1

CASOS CLÍNICOS NA PSICOSE

“Eu mesmo me surpreendo ao constatar que minhas observações dos pacientes podem ser lidas como romances e não trazem, por assim dizer, a chancela de seriedade que é própria dos escritos científicos. Consolo-me disso dizendo a mim mesmo que essa situação é atribuível, evidentemente, à própria natureza do assunto, e não à minha escolha pessoal.”
S. Freud⁴

2.1 O ESTUDO DE CASO

A partir desta epígrafe iniciaremos este capítulo. Escolhemos tal fala de Freud, dentre tantas, justamente por levantar uma questão que precedeu este estudo clínico: em um estudo psicanalítico acadêmico, qual a melhor maneira de se investigar questões tão complexas quanto à psicogênese dos sujeitos, sem perder o comprometimento com a ciência? Qual seria o melhor método a ser adotado? Quantos sujeitos devem ser investigados para se constatar uma hipótese?

Em um primeiro momento, surgiu a idéia de se realizar a investigação acerca da ocorrência ou não de provações ordálicas⁵ na psicose em um grande número de pacientes psicóticos de um hospital psiquiátrico. Entretanto, estaremos buscando verificar não só se há a vivência de uma situação ordálica precedendo o surto psicótico, mas também como essa fantasia ordálica é constituída tendo em vista a história do sujeito. É possível se verificar em relatos da infância do psicótico experiências que possam ter sido vividas como um ordálio, em outras palavras, provas de pertencimento a uma filiação? Para termos acesso a esse nível de detalhes acerca da vida de um sujeito, uma pesquisa com um grande número de participantes se torna questionável. Como poderíamos analisar de forma cuidadosa vários casos?

⁴ Citado em NASIO. *Os grandes casos de psicose*. 2001.

⁵ O ordálio é um julgamento da verdade, realizado por intermédio de uma prova que coloca a pessoa frente a uma potência sobrenatural absoluta. Seu resultado é interpretado como um julgamento divino. Para esse estudo pensaremos em ordálio como *prova de filiação*.

Ao discorrer sobre os princípios gerais que permeiam um estudo clínico, Widlöcher⁶ (1995) relata ser comum tal sentimento por parte dos clínicos, de que para se ter um trabalho reconhecido pela comunidade científica, os métodos estatísticos são os mais relevantes. Em contrapartida, para a viabilidade de tal método seria necessário se ater a atributos superficiais, o que acabaria por obscurecer toda a riqueza dos casos individuais, permitindo somente generalizações tidas pelo autor como pouco interessantes. O estudo de caso favoriza a descoberta, enquanto os métodos extensivos se preocupam em fornecer provas.

Nasio (2001) aponta que a expressão “caso” designa para o analista o interesse particular que ele destina aos seus pacientes. Enquanto na medicina o termo caso remete a um sujeito anônimo que é representativo de uma doença, na psicanálise o caso exprime a própria singularidade daquele que nos fala. Desta forma, o caso é um relato de uma experiência singular, escrito por um pesquisador clínico para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico.

Um caso é sempre um texto escrito para ser lido e discutido. Um texto que, através do seu estilo narrativo põe em cena uma situação clínica que ilustra uma elaboração teórica. É por essa razão que podemos considerar o caso como a passagem de uma demonstração inteligível a uma mostra sensível, a imersão de uma idéia no fluxo móvel de um fragmento de vida, e podemos finalmente, concebê-lo como a pintura viva de um pensamento abstrato” (p. 12).

Nesta dissertação, optamos por trabalhar com o método mais utilizado na psicanálise, o estudo de caso. Para tanto, escolhemos dois casos clínicos de psicose. Pensando na variedade de suas manifestações, elegemos um caso de esquizofrenia e outro de paranoia, tendo em vista suas especificidades. Porém, é importante destacarmos que não é objetivo deste trabalho a investigação acurada das diferenças entre as síndromes psicóticas. Ambos os casos selecionados para estarem compondo este trabalho foram pacientes do centro de convivência de um hospital-dia no qual estagiei durante dois anos. Para além da riqueza das experiências vividas por ambos os sujeitos, o forte vínculo foi levado em conta. Assim, falo de casos os quais tive a chance de acompanhar de forma próxima por um longo período. Assim como Freud, buscarei relatar suas histórias como uma narrativa, ou um romance. Para facilitar a leitura dos casos, organizei o texto numa ordem temporal.

Na clínica, nosso maior recurso é a linguagem. É por esta via que se toca o sujeito, possibilitando a cura. Através do discurso do paciente, temos a possibilidade de compreender

⁶ WIDLÖCHER, D. *Principes Généraux*. In : BOURGUIGNON, O; BYDŁOWSKI, M. **Le Recherche Clinique en Psychopathologie**. Paris : Presses Universitaires de France. 1995

seu *pathos*⁷, dentro da sua singularidade. Assim, a linguagem é a base do método clínico. Widlöcher (Ibid.) aponta que o contrário é verificado na medicina: são os corpos mudos no leito do doente que se oferecem ao investigador. O autor pontua ter sido no final do século XIX que se desenvolveu um interesse pelo conjunto de ações do paciente e suas narrativas. Neste período, Freud inaugura seu método psicanalítico, ao publicar seus *Estudos sobre Histeria* (1895) conjuntamente com Breuer.

Cabe ao clínico levar em consideração o que a pessoa fala e suas ações, tanto reais ou imaginárias, lembranças, atitudes presentes ou antecipações. Ao contrário de juízes, nosso trabalho não é avaliar a veracidade nos fatos. Para nós, o que interessa é o que é vivido pelo sujeito como sua verdade. Como colocado por Widlöcher, a linguagem do sujeito não é resultado de uma ação perceptiva. Seu discurso não é uma descrição de seus pensamentos, um relato do que é percebido em seu interior, mas sim a expressão linguística do ato de pensar em si mesmo.

A pesquisa clínica visa a produção de conhecimentos novos a partir de estudos aprofundados do ser humano considerado em sua singularidade. Foi a partir do estudo detalhado das *Memórias de um Doente dos Nervos*⁸, de autoria do *Senatspräsident* Daniel Schreber, que Freud pôde desenvolver sua teoria sobre a paranoia, assim como destacar para aspectos gerais das psiconeuroses narcísicas, em outras palavras, das psicoses. A maioria das teorias elaboradas por Freud foram antecedidas por estudos clínicos cuidadosamente analisados, sempre levando em consideração a singularidade do sujeito. Casos clínicos que se tornaram famosos em toda a comunidade psicanalítica, como o caso Schreber, Anna O, Homem dos Lobos, Homem dos Ratos, Pequeno Hans, entre outros.

Ao pensar sobre pesquisa clínica, Bourguignon⁹ (1995) fala que a idéia de realizar uma investigação clínica em psicopatologia surge do contato com a particularidade de um caso, na presença de uma nova problemática clínica. Toda pesquisa começa por uma questão, visando sua resposta. Pode ser originada tanto de uma dúvida quanto de uma crença. Na pesquisa clínica, o sujeito ator da situação observada que é fonte do conhecimento.

Para Widlöcher (Ibid.), o papel do pesquisador clínico seria desenvolver hipóteses fortes porém possíveis de serem refutáveis. Uma hipótese seria, nas palavras de Bourguignon:

⁷ Disposição afetiva fundamental.

⁸ SCHREBER, D. P. (1842-1911) *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.

⁹ BOURGUIGNON, O. *Le Processus de recherche*. In : BOURGUIGNON, O; BYDLOWSKI, M. *Le Recherche Clinique en Psychopathologie*. Paris : Presses Universitaires de France. 1995.

L'hypothèse est une prévision, une proposition de réponse que donne le chercheur aux questions qu'il se pose. Elle est à l'articulation de la réflexion théorique et des données empiriques. Sa qualité dépend de l'ampleur de la culture scientifique du chercheur, de la richesse et surtout de l'originalité de sa pensée, qui lui permettent d'envisager différemment des faits déjà connus, ou de formuler des propositions concernant des faits nouveaux. L'hypothèse est le moteur d'une recherche puisque c'est elle qui guide la démonstration¹⁰. (p. 41)

Assim, uma hipótese buscará prever uma certa proposição que poderá ou não responder a uma dada questão que emerge para o pesquisador à partir de sua prática e/ou estudos. Ela é o motor da pesquisa. Antes de apresentarmos nossa hipótese, faz-se necessário explicitar a constatação realizada por Freud (1911) acerca do vínculo de Schreber com o Sol, simbolizando este o pai; esta constatação se deu através da verificação de provas ordálicas, por exemplo, entre as águias e seus filhotes. A partir desta constatação, Martins (1995) levanta a hipótese de que o ordálio exemplifica de maneira paradigmática como se deu a elaboração do Édipo do psicótico. Dentro desta mesma hipótese, tem-se a idéia de que logo que uma psicose é desencadeada, fantasias ordálicas são vividas enquanto realidade no campo da consciência.

Tendo como base tais hipóteses levantadas por Martins, levantamos a nossa hipótese de que, no contexto que leva à irrupção de uma crise psicótica, podemos verificar a atualização de fantasias ordálicas infantis do sujeito em questão. Para averiguarmos tal hipótese, buscaremos entender como se deu a vivência do complexo de Édipo por pacientes psicóticos, verificando a ocorrência ou não de provas ordálicas em sua infância. Tendo em vista que o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo e que o Ideal do Eu o constitui, questionamos se a criança – futura psicótica – foi submetida a certas idealizações em sua infância as quais, posteriormente, se tornam uma fantasia ordálica que é atualizada no momento que antecede uma crise psicótica.

Podemos sistematizar tal hipótese em três partes: é possível se verificar a vivência de uma prova ordálica (de filiação) na infância de sujeitos psicóticos? É possível verificar no contexto que leva ao desencadeamento de um surto psicótico, fantasias ordálicas que remetem ao pertencimento ou não do sujeito à sua genealogia familiar? Caso constatemos a atualização de fantasias ordálicas no momento da crise psicótica, o que acontece com o sujeito caso este não seja bem sucedido na prova ordálica? Tendo em vista que uma prova ordálica muitas vezes constitui um ritual de passagem, o qual busca marcar de forma simbólica a

¹⁰ “A hipótese é uma previsão, uma proposta de resposta às perguntas que o pesquisador se coloca. Trata-se da articulação entre a reflexão teórica e os dados empíricos. Sua qualidade depende da extensão da cultura científica do pesquisador, da riqueza e, especialmente, da originalidade de seu pensamento, que lhe permitem considerar os fatos já conhecidos de forma diferente, ou de formular proposições que digam respeito aos novos fatos. A hipótese é o motor de uma pesquisa, tendo em vista que é ela que orienta a demonstração”.

transformação do sujeito de um estado para um outro, como se dá a vivência de sujeitos psicóticos no que tange a mudança de papéis sociais? A exploração desta temática se relaciona diretamente com a questão da origem do sujeito, e foi por este motivo que escolhemos entender tais questões através do estudo de casos. Dito isso, iniciaremos com a exposição dos casos clínicos.

2.2 HISTÓRIA CLÍNICA: ORIEL

Conheci Oriel, 45 anos, durante o período em que frequentei o Centro de Convivência de um Hospital-Dia como estagiária. Foram nossas longas conversas que me introduziram no estudo da psicose e dos delírios religiosos. Depois disso, meu interesse migrou para o entendimento do processo do surto psicótico, mais especificamente, o momento vivido pela pessoa antes de uma crise. Nos seus relatos, percebi que seu surto psicótico está ligado a provações ordálicas vivenciada no momento em que Oriel se torna pai. Ao se deparar com o excesso de responsabilidades consequentes da sua decisão de casar, desloca para a figura de Deus o representante paterno que lhe faltava. Porém, vive um momento de desestruturação psíquica quando reconhece seu desejo de que esse filho fosse abortado. Tal desobediência aos preceitos divinos o fazem entrar numa fase de agitação prodromica do surto que depois surgiria. Tendo destacado a fantasia ordálica possível de ser verificada no seu caso, iniciamos a apresentação do relato de Oriel.

Oriel cresceu em uma casa com quatro mulheres: sua avó, sua mãe e duas irmãs. Os três filhos que sua mãe teve são de pais diferentes. Dona Marli, mãe de Oriel, não só nunca morou com nenhum dos pais de seus filhos, como nunca teve o apoio deles na criação destes, por julgar desnecessário. O único apoio de Marli fora sua mãe, avó de Oriel, responsável pelos cuidados dos netos durante seus primeiros anos. Pouco depois de completar 11 anos, sua avó falece.

Oriel descreve sua infância como “normal e alegre”. Dos três filhos que sua mãe teve, ele é o do meio. Sua diferença de idade em relação à sua irmã mais velha é de 2 anos; em relação à mais nova é de 1 ano e meio. Oriel relata que sua mãe “*não teve nada com nenhum homem, só os filhos mesmo*”. Ao ser questionado sobre seu pai, ele relata tê-lo conhecido desde cedo. Durante um bom tempo, seu pai morou em outra cidade, portanto seus encontros

se davam mais no período de férias ou quando este decidia visitar o filho. Oriel relata não saber nada sobre a história dos pais, ou como estes se conheceram. Porém completa dizendo *“Eu não considero que eu senti falta de pai não. Tinha minha avó, mãe da minha mãe. Morava eu minha mãe, irmãs e vó. Éramos uma família feliz. Viajávamos muito nas férias, pra São Paulo, minha mãe é de lá. Tive uma infância normal, feliz...”*

Oriel relata que seu principal contato com o pai era quando este o visitava. Quando o pai mudou de cidade, Oriel passou a ter mais contato com seus tios, irmãos do seu pai. Este período se deu quando Oriel se encontrava no segundo grau. No primeiro momento em que este estudo foi realizado, o pai de Oriel ainda morava em outra cidade. Porém, ele informa que neste meio tempo seu pai se aposentou e desde então veio morar em Brasília. Diz gostar muito do pai e o caracteriza da seguinte forma: *“Ele dizia que era judeu. Depois falava que não tinha nenhuma religião. Depois falava que gosta de ler. Eu considero ele um intelectual. Apesar de não ter formação acadêmica. Eu ligo todo dia pra ele, de manhã cedo; ou então ele me liga.”*

No que concerne à sua mãe, também fala muito pouco. Caracteriza-a como uma professora, que cuidava dos filhos, “sempre foi uma boa mãe”. Diz que tem uma idéia da sua infância pelas fotos que vê. Tem dois tios por parte de mãe (um tio e uma tia), e outros dois por parte de pai (2 tios). Porém relata ter mais contato com um tio, irmão do pai. Não chegou a conhecer seu avô (pai da sua mãe), o qual morreu aos 56 anos. Sobre sua avó, esta veio morar com a sua mãe:

Foi tudo normal. Minha avó morreu quando eu tinha 11 anos. Eu era criança ainda. Contato com vó assim não é tão próximo quanto de mãe. Então eu considero que não teve nenhum trauma. Minha mãe levou minha vó pra Goiânia, para uma clínica e lá ela morreu. Não teve grande impacto.

Sobre suas irmãs, relata ter tido um bom convívio com elas. Diz gostar muito delas, da companhia, amizade. Relata que brincavam muito juntos, tinham amizades em comum. A idade próxima ajudava. Ao resumir sobre sua infância, diz: *“Eu diria que foi tudo muito natural e não traumático. Não tive nenhum trauma de infância. Foi tudo muito tranquilo. Nada disso. Ter meus pais, minhas irmãs... Tudo muito tranquilo. Uma adolescência tranquila, uma infância tranquila”*.

Ao falar da sua adolescência, a descreve como “normal”, gostava de ir para “festinhas, discoteca”. Diz que “foi tudo normal, adolescência normal...”. Neste momento o questiono quanto ao excesso de uso do termo “normal”, e peço para ele explicar o que quer dizer com

isso ao se referir à sua infância e adolescência. Ele diz que significa “estudar, brincar, praticar esportes... foi isso”.

Ainda sobre esse período, relata como foi que passou a ser ateu. Aos 13 anos, quando estava na 7ª série do ensino fundamental, sua professora de história começou a falar sobre Moisés no meio da aula. Questionou sua existência ao dizer “*sabe-se lá se ele existiu... Quem garante que ele falou com Deus? Ele tirou tudo da cabeça dele*”. Oriel diz ter ficado influenciado por essa fala; neste momento deixa de acreditar em Deus. Diz: “*eu comecei a pensar também, ah, Deus criou o mundo, e quem criou Deus? E quem criou o outro, e quem criou... Eu tinha esse pensamento que me ajudou a ser ateu (...). E eu embarquei nessa. Desencaminhou tudo. Me converti novamente quando ia casar, aos 21 anos*”.

Ao ser questionado sobre o período anterior à sua fase de ateu, relata que quando criança costumava ir à missa com a avó, mãe e irmãs, mas sem muito envolvimento da parte dele. Disse que não foi batizado quando criança, só quando se converteu aos 21 anos. Pergunto por que sua mãe não o batizou, e ele responde “*Porque os padrinhos poderiam querer levar a gente, aí ela não quis batizar. Nenhum dos filhos. Apesar dela ser batizada*”. Pergunto o que ele pensa dessa justificativa dada pela sua mãe, e ele diz “*Ahh... pra mim tá suficiente! Por que não fez diferença mesmo, depois eu fui batizado, crismado, fiz a primeira comunhão tudo numa missa só, em 1988, antes de eu casar*”. Chama a atenção constatar que sempre ao ser questionado sobre um fato o qual exige dele uma reflexão mais aprofundada, este se recusa a entrar em contato com tal questionamento, dizendo julgar suficiente o pouco que sabe, mencionando a falta de interesse em buscar uma maior compreensão.

Após o segundo grau, Oriel ingressou à faculdade de engenharia civil aos 18 anos. Sua escolha se baseou no fato de que este gostava de física e matemática, concluindo que engenharia seria um bom curso para ele. Porém, o que realmente ele sonhava em ser, era piloto da Força Aérea. Relata ter tentado por vários meses mas não conseguiu passar na prova. Por um momento foi chamado, ficou uma semana na cidade em questão fazendo exames físicos, mas foi mal classificado. Pergunto como foi pra ele não ter conseguido ingressar na Força Aérea, ele diz “*Foi bom, depois eu achei bom.. esse negocio de ficar nas alturas.. (Risos)*”. Questiono o que o atraía na carreira de piloto, e ele responde “*voar, ficar no espaço, voando... eu queria ser piloto da força aérea*”.

Até os 20 anos, Oriel nunca tinha namorado e tinha poucos amigos. Nesta idade, sua mãe o presenteia com um livro, sem motivo aparente. O livro, escrito por um psicólogo, apresentava uma temática envolvendo culpa e medo, cuja mensagem ao final sugeria que as

peessoas aproveitassem mais a vida, vivessem os momentos, e se preocuparem menos com o que os outros pensam. Esse livro causou grande impacto em Oriel, passando ele a viver essas mensagens como regra, ou comandos. Relata que tal livro reforçou seu estado ateu. Após esse momento, Oriel diz ter ficado “egocêntrico”, só se preocupando com ele mesmo. Passa a ser agressivo com os amigos, pois deixa de se preocupar com a opinião dos outros.

Enquanto universitário, Oriel trabalhava em um banco particular de Brasília, chegando a trabalhar em dois bancos em um determinado período. No total, ficou na universidade dos 18 aos 24 anos, sem chegar a se graduar. Destes 7 anos, somente 2 foram aproveitados. Ao falar dos estudos, diz: *“Foi bom, eu me realizei como estudante. Do que eu estudei, eu achei que valeu”*, sem mostrar muita crítica para o fato de que menos de um terço do tempo que passou na faculdade foi aproveitado. Oriel relata que reprovava muito; não era dedicado e não queria estudar muito. Justifica dizendo que Engenharia é um curso que demanda muita dedicação, o que faltava nele. Por sempre passar de ano no período escolar sem muito esforço, pensou que o mesmo aconteceria na faculdade, que conseguiria passar sem ter que estudar. Acredita que seu orgulho o atrapalhou:

Também por orgulho, orgulho de ser inteligente. Eu achava que eu não tinha que estudar tanto assim. Isso eu acho que é por conta de eu não ter fé. Se eu fosse uma pessoa humilde e pedisse pra Deus me ajudar nos estudos e me dedicasse, talvez eu conseguisse, né? Eu achei que foi por causa disso.

Ainda falando desse orgulho, Oriel completa sua fala dizendo que hoje pensa que se ele tivesse passado na Força Aérea, também não teria conseguido sustentar seu trabalho lá, mesmo sendo algo que ele desejasse muito devido a esse orgulho. Ele descreveu esse “orgulho” da seguinte maneira: *“É uma vaidade, assim de achar que é inteligente, não precisa estudar tanto. Ser ateu é uma questão de burrice, eu acho... Ver toda essa complexidade do mundo e pensar que é por acaso, é um pensamento muito burro.”*

Aos 20 anos, em 1987, numa viagem realizada a fins de visitar seu pai numa cidade do interior do Brasil, conheceu uma moça chamada Joana, a qual lhe despertou interesse. De volta à Brasília, manteve contato com ela, através de correspondências. Depois de um ano, voltou à cidade do pai e a pediu em casamento. Oriel relata que tomou essa atitude por influência do livro, que defendia que as pessoas deveriam viver o presente, fazendo o que lhes viesse à cabeça.

Após essa segunda viagem, trouxe Joana para Brasília, mesmo sem a aprovação da mãe. Marli, ao descrever Joana, se remete a ela como esquisita e mal educada. Relata que os dois se trancavam no quarto de Oriel, afirmando inclusive que Joana roubava coisas da sua

casa. O conflito familiar foi tamanho que Joana volta para sua cidade, apesar da data do casório já marcada para o dia 25 de dezembro de 1988. Oriel pede que ela volte, prometendo que eles morariam juntos num espaço só deles. Joana retorna, e se casam no dia 28 de dezembro, indo residir em uma quitinete; após 6 meses, se mudam para um apartamento. Pouco depois de se casar, percebe a necessidade de focar no trabalho para sustentar sua nova casa, larga os estudos, permanecendo apenas em um dos bancos. Ao falar do seu enfrentamento da vida em conjunto, relata o seguinte:

Esse negócio de enfrentar aluguel, enfrentar a vida, e eu sendo ateu, não acreditando em Deus, ficou muito pesado pra mim. Aí eu me converti na Renovação Carismática da Igreja Católica. Antes de casar, eu tive que alugar o apartamento pra gente ir morar, aí eu fiquei sobrecarregado com as responsabilidades. É bem mais fácil viver acreditando que existe alguém superior à gente, que cuida da gente, do que viver sozinho, enfrentando o mundo só.

É nesse contexto que se dá sua conversão. Devido à riqueza da sua descrição do momento, segue o relato de Oriel sobre tal:

Eu estava deprimido em casa, né. Aí minhas irmãs comentaram com uma colega em comum e essa colega me levou para um encontro da Igreja. Ela disse ‘olha, você abre seu coração lá’. Eu nem sabia o que era abrir o coração. ‘Aí você vai ter uma experiência.’. Eu fui lá, a conversão foi do tipo protestante ‘quem quer aceitar Jesus como senhor e Salvador?’, aí eu levantei a mão. Aquele peso que tinha em cima de mim todo saiu. Foi muito bom, muito gostoso. Esse peso vinha de toda a responsabilidade, casar, enfrentar o mundo, sem ninguém, sem uma fé, sem nada. Só com minha força, que não é nada. Qual é a força do ser humano? O Ser humano é muito frágil. Aí eu ganhei uma Bíblia, dos meus padrinhos. Me converti em setembro, ia casar. Depois que eu estava casado, eles me deram uma Bíblia. Li de Genesis ao Apocalipse. Foi a primeira Bíblia que eu tive, muito aproveitada.

Após casados, Joana se prepara para um concurso, o qual Oriel lhe concede “colas” necessárias para a realização da prova. A consequência da aprovação de Joana causa um enorme mal em Oriel; este se arrepende de lhe ter fornecido cola, pois tal ato é repreendido pela Bíblia, consequentemente ficaria em maus termos com Deus. Diante deste mal estar, Oriel pede para Joana não assumir o cargo, chegando a pedir que ela escolhesse entre estar casada com ele ou seu emprego. Joana escolhe o emprego, assim eles se separam. Percebe-se, neste momento, a cobrança sentida por ele por parte de Deus Pai..

Enquanto separados, Oriel parte para uma busca mais intensa por Deus. Após um curso de evangelização, começa a pregar a palavra em residências. Mesmo separados, Oriel e Joana continuavam a se encontrar, e Joana engravida. Para Oriel, aceitar a gravidez de Joana foi tão insuportável que este cogita o aborto da criança. Porém, abortar também é ir contra os preceitos divinos. A possibilidade de desobedecer a Deus Pai é insuportável, porém vir a

ocupar o papel paterno também é. O aborto não era uma opção, visto a recriminação de Deus. Mais uma vez, fica mal ao sentir que Deus estaria repreendendo seus pensamentos.

Perto do nascimento da filha, sua mãe recebe uma ligação anônima avisando que Oriel não era o pai da criança. A repercussão dessa informação na família dele foi tamanha que não só pararam de apoiar Joana, como Oriel não registra legalmente sua filha ao nascer. Apesar disso, Oriel afirma nunca ter duvidado da sua paternidade; foi ele que levou Joana ao hospital quando esta entrou em trabalho de parto.

Logo após o nascimento da filha e da sua impossibilidade em assumir essa função paterna, Oriel formula o seu delírio principal, que continua sendo o fundamento da sua existência até hoje, 20 anos depois. Oriel, muito angustiado e agitado, procurou um retiro espiritual. Nesse retiro foi falado sobre o *fim do mundo*, e ao final sobre *iluminação*. Após o retiro, Oriel passou a acreditar que havia sido iluminado e de ter se tornado um Santo. Com sua santificação, Oriel se torna o instrumento de transmissão da mensagem de Deus para os outros Santos. Após o retiro, surge um sistema delirante que gira em torno do delírio principal: ter se tornado um Santo. Ao chegar em casa do retiro, Oriel achou que seu sobrinho estava possuído pelo demônio e tenta exorcizá-lo, pois agora é Santo. Sua irmã diz que ele deveria procurar tratamento, pois claramente ele não estava bem. No entanto, como poderia um iluminado por deus elaborar uma demanda por tratamento?

Após esse episódio, Oriel recebe o comando de Deus de que deveria caminhar até a Catedral, para que o final do mundo se concretizasse. De onde estava, partiu para a Catedral. No meio do caminho, sentiu arrepios no corpo, atribuindo este fato aos espíritos. Como deveria chegar à Catedral com o espírito puro, Oriel tira sua roupa e continua sua caminhada nu. Ele justifica esse fato fazendo referência aos índios, associando nudez com pureza. Foi apreendido na rua por policiais, resgatado pela família e levado para o hospital de base.

Já internado, no meio da madrugada, olhou pela janela e viu o sol nascer: “*o sol estava lindo e vermelho*”. Este fato foi interpretado por Oriel como uma segunda chance concedida por Deus, cabendo a ele tentar novamente alcançar a Catedral. Despreendeu-se da contenção, e fugiu do hospital. No caminho da saída, diz ter escutado “*Olha o cordeiro de Deus*”, não sabendo dizer se essa frase foi pronunciada por alguma pessoa, ou se foi uma alucinação. Novamente, continuou correndo rumo à Catedral, nu, pois o Reino dos Céus era lá, e cabia a ele chegar lá para que o mundo pudesse acabar. Mais uma vez é contido pela polícia, retornando para o HBDF. Dessa vez é amarrado por dois dias, sendo introduzido no Haldol, queixando-se de que o medicamento o deixara sem iniciativa. Oriel anuncia com

serenidade: “*Isso que vocês psicólogos chamam de crise, eu chamo de evento de fé. Foi o que me aconteceu*”. Oriel encara seu surto como uma experiência religiosa, na qual ele se tornou um instrumento de Deus.

Desde sua primeira internação, Oriel recebeu diversos outros comandos de Deus, caracterizados como estranhos. Em igrejas, sentou na cadeira do padre diversas vezes, vindo a ser expulso; já recebeu o comando de que deveria avisar a um Presidente da República a respeito de um atentado planejado contra este; já se posicionou no meio de uma avenida movimentada para *pescar homens* através de teias que saíam do seu pulso. Oriel não tem dúvida a respeito da veracidade dos comandos.

Ao ser questionado a respeito de como acontecem esses comandos de Deus, Oriel utiliza uma metáfora: “É como se eu fosse uma luva e Deus a mão que entra na luva. Os movimentos são ditados pela mão; a mim só cabe executá-los”. Ele simplesmente sente e faz, afirmando que esses comandos não passam pela audição; a *força* toma conta dele, e ele se deixa levar. Quando é tomado pela *força*, Oriel começa a transmitir a linguagem dos santos, à medida que perde controle sobre os movimentos do seu corpo. Seu comportamento e ações passam a ser controlados por Deus. São gestos repetitivos com as mãos e com o corpo: estala os dedos, produzindo um suave som; rodopia e andar de um lado para o outro. Ele não consegue entender a mensagem que está transmitindo, porém não se mostra incomodado com isso, muito menos interessado em saber. Para ele basta saber que foi o Escolhido por Deus para realizar a transmissão desses sinais.

Oriel afirma que há um espírito que, apesar dele não o ver, sempre o acompanha. Por mais que Oriel não entenda a mensagem que está sendo transmitida através dele para os Santos, ele desenvolveu uma maneira própria de se comunicar com Deus, através de movimentos realizado pelo seu maxilar. Quando seu canino vai para frente, a resposta de Deus é “sim”; para trás, é “não”. Deus responde às suas perguntas de acordo com o movimento do seu maxilar.

Dois anos depois do nascimento de sua filha e de sua crise psicótica, Oriel se reconcilia com Joana e volta a morar com ela e sua filha. É só neste momento que ele registra sua filha, reconhecendo sua paternidade perante a lei. Neste período, muda de religião, de católico passa a ser evangélico, visto que a Igreja Católica não lhe levou muito longe. Morou com Joana por mais 4 anos, até o momento em que a *força* o tomava a maior parte do seu tempo. Não conseguindo se concentrar em mais nada, inclusive no seu trabalho, Oriel é

internado pela sua mãe num hospital psiquiátrico, em seguida em uma clínica particular por quase 2 meses.

Aos poucos, Oriel perde interesse por tudo: trabalho, esposa e filha. Em 1998, é afastado do trabalho e se torna incapaz, cabendo à sua mãe a realização da sua separação de Joana e de seu pedido de aposentadoria. Após seu *evento de fé*, Oriel foi aos poucos perdendo sua habilidade de conviver e funcionar socialmente. Atualmente, ele é totalmente dependente de sua mãe.

Oriel iniciou seu tratamento no Centro de Convivência do Hospital-Dia em que estagiei em 2001, sendo esse início difícil pelo fato dele sempre ser desviado do seu caminho devido aos comandos recebidos por Deus. Seu tratamento só se iniciou com uma Acompanhante Terapêutica (AT), que o levava para o Centro de Convivência, dentre outros lugares de seu interesse, como a igreja. Quando sua AT, a qual ele estava profundamente vinculado, anuncia sua gravidez, ele entra novamente em crise, de forma semelhante à sua reação quando sua esposa anuncia a gravidez. Nesta situação, ele tira toda a sua roupa na beira do lago, atravessa-o e chega em sua casa, após uma caminhada de mais de 15 quilômetros. Cabe à sua irmã e cunhado a recuperação de suas roupas e documentos, que foram abandonados na beira do lago.

Até os dias atuais, Oriel frequenta a clínica; em momentos em que se encontra mais estável, passa a frequentar somente o grupo de encontro semanal. Quando volta a se colocar em situações de risco, passa a frequentar diariamente o Centro de Convivência, isso quando seu caminho não é desviado devido aos comandos de Deus. Oriel relata que a *força* “*nunca parou, nem com remédio. Depende da solicitação espiritual. Acontece sempre. É como se fosse uma segunda natureza em mim, espiritual. O espírito se manifesta. Ele faz eu fazer, não é que ele peça*”.

Oriel não se considera como portador de um transtorno de pensamento, afirmando que só acata com o tratamento para a tranquilidade da sua mãe que o considera “louco”. Não se vê como um doente mental, e sim como alguém não compreendido em todas as esferas sociais. O diagnóstico dado a Oriel é o de esquizofrenia paranoide (F 20.0 do CID 10).

Pergunto sobre sua relação atual com sua ex-esposa e filha, Oriel diz que há uns 3 anos sua filha, que hoje tem mais de 20 anos, buscou uma reaproximação com ele. Segundo Oriel, ela sentiu a sua falta, aceitando-o como ele é. Atualmente, eles tentam se encontrar semanalmente. Por outro lado, Joana não aceita quando Oriel começa a realizar a linguagem

dos santos, perdendo a paciência. Porém, ele só é a “luva”, quem executa os comandos é Deus. Desta forma, não pode controlar a manifestação da *força*.

Caracterizo Oriel como um homem que transmite paz, serenidade, sempre com um sorriso estampado no rosto. Carisma é sua marca. Ao ser questionado “Como vai você?”, a resposta sempre é a mesma “Muito bem!”. No Centro de Convivência, ele pode viver seu delírio de maneira plena. Ele pode ser Santo. Os outros pacientes lhe concedem esse lugar, sendo algumas vezes uma espécie de conselheiro espiritual, com o auxílio da sua Bíblia Sagrada.

Tendo em vista as dificuldades encontradas para acessar a história de Oriel como um todo, principalmente no que concerne às suas memórias infantis, senti a necessidade de entrevistar alguém de sua família. Por mais que Oriel tenha narrado os fatos da sua história com muita disposição, me restou a sensação de incompletude, de algo vago. Ainda não tinha elementos para entender como se deu a constituição dos seus ideais. Foi por este motivo que busquei uma pessoa que tivesse acompanhado toda a evolução da sua história, sua mãe. Esta senhora de mais de 70 anos, com a saúde claramente debilitada, aceitou colaborar com o estudo de caso do seu filho, nos dando seu relato.

2.2.1 Relato de Dona Marli (mãe de Oriel)

Dona Marli inicia contando sobre o nascimento de Oriel, dando prosseguimento ao relato na ordem que os fatos se apresentavam em sua memória. Tentarei apresentar seu relato numa sequência temporal. D. Marli veio para Brasília na inauguração da cidade, no primeiro concurso para professores que houve. “*Aqui era um bando de aventureiros. Época em que ninguém ligava pra nada*”. O primeiro filho homem que teve faleceu pouco depois do seu nascimento. Ela atribui à falta de recursos no hospital a responsabilidade por tal perda. Somente dois anos depois, veio sua primeira filha. Oriel nasceu um ano e nove meses depois, e a caçula, um ano depois. Cada um de seus filhos foi de um pai diferente. Ressalta que não constituiu relacionamento com nenhum deles. Segundo ela, *se não fosse para ajudar, que não atrapalhasse*. Assim, cuidou dos três filhos com ajuda da sua mãe, peça fundamental na sua história. Foi devido ao apoio da mãe que conseguiu trabalhar e sustentar a casa.

Relata que quando descobriu estar grávida de Oriel não estava esperando, ou seja, não havia constituído um espaço psíquico para receber seu filho. Porém, continuou suas atividades sem refletir muito sobre tal novidade. Disse que não tinha muito tempo para pensar se era feliz. Trabalhava o tempo todo, só parando para *“comer, tomar banho, fazer as necessidades e só. Naquela época não tinha negócio de pré-natal, nada disso”*. Assim, o nascimento de Oriel foi rápido. *“Ele pôs a cabeça no mundo, depois os ombros e saiu logo. Que nascimento rápido!”*.

Foi o pai que registrou seu nome. Ele perguntou à D. Marli qual nome ela gostaria que o filho tivesse, e ela disse “Alexandre”, por representar uma pessoa forte. Já o pai queria um nome bíblico, porém colocou um nome cujo significado era “filho de ouro”, Oriel¹¹. D. Marli relata que quando o pai de Oriel chegou em sua casa e disse que não registrou o filho com o nome Alexandre, não reagiu e pensou *“Tá bom... pelo menos colocou alguma coisa”*. De acordo com o relato de D. Marli, pouco depois do registro do nome, o pai some temendo ter que assumir grandes responsabilidades. Dois anos depois, retorna à cidade, sem nunca ajudar financeiramente com os cuidados do filho.

Considera que o filho teve uma infância normal. Com um ano já falava e andava. Segundo D. Marli, ele gostava de ser independente. Aos 3 anos, seu pai o matricula numa escola de freiras. Apesar do pai não colaborar financeiramente, ele escolhe a escola do filho e D. Marli não se opõe num primeiro momento. Com pouco tempo de matrícula, relata um episódio no qual o pequeno Oriel foge da escola, percorrendo uma longa avenida até chegar em casa. Durante o percurso, uma freira corria atrás dele. Chega em casa chorando, sozinho. Depois desse fato, não quis mais voltar para aquela escola. D. Marli não sabe bem por quê, mas acredita ter sido por medo do pai o levar embora e medo da freira, com seu vestido preto. Imagina que a freira botou medo nele. Aguardou a filha mais nova ter idade para estudar e matriculou os dois em uma outra escola, não tendo mais problemas.

Caracteriza Oriel como uma pessoa sem agressividade, desde pequeno. Diz que ele buscava entender as outras crianças. Para ilustrar tal fato, relata uma situação a qual presenciou quando ele tinha apenas 5 anos de idade:

Teve uma vez que um vizinho mais velho bateu nele, chutou ele e ele não fez nada, ficou paradinho, olhando pro céu. Não fez nada com essa criatura... Aí eu olho pra trás, e pensei, bem deve ter ido embora. Ele tava brincando com um montinho de terra, olho pra trás e o menino veio, mete um pescoção e dá um chute nele, eu voltei e falei ‘o que você está pensando?’. Aí eu bati nesse menino! A mãe veio feito uma leoa. Isso ela viu, né? Mas não viu o que o filho dela fez com o meu. Eu não falei

¹¹ O nome foi trocado, porém o significado mantido.

nada. Pensei ‘Meu Deus do céu, a gente tem que estar aguentando, apanhando, sem fazer nada e o outro’... Só sei que separou a história e a gente (eu e a vizinha) nunca mais conversou por conta disso. Ficou muito chato pra mim, por que.. eu também não sou de agredir só que, uma vez que ele bateu, olha pra trás vê que eu to olhando e continua batendo? Não... Nossa, Senhora, tá pensando que meu filho é saco de pancada agora?

Termina tal relato, por meio de risos, dizendo que era capaz de Oriel ter sentido dó do menino no final.

Quando Oriel tinha 7 anos, numa nova tentativa de participar da vida do filho, seu pai o levou para conhecer sua família paterna. D. Marli relata que Oriel se enturmou sem maiores dificuldades, aparentando se sentir bem com seus parentes. Quando seu pai queria passear com ele, o pegava em casa sem cerimônias. D. Marli diz que nunca tiveram problemas nesse âmbito. Achava bom que o pai de Oriel fosse distante “*não me amolou muito, foi bom*”. Como ela disse, “*se não for ajudar, não atrapalhe*”. Oriel só foi realmente se aproximar do pai nos últimos anos. Atualmente os dois se falam com frequência diária.

Por ser muito ocupada, o contato de D. Marli com os filhos se limitava a momentos de maiores cuidados, como levar pra tomar vacina, ir no médico, cuidar da alimentação. Quando estava em casa, procurava ver se estava tudo bem, se faltava alguma coisa, como bolachas para lanche. “*Quem criou mesmo, deu colo, deu carinho, deu banho na hora certa foi minha mãe*”. D. Marli relata que sem a ajuda da sua mãe não teria conseguido trabalhar e dar conta do cuidado dos filhos. Para a avó, viúva, os netos eram a sua diversão.

O que D. Marli sempre desejou para Oriel era que este fosse um homem respeitável. Ao falar sobre o adoecimento do filho, relata que seu maior medo era de perdê-lo para a doença.

Ele não merecia. Ele fez todas as coisas direitinho, cuidava da irmã dele... Na escola não tinha preocupação. Ele tinha as coisas dele bem direitinho. Era ele que organizava tudo, ele que cuidava, não deixava que faltasse nada. A mala dele estava sempre pronta, a lição sempre pronta. Ele não procurava enganar professor. Ele sempre colaborava com a escola. Até uma vez teve uma professora que observava muito eles, me chamou e disse ‘Seus filhos são muito diferentes dos outros...’ A diferença que ela viu foi no comportamento mesmo. Os outros faziam birra, se rasgavam, se empurravam na fila. Meus filhos não tinham esses comportamentos. Eles ficavam olhando. Acho que tinham medo (Risos)! Acho que tinham medo de chegar em casa e apanhar.

Após esse relato, solicito que D. Marli fale mais sobre esse ‘medo’ suposto dos filhos em relação a ela. Ela completa falando que não sabia bem,

Só sei que eu chegava em casa e eles já tinham tomado banho, televisão desligada, já estavam dormindo ou fingindo estar dormindo, mas que estavam bem quietinhos estavam, assim pelas 9, 10 da noite. (...) Acho que não tinham medo de mim, eu não ia tirar eles da cama pra apanhar. Eu não acho que era nada fora do normal. Eles só

eram comportados, só. Era fora do normal quando comparados com outras crianças. Eles não podiam deixar minha mãe nervosa por que ela já era de idade. E ela tinha diabetes, e naquela época não tinha os medicamentos de agora. Ela sofreu na carne todas as manifestações que a diabete trás. Eu considero minha mãe uma mártir.

É desta forma que se refere à sua mãe. Relata que apesar de todas as dificuldades com a saúde, ajudava muito com o cuidado dos netos, “*Minha mãe era nota 100*”. Quando Oriel tinha 11 anos, sua avó teve um derrame cerebral, ficando 3 meses internada no Hospital de Base. Chegando no limite máximo de tempo de internação do hospital, foi transferida para Goiânia, ficando lá até sua morte. D. Marli diz que a morte de sua mãe foi muito triste. Para preservar os filhos, estes foram excluídos do processo de internação da avó, nem mesmo ao enterro foram.

Ao falar sobre alguns outros aspectos da infância de Oriel, relata que quando criança este dizia querer ser presidente da república ou então palhaço. Presidente pois queria ser um homem inteligente e fazer bem aos outros; palhaço para fazer todo mundo rir. Termina seu relato dizendo “*Não deu pra ser nada, né?*”

D. Marli nunca se preocupou em forçar religião alguma nos filhos. Para ela, quando tivessem idade de compreender, iriam procurar. Quando Oriel tinha 18 anos, conheceu uma moça que veio a se tornar sua madrinha em todas as cerimônias católicas: batismo, primeira comunhão e crisma. Um dos primeiros relatos de D. Marli em relação a um estranhamento no comportamento do filho foi uma vez em que foram para uma missa. Conta que Oriel foi no altar e voltou rindo, como se não tivesse crença nenhuma, como se estivesse caçoando. Enfatiza como achou estranho aquela cena.

Nessa mesma época, ganhou um livro cuja temática era reconhecer seus pontos fracos. Relata que, após a leitura do livro, Oriel ficou muito impressionado, mudando o pensamento dele: passou a não ter medo de nada, nem de enfrentar. Foi nessa época em que começou aulas práticas para tirar carteira de habilitação. A movimentação de Oriel levou a todas em sua casa, mãe e irmãs, se mobilizarem para fazer o mesmo.

D. Marli conta que foram 3 vestibulares que Oriel prestou, passando nos 3. O primeiro foi para Educação Física. Fez um semestre e parou. Depois Engenharia Civil, chegando a cursar um ano até largar. O terceiro e último curso foi Engenharia Elétrica. Nesse mesmo período, Oriel e sua irmã mais velha fizeram um concurso para um banco e ambos passaram. Foi a mesma época em que decidiu casar com Joana, a qual veio a ser a mãe de sua única filha.

Foi trabalhar num banco e depois em outro, e ainda estudar na faculdade, e ainda ficar com essa moça, né? Foi aí que a cabeça atrapalhou toda. Aí a gente foi num

pastor crente, e o pastor falou que ele tinha exagerado no que tinha assumido, né? Aí ele perdeu a rota da vida mesmo... Aí o negócio ficou feio, né?

Decidiu largar a faculdade, na qual ele só reprovava. Assim, fica nos dois empregos e vai morar com a nova esposa. D. Marli fala muito pouco dessa moça *“Ela queria dominar pra ver se pegava o dinheiro dele. Ele dava tudo, ficava com nada... Eu não fiquei muito chegada nessa história não...”*.

Em seguida, decide fazer um retiro espiritual num convento durante 3 dias. Neste retiro estudou entre alguns assuntos: iluminismo e o final dos tempos. D. Marli relata que após esse retiro, Oriel voltou diferente. Pendurou um quadro de Nossa Senhora perto de outro que já existia na casa de D. Marli. *“Toda vez que ele passava pelo quadro ele se persignava. Parecia que ele tava vendo alguma coisa. Os olhos dele brilhavam, assim, ele parecia uma pessoa que tinha sido chamada. Aí eu fiquei observando isso”*.

Foi após o retiro que se iniciaram as “experiências” do tipo: atravessar o lago a nado numa temperatura muito fria, nadar no espelho d’água só de cueca, pegar o carro e levar as pessoas do ponto de ônibus pra casa. Para ela, uma das vezes que mais a marcou foi quando Oriel chegou em casa só de cueca. Foi para uma igreja, deixou a roupa dobrada lá e foi embora pra casa. *Não sei como não pegaram ele (...) Chegou em casa de cueca e perguntei ‘cadê sua roupa’, aí ele falou que tinha deixado na igreja, que tudo foi Cristo que pediu pra ele... Aí eu pensei, o meu filho não tá bem da cabeça...*

Em um outro momento, fez o mesmo, porém foi detido pela polícia. Nesta vez, D. Marli não estava presente. Tinha ido visitar a filha caçula em outra cidade. Oriel saiu da Igreja Católica e foi para a Assembleia de Deus. *“Ele rezava mais do que os pastores; sabia tudo de cor na cabeça dele. Sempre com esse olhar diferente. Os olhos brilhantes, essas coisas...”*.

Até sua aposentadoria por invalidez, D. Marli relata que foram diversas as licenças de trabalho com tempo indeterminado. Pouco depois da sua primeira licença, foi para a casa de D. Marli. *“Ficava parado como se o espírito não tivesse no corpo. Tinha que cutucar ele pra comer, pra tomar banho, pra sair se não, ele não ia. Ficava deitado, entregue às meditações dele na cama. Ficou dois anos assim, sem reação alguma.”*

Depois, sua esposa resolveu levar ele de volta pra casa, passando a se responsabilizar pelo seu tratamento. O acompanhava nas consultas médicas e psicológicas. D. Marli se impressionou, uma vez, com a quantidade de remédios que ele estava tomando. Para D. Marli, sua ex-esposa não enxergava o que Oriel tinha. Gostava de fazer festas, e achava engraçado. Acompanhava Oriel nas coisas que precisava, até o dia em que não quis mais. Nesse momento, Oriel volta para a casa da mãe onde vive atualmente.

Por diversas vezes, Oriel quase entrou em crise por não estar tomando as medicações corretamente. Descreve suas crises da seguinte maneira *“fica fora de si, andando demais, rezando demais, fica com intolerância, porque não quer que perturbem o mundinho dele”*. Ele pensa que não tem que tomar remédio pois é o espírito santo que o governa. Vai na igreja, se ajoelha que nem o Papa, chega a beijar o chão. *“Sabe a missa de cor, se deixar ele reza a missa por conta dele. Ele vai na igreja e conversa com todos os santos que ele conhece e sabe a história”*.

D. Marli conta que na época tinha o hábito de escrever muito. Registrava suas observações em relação ao filho. Diz que foi complicando, muitas coisas para resolver, e acabou encerrando tal hábito. Também reclama por nunca nenhum profissional ter mostrado interesse nas suas notas. *“Graças a Deus que a gente encontrou a clínica, por que eu não tinha mais comunicação com ele, né?”*

Atualmente, Oriel tem ficado mais em casa, assistindo TV ou dormindo. Só levanta para fazer as refeições. Gosta de assistir programas religiosos; gosta também de fazer telefonemas ao longo do dia, os quais chegam a durar até 2 horas. Costuma conversar com outras crentes, ou ligar para as pessoas para recitar versículos da Bíblia. Isso incomoda a mãe, a levando a brigar com ele por conta disso. Para ela, telefone é para coisas necessárias e urgentes.

Recentemente, a neta de D. Marli de 17 anos veio morar com eles pois engravidou e sua mãe, irmã de Oriel, não tem condições de apoiá-la. D. Marli percebe que a presença da sobrinha grávida vem perturbando Oriel. Mais uma vez, a gravidez é motivo de agitação, perturbação, mobilização psíquica em Oriel. Ao refletir mais uma vez sobre a doença do filho e como ele *“não deu pra ser nada”*, D. Marli elucubra sobre como na normalidade tudo é mais fácil. Diz que tem esperança na normalidade, e no caso do filho não há. *“Tirar todas as direções, já tendo conseguido alguma, aí é difícil...”*. Porém, diz que Oriel é um ótimo filho, que gosta muito de ajudar. Gosta e respeita demais as irmãs. Um filho de ouro.

2.3. História Clínica: Dias

Loucura

Ópio daqueles que sonham serem reconhecidos, inclusos,
Tudo que se sinta, tudo que se imagine e o que desejo,
Tudo que ainda não vivi.

Marca daqueles que trazem em sua alma as dores do preconceito,
Todas as cores em harmonia, todos os cheiros de todas as flores,
Todas as sensações e tudo que se prove.
Sonham com a luz de seus sonhos, com a alegria escondida,
Com a paz em vão já perdida...
Esperança em seus olhares assustados que anseiam ver a troca
Das estações também em suas vidas, em seus corações.
Ninguém pode alcançá-los, há muito se esconderam nas salas mais escuras de suas mentes feridas.
Ah! Se pudessem voltar ao ventre materno e lutar e não ter nunca mais o medo de amar, de demonstrar o amor!
Seres humanos que encontram na loucura a única saída,
Um grito carregado de ilusão e dor.
Corações esmagados pela impiedosa e intolerante opressão de seus paradigmas, de seus valores perdidos.
Homens e mulheres que um dia sonharam, hoje só aguardam,
Esperançosos, lutam com todas as suas forças para se manterem sóbrios.
Indivíduos belos, à procura do Elo da perfeição (Amor),
Acharam uns com os outros o Caminho, a Verdade e a Vida!

(Dias, 2008)

Ao terminar meu primeiro estudo sobre um caso de esquizofrenia, senti a necessidade de dar continuidade à investigação da ordalia na psicose. Dessa vez com uma pessoa que tivesse menos dificuldade em recordar e se comunicar. Foi pensando nisso que convidei Dias para participar desse estudo. Dias revela a experiência de ter sido submetido a uma prova ordálica ainda muito novo, através da fala de sua avó biológica de que *ter um pênis é o que torna todo homem mau*. Anos depois, após o falecimento da sua mãe, ao vivenciar o rito do Carnaval com sua proposta de transformação do estado de sagrado para profano, juntamente com o convite de que se exerça a sexualidade, Dias vive sua primeira crise psicótica ao atualizar sua fantasia ordálica de infância.

Dias também era paciente da clínica durante o período em que estagiei, e desde o início um vínculo entre nós fora estabelecido. Foi ao longo de nossas inúmeras conversas que descobri a habilidade do paranoico em revelar aspectos mais profundos de sua história, com uma riqueza de detalhes. Penso como Freud¹² ao afirmar “a investigação psicanalítica da paranoia não seria possível se os doentes não tivessem a peculiaridade de revelar, ainda que de forma distorcida, justamente o que os demais neuróticos escondem como um segredo”.

Como condição do estudo, Dias, 35 anos, pede que sua história fosse apresentada na íntegra. Solicita ser identificado pelo seu nome próprio; lhe explico que isso não é possível devido a um compromisso ético que eu tenho como pesquisadora. Então, pede autorização para escolher o seu nome no estudo, “Dia”. Como a escolha do nome muito nos interessa, este explica que *Dia* é o nome que deseja dar ao seu filho, nome espiritual. Relaciona esse nome à

¹² FREUD (1911). *O caso Schreber*. OC, v. 10, p. 14

eternidade, lugar onde não existe noite, dor, doenças, onde as pessoas não choram. “*Pelo contrário, lugar maravilhoso para viver, representando uma alegria eterna, vida eterna. Um local que vai ser só dia*”. Chegamos a um comum acordo de denominá-lo ‘Dias’, por se tratar de um nome usual. Importante destacar que essa primeira condição foi reformulada inúmeras vezes ao longo do estudo.

Uma grande característica de Dias é ser extremamente prolixo, relatando sua história nos mínimos detalhes. Buscarei expor seu caso de forma cronológica e cuidando para os detalhes. Dias inicia relatando que sua mãe teve duas mães, uma de criação – tia, irmã da mãe –, e a biológica. Sua mãe cresceu num apartamento com a sua mãe biológica, e duas tias. Dias com frequência se refere a essas duas avós, a biológica e a tia-avó, mãe de consideração de sua mãe. Sua avó de criação nunca se casou, ficando fora do circuito de trocas amorosas e eróticas, tal como acontece na vida de Dias. De acordo com seu relato, sua avó de criação morreu virgem.

Uma das primeiras recordações de Dias é frequentar a casa dessas avós, a qual vivia lotada nos finais de semana. Gostava muito de estar lá. Como primogênito, Dias relata que foi muito amado pelos seus familiares. Foi também o primeiro neto. Conta que suas avós gostavam de cozinhar para ele. Cresceu ouvindo que era *um príncipe*. Dias tinha o hábito de passar seus domingos na casa dessas avós. “*Eu to te contando isso pra você entender a importância das pessoas idosas na minha vida*”. Em outro momento completa “*nasci em berço de ouro, mas não relacionado à riqueza, mas sim que fui muito amado. Fui o primeiro dos homens*”.

Recorda desde cedo o hábito de “*fugir da realidade*”. Desde uma idade precoce, Dias relata muita ansiedade em situações de exposição, como formaturas, nas quais que se celebra e ritualiza, o fato de uma pessoa ter dado provas de algum tipo de competência. Sua primeira recordação de uma situação destas foi numa cerimônia do maternal, na qual as crianças seriam homenageadas.

O que eu me recordo é que eu não queria de forma alguma fazer parte daquilo. Acho que foi a primeira vez que eu acho que eu tenha deixado de estar num lugar e ido para outro lugar. Estava lá presente mas não estava. (...) Foi a primeira vez que eu fugi da realidade. Só não queria estar ali presente.”

Outra recordação muito viva relatada por Dias foi uma situação em que fez algo que deixou sua mãe muito chateada. Não lembra especificamente o que ele fez, somente da reação da mãe de se trancar no quarto por um longo período de tempo. Diz ter se sentido angustiado,

com sensação de perda. Lembra de bater na porta e dizer *‘mãe, abre a porta, abre a porta! O que está acontecendo?’*. Somente após um período de quase uma hora, sua mãe sai.

No seu primeiro dia de aula fugiu da escola, sendo resgatado pela professora que sentiu sua falta. Não tem muitas recordações dessa escola, somente que costumava ficar isolado e que tinha muita dificuldade em fazer amizades. Se caracteriza como tímido. Neste período, um colega lhe diz que tinha uma *bruxa* do lado de fora da escola, gerando nele um medo enorme de sair da escola. Relata que já nessa época tinha alucinações auditivas, as quais ele atribuía à *bruxa*.

Nessa época eu já tinha alucinação auditiva (...). Esquizofrenia pra mim é uma dificuldade de entender aquilo que tá vindo de pessoas, sejam pessoas perto ou longe. A dificuldade de discernir o que é real, o que está vindo de outros seres humanos, e o que não é real a minha mente produziu isso. (...) Sempre minha vida toda eu tive problema com o que eu ouvia. Porque eu não conseguia discernir se vinha da minha mãe, ou do meu pai, sempre foi muito difícil. Assim *‘quem tá falando comigo? Será que é a Bruxa?’*

Dias interrompe o relato para descrever o que é a esquizofrenia para ele, o que o diferencia das outras pessoas, algo que faz ao longo de toda entrevista:

Eu tenho um nível de consciência que a maioria das pessoas com esse transtorno não têm. Eu demorei muito a entender que essa era a forma do ser humano se comunicar. Ele se comunica não só falando. Um casal de namorados ou casados, ou num local de trabalho, você se comunica com a pessoa sem abrir a boca. Hoje eu sei disso, demorei muito tempo. Mas isso é inerente ao ser humano. No meu caso eu demorei muito a entender isso, que as alucinações não eram todas irreais não! A maior parte vinha das pessoas ao meu redor. Hoje, se você pensar um pouco mais alto, eu vou saber o que você pensou. Isso é inerente ao ser humano. Mas é um nível de consciência que eu consegui, depois de pensar muito sobre isso. Então esquizofrenia é isso, uma dificuldade de discernir o que é real e o que não é.

Naquela época, não entendia de onde vinham aquelas vozes. Hoje, relata ter finalmente desvendado o mistério, afirmando com convicção que as vozes que ouve são dos pensamentos das pessoas.

Hoje eu sei que 90% de tudo que eu ouço é realidade, mas eu demorei muito tempo para entender isso. Por isso que o psiquiatra fala *‘são alucinações auditivas’*, porque o paciente não tem essa consciência, ou é tudo uma auto-referência ou não ouve nada. Então são pessoas que de certa forma tem uma certa alienação. Então era uma certa dificuldade de entender de onde vinha aquilo. E o que eu me recordo é que já nessa época eu conseguia ouvir, só que não entendia.

Neste período, recorda de uma outra situação que o marcou. Era formatura da alfabetização e no final da cerimônia as crianças dançariam em pares. Novamente ele relata como traumática uma situação na qual a comunidade celebra o fato dele ter estado à altura do esperado por uma criança na sua idade, ser alfabetizado. Lembra que o designaram para

dançar com a menina considerada por ele mais bonita do colégio, o que o deixou muito contente e ansioso. No dia do evento, quis ficar o mais bonito possível, indo com o pai cortar o cabelo. Depois, acompanhou sua mãe no salão. Enquanto a aguardava, teve a idéia de passar gel no cabelo:

Eu nunca esqueci disso porque, nossa, foi um momento que eu não gosto nem de lembrar. Queria passar gel no cabelo porque queria ficar mais bonito. Esse camarada, homossexual, botou gel com purpurina colorida no meu cabelo. Na hora pedi pra minha mãe tirar aquilo do meu cabelo. Foi um tormento pra mim, não consegui curtir um minuto! Me senti feio. Na época fiquei chateado com minha mãe, ‘como você deixou esse cara fazer isso?’. Estragou minha festa.

Ainda falando desse período da alfabetização e das suas alucinações auditivas:

Foi a época em que eu comecei a ter consciência de que eu escutava algo. Eu só vim a descobrir que é inerente ao ser humano muito recentemente. A maioria das crianças não tinham consciência que ouviam. Os adultos se comunicavam, sem falar, que é algo muito natural pra mim hoje. Conscientemente eu ouvia. Várias vezes eu perguntei pra professora ‘professora, você tá me chamando?’ ‘Não, to não.’ ‘Tem alguém me chamando em algum lugar?’ ‘Não, não tem’. Eu comecei a ouvir com 4, 5 anos de idade, o que as outras crianças começam a ouvir só na 6a., 8a. série, quando o ser humano vai se formando. Eu comecei a tentar descobrir de onde vinham as vozes. De quem estava vindo aquelas vozes? Com certeza dos professores! Dos adultos, tanto que isso é do mundo dos adultos. Só que a pessoa que tem o transtorno esquizofrênico cria, nem tudo é real. 90% do que eu ouço hoje é real, mas 10% minha mente pode criar. Eu me tornei um falsário por causa disso.

Importante pontuar que, para Dias, a comunicação não verbal por pensamento faz parte do repertório de comunicação dos seres humanos, em especial dos adultos. Dando continuidade ao relato dos fatos mais marcantes da sua infância, chega no momento do seu trauma, aos 4 anos de idade. Estava na casa das suas avós, brincando na sala. Sua avó biológica o chama para tomar banho. Quando chega no banheiro, percebe que suas duas primas – que naquela época tinham 5 e 8 anos – já estavam nuas na banheira. Dias relata ter se sentido constrangido porém excitado por causa das primas. Ao ficar nu, continua narrando a cena:

(...) as duas estavam na minha frente dentro da banheira, a minha vó tava atrás, e eu tava nu ali, e a minha avó olhou para o meu pênis, apontou e disse ‘Tá vendo meninas, isso é o que torna todo homem mau’. Eu não lembro de nada do que aconteceu naquele banheiro, só lembro que quando sai do banheiro eu senti primeira uma sensação de liberdade de sair daquele espaço que minha avó dominava. A primeira coisa que eu pensei ‘eu não sou mau; isso é o que torna todo homem mau, eu não sou mau’. O detalhe foi que naquele momento eu não vi o corpo das minhas primas, então eu não poderia saber que o meu corpo era diferente do delas. Minha vó deveria ter me deixado ver elas nuas também, se ela quisesse que eu aprendesse. Eu já perdoei minha avó há muito tempo, mas ela foi muito infeliz de ter dito isso.

Um ano depois desse episódio traumático, o qual Dias associa ao que posteriormente chamou de impotência, ele tem uma idéia. Ainda perturbado com a experiência do banho,

decide chamar a prima que era um ano mais velha para debaixo da cama e comparar suas genitais. Relata que “*essa foi minha única experiência sexual até hoje*”. Quando pensa naquele momento, Dias percebe um sentimento que o atormentou ao longo da sua vida, o impedindo de viver momentos de prazer sexual. Continua seu relato falando dessas sensações ambivalentes ao mesmo tempo em que narra a cena:

A sensação naquele momento era uma sensação de extremo prazer pra mim (...). Era um momento de muito prazer, mas na minha mente tinha aquele pensamento, ‘eu não quero ser mau’ que me impedia de viver aquele momento. Isso me atormentou a minha vida toda. Me lembro do meu primeiro beijo no colégio que eu não dei, porque sempre na minha mente existia algo que atrapalhava eu viver aquele momento. Ela tava muito excitada e eu também, me dava muito prazer, dava, mas não saía da minha mente aquilo. Então eu observei que ela também tinha um pênis. Quando eu tocava na protuberância dela, ela ficava excitada, e quando eu tocava no meu pênis, eu também ficava. A conclusão que eu tirei ‘eu também sou uma mulher, só que uma mulher de pênis grande’.

Ao relatar tal cena, Dias reflete sobre o efeito da afirmação que certa criança é má. “*Ela enlouquece! Nenhuma criança quer ser má, ninguém quer ser mau*”. Assim, naquele momento constitui a fantasia na qual não é homem mas sim uma mulher de pênis grande. A descoberta de que não é homem, portanto *não é mau*, foi seguida de alívio apesar de não entender ainda a diferença entre um homem e uma mulher. Ao lembrar da cena no banheiro, percebe que o trauma deve ter sido vivido não só por ele, mas pelas primas também. “*Eu me tornei impotente, minha prima mais velha se tornou homossexual e a mais nova tem uma vida completamente desregrada (hoje tem 35 anos e já tem 4 filhos). (...) Deve ter pensado ‘eu não quero homem mau’.* Ela realmente se tornou homossexual”.

Tendo em vista a importância de tal evento vivenciado como traumático para Dias, escolhemos a definição de *trauma*, encontrada no Vocabulário da Psicanálise (LAPLANCHE e PONTALIS, 2008) como um acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade e incapacidade do sujeito em reagir de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provocam na organização psíquica. Também se verifica uma intolerância em elaborar psiquicamente tal vivência.

O momento em que descobriu que de fato era um homem foi durante uma aula de educação física da escola. É comum em atividades de educação física a separação em dois grupos: meninos e meninas. Após as atividades de educação física no grupo dos meninos, estes foram para o vestiário trocar de roupa. Ao olhar para seus colegas, Dias relata:

Quando eu tirei minha roupa no vestiário e todos tiraram eu tomei um choque. A primeira coisa que eu pensei “eu sou homem, eu não sou uma mulher!” E aquilo foi tão constrangedor. Foi um misto de alívio e de tormento “puxa, eu sou homem, eu sou igual mas eu sou homem, eu sou mau”. Esse era o conflito. Isso sempre me

impediu de viver aquele momento, o momento do primeiro beijo, de ficar.. sempre foi difícil de viver por causa do meu intelecto: Dias, você não pode tocar numa mulher! Você não pode fazer esse mau a ela.

E foi desta forma em que diz ter descoberto seu verdadeiro sexo. Para Dias, o *lance da impotência* o atrapalhava inclusive nos esportes, percebia que os colegas se davam bem e ele não. Relata que desejava suas amigas, mas seu corpo não tinha aquela qualidade física, caracterizando seu mundo como *assexuado*.

Suas últimas recordações sobre esse período escolar eram de muito isolamento. Desde aquela época, estar perto de muitos conhecidos é atormentador. Quando ia ao parquinho junto das crianças, as vozes que ele escutava se multiplicavam ainda mais (*‘as alucinações se multiplicavam mil vezes’*). Assim, durante muitos anos buscou o isolamento perto de um tanque com tartarugas que havia na escola. Porém, ainda assim ouvia algumas vozes.

Foi a partir da 6^a série que as coisas começam a mudar. *“Aquele homem que tinha fobia social agora virou um homem que dava trabalho, que praticava bullying, que não tava nem aí para as pessoas. Eu sai de um homem muito reprimido para um outro oposto, um homem violento”*. Relata que nesta fase costumava frequentar constantemente a sala do diretor devido ao seu mau comportamento. Nesse período, Dias lembra de ter começado a se masturbar. Conta que foi aos 12 anos de idade que descobriu que do seu pênis saia algo. Um primo lhe apresentou uma revista pornográfica. Foi o início de uma fase que ele descreve como sendo de vício. Tal fase terminou somente em 2008 quando se redescobre *potente*. Dias narra que até 2008, sentia atração psicológica pelas mulheres e não física, só conseguindo uma ereção via a pornografia (revistas e vídeos). Assim, relata que seu chamado vício foi tal, que aos 15 anos costumava alugar 4 vídeos por dia, se masturbando a tarde inteira, *única maneira de sentir prazer*. Hoje ele relaciona essa longa fase de impotência na sua vida com o trauma de infância.

Havia um grande problema: meu pênis me torna mau, eu não devo ser mau; para não ser mau eu não vou usar meu pênis com mulher nenhuma para não fazer mal a ela; eu vou tratar elas super bem, e não fazer mau.

Aos 13 anos, acontecem uma serie de fatos determinantes: sua mãe gravemente adoecida engravida, e seu pai o leva a um cartório para tirar sua carteira de identidade. Ao esperar sua vez, repara na assinatura de um homem que estava na sua frente, o qual a finaliza com uma grafia determinada. Dias relata ter achado bonito os traços gráficos no final da assinatura do homem e os reproduz na sua. Alguns anos depois descobriu que aqueles traços representavam uma fraternidade composta por homens muito respeitados.

Só aqueles que pertencem a tal fraternidade utilizam esses traços gráficos. Então eu passei a minha vida toda, por exemplo, ia num local, na mesma hora que eu apresento minha carteira as pessoas acham que eu pertencço a essa fraternidade, mas eu não pertencço. Eu só botei esses traços porque eu achei bonito. (...) Essa fraternidade é apenas de homens muito respeitados. (...) Alguns acham que eu sou da fraternidade, outros acham que eu fui. Como eu não tenho nada contra tal fraternidade, eu acho ruim alguém pensar que eu não sou mais. Tem aquele negócio da traição, o cara foi da fraternidade e não é mais...

Dias relata que morava do lado de um templo que pertencia a esta fraternidade durante sua infância. “*Na minha infância a gente ficava se perguntando ‘o que tem lá dentro?’.* *Tinha um misticismo em relação a isso*”. Dias relata só ter compreendido que a grafia por ele reproduzida em sua assinatura caracterizava os homens que pertencem a tal fraternidade ao longo dos anos.

Dias relaciona as mudanças no comportamento vividas por ele às mudanças que seu corpo passou devido à descoberta da sua sexualidade. Ao perceber que Dias passou a ficar muito tempo no banheiro, seu pai o levou a um urologista. O médico que o atendeu chamou atenção ao fato de que sua glândula *era totalmente fechada*, sugerindo uma cirurgia para *melhorar desempenhos em geral do pênis*. Seu pai não quis, o que o chateou e o deixou sem entender por que, porém relata *já ter perdoado o pai*. Tempos depois, aos 18 anos, realizou a cirurgia de fimose.

Nesta mesma época de descoberta da sua sexualidade e de mudança do comportamento, sua mãe descobre estar com câncer de mama e grávida. Sua mãe opta em levar adiante a gestação mesmo com o diagnóstico de um câncer terminal. Dias relata que a gestação acelerou o processo de metástase, porém sua mãe ainda conseguiu viver por mais 3 anos, vindo a falecer quando ele tinha 16 anos.

Minha mãe descobriu a gestação junto com o câncer, teve toda uma história. Na época teve um tratamento experimental, minha mãe fez. Mas ela fez essa escolha. Hoje minha irmã é uma moça linda, inteligente. É uma história de amor, se minha mãe não tivesse tido minha irmã, poderia ter vivido mais uns 2, 3 anos...

Também nesse período dos seus 13 anos, Dias relata ter vivido momentos de *Batman*. Descreve que na cidade em que mora existe uma galeria de águas pluviais, a qual ele costumava atravessar em momentos em que não estavam chovendo. Neste local subterrâneo, atravessava a cidade durante o dia com uma lanterna. À noite, quando os pais iam dormir, Dias ia para o topo do prédio em que morava onde ficava por horas vendo o céu, as estrelas, ou talvez uma vizinha nua. ‘*Era uma aventura saber que ninguém sabia do meu paradeiro, ou eu estava em baixo do chão ou em cima do bloco*’.

No final da oitava série, relata ter tido algumas dificuldades. Sua mãe já estava bem

doente, *‘na verdade, todo esse tempo que minha mãe esteve doente, inclusive o dia em que ela faleceu, era como se eu não soubesse de nada’*. Neste período, teve alguns problemas de comportamento na escola em que estudava, o levando a repetir de ano. Relata que foi um momento em que largou mão dos estudos, passando a ir para um bar frequentemente em horário escolar com algumas colegas. Seu apreço pela cerveja se tornou tão grande que passou, todas as noites, a consumir algumas latinhas no seu momento de isolamento em cima do prédio. Até o dia em que sua mãe o questiona sobre isso. Dias narra:

Ela falou ‘Dias, você gosta de cerveja?’ e eu respondi ‘gosto mãe, eu gosto muito.’ Então ela disse ‘então por que você não usa a geladeira aqui de casa pra gelar sua cerveja?’ Nunca mais eu tomei, ela foi muito sábia. Ela viu que era uma coisa de adolescente. Me recordo que ela falou isso e esse hábito acabou totalmente. Quebrou a fantasia, aquela coisa de estar bebendo cerveja todo dia. Hoje eu vejo que foi sabedoria da minha mãe.

Outra situação por ele narrada com um desdobramento semelhante foi o período em que integrou uma gangue. Relata que foi entre seus 14 e 15 anos *‘eu não tinha juízo nenhum nessa época’*. Como toda gangue, costumavam passar o dia maquinando o que iriam fazer à noite. Vendia passe de ônibus para comprar spray pra pichar edifícios. Era durante a noite que a gangue costumava se reunir para *‘aprontar’* pela cidade. Considera sua mãe como responsável pela sua saída da gangue:

Quando meus pais perceberam que eu estava sumindo a noite pra pichar e tudo, me lembro que a gente tinha acabado de pichar, tava combinando de ir pra outra quadra, de repente, quase meia noite, surge meu pai e minha mãe do nada, eu tava em outra quadra. Do nada os dois apareceram e me chamaram pra ir pra casa. Foi a última vez que eu pichei ou sai a noite. Nunca mais. Foi mais uma vez sabedoria da minha mãe.

Mais uma vez, relata que *‘a magia acabou’*, marcando o fim deste período de andar em um grupo e pichar durante a noite. Para Dias, a *magia do amor dos pais* o resgatou de viver uma fase mais pesada do grupo relatando que, pouco depois da sua saída, a gangue começou a roubar carros para comprar maconha, entre outras transgressões. *‘O momento em que ficou pesado foi o momento que eu sai, meus pais acabaram me tirando nesse momento’*.

Essa fase de maior rebeldia repercutiu também na escola. Dias estava na 8ª série quando vivia essa sua fase, o levando a repetir de ano. Para Dias, ele foi um *bode expiatório* pois não foi o único aluno bagunceiro, porém foi o único que reprovou. *‘Não fui o único a aprontar, mas fui o único a repetir. Me escolheram pra dizer ‘ó, aprendam isso pra não acontecer com vocês’*. *Foi bom ter acontecido isso. Minha vida mudou radicalmente’*.

No ano seguinte, houve uma mudança completa, não só de escola mas também de moradia. Nessa mudança, deixou seus amigos e hábitos para trás, *‘depois dessa fase, nunca*

mais tive momento de rebeldia. Morreu ali'. Nessa nova escola, muito bem conceituada na cidade, desenvolveu o prazer pelos estudos. *'Com certeza ali estava nascendo um novo Dias, em termos de caráter. Minha conduta mudou radicalmente, virei um aluno responsável, respeitava os professores e colegas*'. Tudo estava aparentemente bem, até a morte de sua mãe. *"O dia em que minha mãe morreu, meu pai me chamou para ir para o hospital. Ele disse 'vem pois sua mãe não está bem'. Eu nunca pensei que fosse terminal. O dia em que ela faleceu foi dia em que a ficha caiu."*

Assim, Dias percebe que durante o período de adoecimento da mãe vivia *'em outro mundo*':

Eu não sabia que era terminal. Eu tava tão longe da realidade que eu não sabia nem que ela fazia quimioterapia. Nunca imaginei que ela tivesse um câncer tão agressivo. Na verdade eu só fiquei sabendo no dia que meu pai ligou, quando cheguei no hospital, ela me deu uma corrente de ouro e me disse "Dias, cuida do seu pai". (...) Eu era muito imaturo. Eu acho que eu não queria aceitar. O que posso dizer com certeza é que eu não sabia que ela fosse morrer. (...) Esse período dos 13 aos 16 foi um período de muita fuga da realidade."

Sua mãe falece no início do Ensino Médio, e seus *'sintomas de adoecimento*' aparecem no 2º ano do Ensino Médio, passando a ter muita dificuldade nos estudos. *"Fase muito difícil pra mim, difícil de aceitar. Já não conseguia aproveitar as matérias da maneira que eu gostava. Era muito complicado assistir as aulas querendo chorar. (...) Não entendia O por quê."*

Dias relata que com frequência se retirava da sala de aula para chorar. Seu rendimento escolar caiu drasticamente, inclusive nos conteúdos nos quais sempre se destacara, o levando a sentir uma grande decepção consigo mesmo. Como consequência, não conseguiu terminar o Ensino Médio na sua escola, tendo que recorrer a um programa aceleração da aprendizagem. Outra grande decepção vivida por ele foi não ter passado no vestibular de Psicologia da Universidade Federal. Dias conta ter tido um bom desempenho na prova, porém não conseguiu escrever a redação. Não consegue entender, visto que nos seus anos escolares sempre se destacou nesta matéria. *'Foi uma frustração mesmo, não ter conseguido fazer a redação e não ter o diploma da minha escola (...). Foi uma grande frustração e decepção, poxa, se eu tivesse bem teria passado!*'.

Nessa época, em 1997, Dias tinha alguns amigos com os quais ele saía socialmente, relatando que tinha uma vida social normal. *'Sempre muito tímido, eu achava que era minha timidez que me atrapalhava no momento de cortejar uma moça*'. Neste período, combinou de passar o Carnaval com os amigos em uma cidade do interior do Estado. Foi nesta viagem

quando ele relata ter se descoberto como impotente.

Passou o primeiro dia, o segundo dia; meus amigos todos já estavam transando e tudo, eles queriam ir pra lá pra isso. Eu me recordo, embora desde a infância meu desejo pelas mulheres sempre foi natural, nunca teve nada de errado, a minha dificuldade era a parte física que me desse uma segurança de ter a relação, por exemplo. Foi em Caldas Novas que eu descobri que era impotente. Embora eu assistisse filme pornô todo dia e tivesse muita dificuldade de ter um relacionamento, eu não imaginava nunca que meu problema era impotência. Aquilo acabou comigo, acabou comigo quando eu descobri. (...) Incrível né, o poder de algumas palavras. Como elas influenciam de tal maneira a modificar completamente toda uma vida.

Essas palavras mencionadas por Dias seriam aquelas profetizadas por sua avó durante seu trauma de infância, *‘Tá vendo meninas, isso é o que torna todo homem mau’*, ao mesmo tempo em que aponta para seu pênis. Ao se descobrir como impotente durante o Carnaval, vive uma enorme angústia e decide voltar mais cedo. Relata ter chegado em casa muito mal, concluindo que sofria de impotência, apesar de não ter tido contato com nenhuma mulher. *‘Ali foi o final de tudo, ter descoberto isso’*.

O homem para ter uma relação tem que ter uma segurança, uma potência, tem que estar preparado. Se ele não tiver com tesão e tudo, como é que ele vai ter uma relação? Acho que era uma maneira que Deus tinha de me proteger dessa decepção. Nunca chegou naquela hora do ‘vamo ver’.

Pouco depois de voltar para sua cidade, Dias vive sua primeira crise dissociativa. Se sentindo angustiado e agitado, conversa com uma tia psicóloga sobre não estar se sentindo bem; esta o indica uma psicoterapeuta. Foi deste ponto que inicia um longo período de tratamento, que perdura até hoje. Sua primeira psicóloga, a qual o acompanhou por 10 anos, teve um papel determinante na sua conversão. De acordo com o relato de Dias, o final da sua primeira sessão sua nova psicóloga o convida para participar de um grupo de jovens da Igreja, os quais se encontravam em sua casa. Dias passa a frequentar tal grupo. *‘Minha conversão ao cristianismo aconteceu naquele mesmo período. Foi tudo quase ao mesmo tempo, tanto meu tratamento psicológico e psiquiátrico quanto minha conversão’*.

Pouco tempo depois de ter retornado do Carnaval e de ter iniciado seu tratamento psicoterapêutico, seus sintomas prodromicos só se intensificavam, resultando na sua primeira crise psicótica:

Tava escutando Janis Joplin em casa então eu me tornei o meu avô. Então, naquele momento eu tinha uma mensagem pra minha tia. Quero dizer que isso não tem nada a ver com espiritismo não. Não era espírito. Eu era o meu avô. Eu fui pra casa da minha avó biológica, a vó do trauma, e chamei minha tia pelo interfone e falei ‘é o seu pai, tô subindo aí’. Olha que loucura! Ela viu na hora que eu não tava bem. Não precisava nem ser psicóloga pra saber disso. Viajei na maionese. Mas naquele momento pra mim tinha uma lógica toda feita. (...) Não lembro mais como foi. Meu pai ficou sabendo e nessa época a psicóloga indicou o meu primeiro psiquiatra.”

Após esse episódio, inicia seu tratamento psiquiátrico, passando a tomar a medicação Zyprexa.

Esquizofrenia é a minha dificuldade de discernir o que está vindo do meu meio, de outras pessoas, ou a minha mente produz aquilo. A minha primeira crise foi assim, eu não tava ouvindo algo que fosse real. (...) Você entende o que é esquizofrenia pra mim? Se você pensar mais alto, eu vou escutar. Posso chegar em casa e conversar com meu pai sem abrir a boca. Só que nem tudo vem do meio onde eu tô. (...) No meu caso, eu consigo criar a tua voz tão bem que a minha mente é capaz de enganar a minha própria mente. É impossível dizer se é real ou não. Quando eu não consigo dizer se é real ou não, geralmente eu tô no início de uma crise.”

Dias percebe uma semelhança entre esse ‘*momento completamente novo*’ da sua vida, marcado pelo início do seu tratamento e da sua conversão religiosa com as mudanças que viveu após sua reprovação na 8ª série. Quando voltou do carnaval para casa, relata que suas antigas amizades não entenderam nada; no momento de sua conversão religiosa, trocou seu grupo de amigos. ‘*Minhas amizades passaram a ser todas da igreja.*’

Como ali era um meio cristão, era uma desculpa pra mim “ele se abstém por que é crente”. Na verdade, desde a minha conversão que eu sempre busquei uma vida diferente, uma vida exemplar. Em 2008, quando me tornei inteiro de novo, eu passei a me abster por opção. Aí é uma escolha pessoal minha, muito particular. Minha vida se configurou dessa forma, estou me tornando pastor. Eu convivo com pastores, não convivo com jovens da igreja. Eu tenho amizade com alguns, mas eu estou no mundo dos pastores. Estou sendo preparado pra isso. Imagina a importância que isso tem para a minha carreira como pastor. Eu tenho que ser exemplo, não posso ter uma vida libertina. Naquela época eu também escolhi abstinência, mas era impotente!

Um ano após frequentar as reuniões dos jovens da Igreja na casa de sua psicóloga, estas passaram a acontecer em sua casa. Dias relata que foi um período em sua vida de muita imaturidade, a maioria de seus amigos da igreja não eram virgens. “*Todos tinham uma vida pregressa. Me chamavam de cordeiro santo*”. Dias relata que, de acordo com sua primeira psicóloga, ele fora o único paciente que ela convidou para participar do grupo de jovens da Igreja, “*eu fui o único paciente dela que ela fez isso. Ela nunca misturou nenhum paciente com a vida pessoal dela. Ela disse ‘Você é o único! Nunca fiz isso com nenhum paciente.’ Até porque é antiético na psicologia.*”

Ao falar um pouco mais sobre sua relação com a psicóloga, relata ter sido com ela que descobriu conseguir se comunicar por pensamento. Durante uma sessão, na qual teve um pensamento negativo em relação à psicóloga, diz ter sido repreendido por ela.

Eu tava um dia com ela, últimas sessões e eu pensei ‘Que merda’. Na mesma hora que eu pensei isso ela me repreendeu. Ela ouviu o que eu tinha pensado. (...) Me repreendeu por pensamento. (...) Esse dia que ela me repreendeu eu tive certeza absoluta que é possível comunicação por pensamento. (...) Isso pra mim é tão real.

Eu consigo me comunicar, e eu ouço tudo, se a pessoa tiver pensando no meu idioma. Se for outro eu não consigo.

Dias finaliza sua fala pontuando que, após a morte de sua mãe, sua psicóloga passou a ocupar tal lugar. *“Era como uma mãe pra mim, muita intimidade, quase 10 anos de terapia”*. Neste momento da entrevista, Dias volta a falar sobre sua vivência das alucinações auditivas como um tormento. *“É um tormento escutar tudo o que os outros pensam sobre você”*. Assim, estar num ambiente com muitos conhecidos lhe gera muita ansiedade. *“Se eu estiver no coral, cantata de natal, com 200 pessoas que me conhecem é muito complicado. Eu sou muito mais sensível que um ser humano normal (...). Eu só ouço o que diz respeito a mim”*. Dias relata que a maioria das vozes que ouve são femininas.

Já que você pode pensar livremente sobre mim, eu posso ouvir. Essa é uma regra. Já que eu posso pensar o que eu quiser sobre você, você tem o direito de saber. Essa é a lei. (...) mas isso é quando eu tô longe. (...) Se eu tô conversando com uma pessoa, depois eu posso ouvir alguma coisa relacionada ao assunto também. Mas se eu tô muito longe, vou ouvir algo relacionado somente a mim mesmo.

Neste ponto da sua fala, afirma ter algum conhecimento sobre aquela fraternidade de homens respeitáveis pois estudou um pouco na faculdade de teologia. Falou um pouco sobre algumas habilidades que os membros do grupo adquirem pela prática para demonstrar, através de exemplos reais, que ele não é o único que tem a capacidade de se comunicar por pensamento. *“Isso que eu tenho, de ficar três dias ouvindo uma pessoa eles treinam... Eu aprendi sozinho, eles não, eles aprendem com uma pessoa mais velha que sabe disso”*. Após discorrer sobre aspectos compartilhados por ele e pelos membros da fraternidade, destaca só ter entrado neste assunto de forma detalhada para provar que a comunicação por pensamento *‘faz parte do mundo real, não é delírio’*. E continua: *“Eu queria só dizer com isso que por mais que não faça parte da sua realidade nem na maioria das pessoas, ela não faz parte só da vida do Dias não”*.

Outra habilidade que Dias descreve compartilhar com os membros do grupo é a de emitir mensagens e direcionar os pensamentos dos outros. *“Eu tô aqui falando com você, e quando eu saio daqui ainda tem a conexão, e eu vou direcionando seu pensamento. Eu faço isso. Como eu tô ouvindo seus pensamentos, eu posso emitir mensagens e direcionar o que você tá pensando”*. Como estratégia de verificar se o que escuta é real ou não, Dias presta atenção no vocabulário das vozes. Se surgir uma palavra que não faz parte do seu repertório, é uma prova de que não se trata de uma alucinação auditiva. Segundo Dias, outro indício de que suas alucinações são reais é o fato de que *“vai chegando 23 horas, meia noite, e eu não escuto mais nada. São indícios que me dão certeza absoluta”*. Porém, imagina que quando

perder a virgindade vai passar a escutar as vozes dos pensamentos após meia noite também.

Ao voltar a falar sobre seu primeiro tratamento psicoterapêutico, Dias relata que os encontros se davam duas vezes por semana e *acabava ali*.

Terapia pra mim era aquele momento, ia lá, falava, saía de lá e não tinha uma sequência de entender aquilo. Houve muita transferência, e o que ela fez só comigo e não fez com mais ninguém, me levou pra casa dela. Na verdade ela me levou para que eu conhecesse Jesus. (...) A gente não avançava muito na terapia. (...) Hoje eu consigo expressar com muita clareza. Se minha vida tem cores, naquela década era preto e branco.

Ainda falando dessa época, Dias conta como estava sua vida antes da sua primeira internação. Se sentindo relativamente estável, Dias estudava e trabalhava numa faculdade distante da sua casa. Saía de casa cedo e só retornava tarde, tendo em vista que encerrava seu trabalho às 23:30 e a distância da faculdade. Na Igreja conheceu uma moça,

Surgiu um interesse dela e meu também. A gente começou a trocar telefonemas e tudo. O que aconteceu, assim, de repente eu tava sonhando acordado, minha primeira namorada, de forma real, porque a gente já tava conversando e tudo. Eu ligava pra ela, a gente já tava marcando pra sair juntos. Ia ser minha primeira namorada, era a expectativa que eu tinha. Eu gostava muito de ligar pra ela todo dia. E nesse contexto, eu trabalhava longe de casa, era um trabalho técnico na faculdade.

Nesta época, seu psiquiatra decide fazer uma mudança na sua medicação. Foi nesta troca de medicações que Dias teve sua segunda crise, a qual o levou à internação. O novo remédio, ao contrário do anterior, não o sedava. Ao descrever como a mudança de medicação o afetou, relata:

Foi questão de uma semana sem tomar o zyprexa que eu comecei a sentir a libido muito forte. Foi um dos poucos momentos que eu não tive problema físico mas, de um dia pro outro, eu tava potente. De repente eu viro um cavalo, comecei a ir correndo pra igreja. Eram 10 quilômetros, eu voltava da igreja tarde, eu voltava correndo. Com essa troca de medicação, minha libido foi lá em cima, e eu comecei a agir de forma inconveniente. Eu olhava pra uma moça e já tinha ereção na hora! Na verdade eu fiquei constrangido muito tempo depois. Nesse dia, eu fiquei maravilhado. No meio do culto eu tava ali, de forma inconveniente. Meu pai e meus amigos começaram a reparar 'ele está indo correndo pra igreja, agindo de forma inconveniente com as moças'. (...) Nessa época eu virei um Tarzan. Todo mundo percebeu. Eu achava aquilo maravilhoso, o que todo homem quer na vida é ser potente.

Assim, Dias apresenta de forma muito pontual o contexto que antecedeu sua segunda crise e primeira internação:

Teve o lance também da libido exacerbada. Essa foi a causa da minha internação. De repente uma criança tem um carro e ela não alcança o pedal. Era muita coisa que tava acontecendo e de repente eu não tinha maturidade emocional pra vivenciar aquilo. Era meu sonho, minha primeira namorada. Ela era muito bonita. Tinha também uma certa independência que o trabalho traz.

É possível verificarmos que tanto na sua primeira quanto na sua segunda crise psicótica o *lance da libido* foi a questão que precedeu. Mais uma vez, a possibilidade de vivenciar a sexualidade funciona como gatilho da crise. Ao reparar nessa mudança súbita de comportamento, um colega da sua Igreja o leva para o hospital de base após um culto. Ao chegar lá, Dias relata a terrível experiência de ser *preso*:

A sensação que eu tive na hora foi horrível. Uma sensação que só quem foi confinado tem. (...) Não to dizendo que foi errado o que fizeram. Eu acho que hoje eu até sou um homem de caráter melhor do que eu era no passado. Acho que isso contribuiu sim, bastante. Mas a sensação de você estar indo preso é horrível. O ser humano não foi feito pra isso. Mas num caso extremo, como era o meu caso, eu precisava. Eu achava que tava tudo bem...

Dando continuidade ao seu relato sobre sua primeira internação, ao chegar à ala psiquiátrica do Hospital de Base:

Imagina, um homem que era impotente e de repente vira um Tarzan. É obvio que eu fiquei violento. Por telefone o meu médico falou que eu ia ser internado. Eu realmente fiquei violento. Mas acho que é importante dizer que eu nunca fui violento na minha vida. Eu nunca briguei com ninguém de bater nem nada do tipo. Eu nunca fui violento na minha vida. (...) Não entendia ‘agora que eu sou normal eles querem me prender’? O Dr. V pediu para eu ficar aquela noite ali, me pediu pra deixar injetarem uma medicação. E como eu sou obediente, eu dei meu braço. Acho que era Haldol. De manhã já tinha uma pessoa que estava me levando pra clínica. Cheguei lá de manhã. Quando vi que o bicho pegava mesmo foi quando a moça disse ‘você vai ficar na suite presidencial’.

Em outro momento no seu relato, fala da sua frustração por ter sido internado em um momento em que acreditava estar vivendo a melhor fase da sua vida,

Eu não queria acreditar que aquilo tivesse acontecendo (internação). Era muito importante pra mim aquilo tudo. (...) O namoro, o trabalho, tudo tinha muito significado, eu esperei muito por aquele momento. De repente o cara virou Tarzan. Vem correndo pra igreja, olha muito pras moças. Eu não queria na verdade perceber porque estava vivendo a melhor fase da minha vida. (...) Quando o Dr. falou que eu ia ser internado, acho que foi a primeira vez que eu fiquei realmente bravo. Falei ‘Não, não vou ser internado!’.

Ao chegar ao Hospital Psiquiátrico particular, Dias ficou em um quarto com mais duas pessoas. Logo na sua primeira noite, foi questionado por seus colegas de quarto em relação ao tamanho do seu pênis. ‘*Para acabar a conversa*’, Dias relata ter dito um número bem grande, ‘*exagerado, chutei um número bem alto mesmo*’. Assim, nunca mais teve problemas com seus colegas de quarto. ‘*O mundo masculino é assim*’. Neste momento de seu relato, se recorda de uma vivência da sua infância:

Eu nunca fui violento. Eu me recordo uma vez que eu tava jogando bat e um colega meu chegou, alguma coisa que a gente discutiu, e disse ‘então vem!’. Meu pai tava

vendo pela janela e disse ‘Dias, desce esse pau na cabeça dele!’. Eu olhei assim pro meu pai e disse ‘não pai, não quero fazer isso não. Não sou violento’. Mas lá é que nem presídio, se você não impõe respeito, fica difícil.

Naquela época, Dias relata não entender o que estava lhe acontecendo:

Diferente de hoje. Eu tenho uma crise hoje, eu tenho todo um suporte. Ali eu não sabia. Eu confiava no meu pai, no meu psiquiatra. No fundo, no fundo eu sabia que eles não queriam meu mal. Minha primeira sensação foi de impotência. Ficar ali confinado, preso. Uma hora eu tava em casa, outra eu tava num hospício. Nunca imaginei que um dia eu fosse para um Hospital Psiquiátrico. (...) É muito estranha a sensação, um momento eu tô aqui, outro eu tô preso. Eu não fiz nada de errado, não matei ninguém! Não fui violento, não maltratei ninguém. O que eu tô fazendo aqui?

Dias relaciona as experiências em um Hospital Psiquiátrico às de um presídio, como competição por força, *típico do universo masculino, não dá pra ser fraco*. Para ele, estar em uma instituição psiquiátrica era como estar representando em um teatro. *Você tem que inventar um personagem. Eu sabia que ia ter que sobreviver naquele ambiente*.

Lá não era real. Lá pouco importava o que realmente fosse verdade. Eu tinha que sobreviver e sair de lá. Quando eu falo ‘teatro’ eu me refiro a isso. Nunca briguei, nunca fui violento (...) Era o que mais tinha, roubaram tanta coisa, sapato, alguns cds de música, óculos escuro. É um ambiente muito hostil. Mesmo sendo um hospital psiquiátrico. Não é um ambiente muito natural, é um teatro mesmo. Você tá no ambiente da sua família, das pessoas que você conhece, aquilo é real. Lá não, lá você caiu de paraquedas. Não dava para querer ser muito amável lá. (...) Lá eu não podia deixar barato, se eu não impusesse um certo respeito, eu ia sofrer um bocado.

Assim, Dias relata que para sobreviver na instituição teve que ter outra postura. Como na situação em que um colega destruiu seu sabão, *‘se fosse na vida real talvez não teria reagido, mas lá sim!’* Dias conta que teve que criar um personagem para conseguir impor respeito, *‘não dava para ser esse Dias amável que eu sou’*. Como tudo que queria era sair de lá, relata não ter criado laços no local. Ao todo, foram 40 dias que passou no hospital psiquiátrico, *uma eternidade. ‘Talvez por isso que a maioria dos pacientes têm tanta dificuldade de voltar para a sociedade, é outro mundo... Talvez um mundo necessário’*.

Uma outra decepção que leva consigo foi o fato de que durante o tempo que esteve internado, somente sua família e dois amigos de infância o visitaram. *‘Fiquei muito decepcionado por não ter vindo ninguém da Igreja me visitar. (...) Não é uma mágoa não, mas eu esperava que mais pessoas fossem’*.

Ao sair da sua primeira internação, quis retomar à sua vida anterior: namoro e trabalho. Porém, se deparou com um novo cenário. *‘As pessoas não confiavam mais em mim’*:

Quando eu sai da internação, eu quis retornar àquele momento tão bom da minha vida; quis retornar à paquera. Só que ela sabia que eu tinha sido internado. Todos sabiam, e tudo. Eu não consegui retornar à minha vida social. (...) Era um momento que eu tava doente, sim, mas era algo maravilhoso pra mim. Quando eu sai de lá

queria retornar no momento, mas não deu. Eu notei que ela queria que eu afastasse, e eu não insisti, eu disse ‘não se preocupe, eu não vou te ligar mais’. Eu queria que ela soubesse que o que eu sentia era muito bom pra mim! E que eu entendia que ela não quisesse mais nada. Eu nunca mais liguei pra ela e acabou. Foi muito difícil retornar a minha vida social que eu tinha na igreja. Não consegui. Comecei do zero, de novo. Como se não tivesse existido o Dias. (...) Tive que esquecer aquele momento bom. (...) De repente as pessoas falavam ‘ele foi para um hospício!’ As pessoas não entendem muito bem. Eu quis afastar. Nessa época eu não tinha mais condições de dirigir. Foi assim que eu cheguei na Igreja de Cristo. É do lado da minha casa.

Ainda nesse contexto pós-internação, a dificuldade de lidar com o fato de ter perdido seu grupo social, de ter sido demitido e de não ter vivido o tão esperado romance o leva a uma terceira crise, porém sem internação longa. *‘Todos perceberam que a libido exacerbada continuou; continuava indo para a Igreja, mas percebia que os outros falavam’.*

Não me lembro quanto tempo passou, mas foram alguns meses. Todo mundo notou que eu não tava legal de novo, me levaram no hospital de base. O que aconteceu, libido exacerbado, a decepção de não ter conseguido retomar minha vida. Eu pedi demissão, na verdade eu ia ser demitido de qualquer forma, aquele namoro que tava aflorando não existia mais. Todo esse contexto, e de repente tudo que eu não queria era ser internado de novo. De repente eu tava no Hospital de Base. Eu me recordo como se fosse hoje.

Dias descreve um delírio que teve durante seu primeiro dia de internação no Hospital de Base:

Eu tava deitado e nesse momento eu comecei, um delírio, na minha mente eu comecei, aí vem aquele lance das vozes que a minha mente consegue falsificar muito bem as vozes, então nesse momento eu comecei a ouvir. Comecei a ouvir a Bispa L, que é líder espiritual de uma igreja evangélica, líder dos jovens. (...) Fiquei 4 dias no Hospital de Base, ali eu tava delirando de verdade. Eu não só ouvia as vozes como conversava. De repente eu tava conversando com a Bispa L. (...) Eu dizia pra ela ‘Eu to aqui preso, me trouxeram pra cá e não sei se eu vou ser internado de novo, eu quero sair daqui! Você pode me ajudar?’. Foi por isso que eu fugi. A Bispa me dizia que tinha mandado uma pessoa com um carro me buscar, essa pessoa tava me esperando lá fora do hospital. Nunca briguei na minha vida com agressão física. Mas eu tava preso e não queria voltar para a clínica de forma alguma. A lógica do delírio é que alguém ia me resgatar do hospital de base. Ela falava que eu ia ter que fugir. Eu só fugi porque eu tinha certeza absoluta de que alguém estaria ali para me resgatar. (...) Você tem que entender que naquele momento aquela era a maior verdade do mundo.

É neste contexto que Dias planeja sua fuga nos mínimos detalhes, prestando atenção ao horário de troca dos enfermeiros e o melhor momento de escapar. No segundo dia de internação já tinha planejado tudo e no terceiro fugiu, chegando até ao lado de fora do hospital de base, quando foi resgatado por enfermeiros e seguranças. *‘Como eu não era violento nem nada, ninguém esperava nada de mim’.* Dias demonstra prazer em narrar tanto seu planejamento da fuga quanto seu escape e enfrentamento frente a vários enfermeiros e seguranças. *‘Aquele cena que a gente vê em filme, que acha que não é real, tudo muito*

rápido, é real. Quando a adrenalina entra no sangue um segundo se tornam três'. Neste instante, relaciona a sua experiência às cenas do filme *Gladiator*. Porém, ao chegar do lado de fora do Hospital de Base e ao tentar entrar no carro que supostamente estava o aguardando, se depara com a falta realidade.

O carro estava no centro do estacionamento, como havia sido combinado. Era meu passe para não ser mais internado. A ficha caiu quando tentei entrar no carro e a porta estava trancada. Naquele momento a ficha caiu e eu percebi que era um delírio, eu caí em mim e pude entender que não era real. Às vezes isso acontece, a sua própria mente percebe.

No último dia que passou no hospital de base, houve uma seleção dos pacientes que iriam para a internação, e ele dessa vez ele não teve indicação. Sua internação acabou ali mesmo.

Nesse cenário de recomeço, Dias troca o psiquiatra e a psicóloga, iniciando uma nova fase de tratamento. Seu novo médico, Dr. L, o encaminha para uma nova psicóloga. Porém, relata não ter se identificado com o sistema terapêutico inicialmente proposto: encontros semanais e Acompanhamento Terapêutico (AT). Esse novo modelo terapêutico teve curta duração, até o momento em que a psicóloga propõe um novo sistema de tratamento em um Hospital-Dia, no Centro de Convivência de uma clínica de Saúde Mental particular.

A terapia com a psicóloga antiga ficou insustentável. Sabe quando a terapia não progride mais? Sabe quando você não pode ajudar mais um paciente? Ela já tinha feito tudo. Eu era muito novo para ter novidade, não tinha uma vida social. Tinha fobia social. Ela fez o papel que minha mãe teria feito se tivesse vivido mais um pouco. Esse foi o papel do Centro de Convivência principal, ter falado muito da minha vida, e ter lembrado da minha vida. O que eu mais fiz era lembrar. Eu aproveitei ao máximo possível o meu tempo lá. Sempre estava conversando com alguma terapeuta...

Dias relata ter aproveitado ao máximo seu tempo no hospital-dia, *'aproveitava meu tempo para conversar com todo mundo, funcionários, terapeutas, pacientes...'*. Foi no Centro de Convivência que Dias volta a sentir atração física.

Mesmo tendo feito terapia por uma década com a M. (primeira psicóloga), eu chamava de local de descanso. Só tinha ela para conversar. Todo o tempo que eu fui impotente, parece que eu não fazia parte desse mundo. A sexualidade para o ser humano é importantíssima. No Centro de Convivência tinham mulheres jovens, da minha idade, isso ajudou muito também.

No momento em que tem seu tratamento transferido para a nova clínica, passa a ser acompanhado tanto por um novo médico psiquiatra e uma psicóloga da instituição. Dias relata que quando chegou no Centro de Convivência, era o paciente que tomava a maior dose das medicações. Passava o dia inteiro no Hospital-Dia, relatando ter momentos em que se

comprometia mais – participando das atividades, conversando com os terapeutas, participando da terapia de grupo – , e momentos em que pensou em desistir, *‘o tempo parecia que não passava nunca, muitas vezes tive vontade de abandonar o tratamento’*.

Dias relata uma preferência em conversar com terapeutas mulheres, *‘as estagiárias mais ainda, pois estavam mais interessadas em aprender’*. E fala um pouco mais da sua experiência:

Local em que eu podia viver um momento meu, longe daquela competição que estava fora das portas do Centro de Convivência. Posso dizer que eu gostei de lá. Também gostei da nova fase de terapia com a nova psicóloga. Foi diferente porque ela era mais nova que a antiga. Isso faz muita diferença. Eu sentia que alguma coisa tava acontecendo. Primeiro que eu tava no lugar certo. Eu podia ver as transformações.

Dias teve alguns amores platônicos no Centro de Convivência, todos por terapeutas ou estagiárias. *‘O amor platônico é muito infantil, pois não tem atração física, é mais idealização’*. Foi durante o seu tratamento no hospital-dia que Dias consegue lembrar do seu trauma de infância, a profetização da avó biológica. Após ter conseguido entrar em contato com tal memória traumática, relata ter voltado a sentir atração física por mulheres.

Neste novo momento de tratamento, começa a frequentar uma nova Igreja, próxima da sua casa. Na igreja, surge a oportunidade de contar seu testemunho, voltando a falar do seu trauma de infância. Foi num grupo de psicodrama da igreja que relata ter lembrado dos detalhes do seu trauma de infância, *‘foi um momento de muita liberdade’*. Nesta atividade de psicodrama, a psicóloga falou que ele teria a oportunidade de mudar o trauma. *‘Minha vida mudou radicalmente em 2008’*.

Depois desse momento, passei a sentir atração física por toda mulher que me interessava. Sentia atração pelas terapeutas. (...) Eu usava pornografia, pois era a única maneira de ter alguma ereção e me masturbar. De repente eu não precisava mais disso, eu olhava para uma mulher e sentia atração.

Nesta nova Igreja que passou a congregar, rapidamente passou a ser o mentor e secretário particular do pastor D. Em seu relato, Dias dedicou uma grande parcela de tempo para falar sobre a história de vida do pastor D. e da Igreja de Cristo. *‘Meu mundo são os pastores. O Dias hoje é aquele que está vivendo para se tornar pastor. Hoje me abstenho sexualmente por escolha’*.

Não posso dizer que é isso que Deus quer pra mim. Deus não chegou e disse, ‘você vai ser isso’, mas de qualquer forma a minha vida, ela gira em torno disso. Mas sinto no meu coração que é isso. Mas mesmo que eu não me torne um pastor, tudo que eu quero é ter o reino de Deus dentro de mim e eu já tenho. Meu dia-a-dia é com os

pastores. Desde que eu comecei a frequentar a igreja, eu sinto que Deus quer isso pra mim. (...) Eles me tratam como se eu fosse o caçula de todos os pastores (...). Você entende por que eu me abstenho? Eu poderia iniciar minha vida sexual, mas fiz uma aliança com Deus. Pra mim sexo, só depois do casamento.

Dias percebe que, ao longo da sua vida, sempre conviveu com pessoas mais velhas. Lembra da sua infância, quando passava grande parte do seu tempo na casa das avós. Atualmente, só convive com os pastores, relacionando o seu momento atual com aquele vivido por ele na igreja que frequentava anteriormente:

Interessante que as duas vezes que eu congreguei eu fiquei muito próximo do topo. Eu trabalhava para um dos secretários. Trazendo para o contexto de hoje, eu sou o único jovem que trabalha com o pastor D. É um sonho que eu tenho de ser pastor. Interessante como eu repeti essa história, naquela época eu também ficava muito com o pastor. Interessante como tudo se configurou.

Dias dedica grande parte do seu relato para falar sobre as mulheres e a sexualidade, *‘o sexo talvez seja o ápice; mas vou ter tempo pra isso, depois de casar com minha esposa. Hoje não tenho mais o hábito de ver pornografia’*. Atualmente faz RPG (Reeducação Postural Global), a qual descreve como *terapia de contato*. *‘Por mais que a terapeuta esteja usando roupa, jaleco, no momento em que ela vai me colocar numa posição ela encosta o corpo, o peito, eu já tive até orgasmo nesse momento’*.

Ao falar da sua relação com seu corpo, lembra de uma situação vivida na sua primeira internação, na qual seu pai participou de uma atividade destinada aos pais dos pacientes. O psicólogo encarregado de monitorar a atividade solicita aos pais que desenhassem os filhos:

O meu desenho chamava muita atenção. Meu desenho não tinha os membros (braços e pernas) – o desenho do meu pai. Era o único desenho que não tinha. Importante dizer que foi feito com o monitoramento do psicólogo. Pra resumir, eu cheguei lá no outro dia e percebi que o meu desenho era o único que não tinha braços e pernas. Eu perguntei pro psicólogo e ele disse que é porque eu não tinha consciência do meu corpo. (...) O RPG tem sido maravilhoso pra isso. É uma maneira de entender o porquê da impotência.

E ao perceber a quantidade de tempo que dedica para falar de sexualidade, coloca:

Eu falei muito sobre sexualidade, mas é porque isso é muito importante pra mim. (...) Aquele lance de que as pessoas se comunicam não só com palavras, lembra que eu trouxe isso? Algumas pessoas não vivem isso, foi quando eu comecei a perceber que tinha um mundo todo que as pessoas falavam mas não com palavras ditas, mas com a mente, né? Foi esse momento.

Dias recebeu alta do seu tratamento no Centro de Convivência em 2011. Atualmente frequenta um grupo de terapia da clínica semanal, destinado aos pacientes que receberam alta. Continua sendo assistido pela mesma psicóloga e psiquiatra que o acompanharam durante seu tratamento no Hospital-Dia. Trabalha algumas horas por semana com o pastor D., e se dedica

bastante aos estudos da Igreja.

Me chamou atenção no final do seu relato o fato deste ter falado muito pouco sobre os outros membros da sua família: seu pai e seus irmãos (um irmão e duas irmãs). Devido a isso, peço para que ele encerre sua fala dedicando um tempo para falar sobre sua relação com cada um. Inicia falando sobre seu irmão, que é quatro anos mais novo:

Eu sou o mais velho né, e quando ele nasceu eu acho que tive um pouco de ciúmes, perdão, ciúmes não. Senti que minha mãe dava muita atenção pra ele. Me marcou muito uma foto que está no meu quarto até hoje. Nunca me esqueço desse momento. Eu devia ter uns 12 e ele uns 8. Fomos juntos tirar essa foto. Tinha um banco, eu sentei no lado direito e ele no lado esquerdo, nunca me esqueço isso: minha mãe olhou pra mim e disse ‘Dias, chega mais próximo do seu irmão’. Isso me marcou muito. Quando eu encostei no meu irmão, inclinei pra perto dele, ele fez uma cara como se dissesse ‘ah não mãe, tenho que aguentar esse Dias...’ Eu falo porque eu tenho esse quadro no meu quarto até hoje. Acho que foi quando a minha mãe reconciliou a gente de certa forma. Acho que meu irmão não aceitava muito dividir minha mãe comigo. Eu também. Eu digo isso porque me dou super bem com meu irmão. Amo meu irmão de paixão, a gente se dá super bem. (...) Nessa foto, quando eu encostei nele, ele fez a cara mais engraçada do mundo. Dá pra ver na foto. O que mais me marcou naquela foto foi o olhar da minha mãe, que não está na foto. Nesse momento da foto, minha mãe estava com os olhos brilhando quando pediu para eu encostar no meu irmão. Ele competia comigo pela atenção da minha mãe. É interessante quanto eu gosto dessa foto.

Dias pontua que o irmão nasce na época em que ele teve seu trauma de infância. Lembra que sua mãe eventualmente lhe contou o quanto esperou pelo nascimento do irmão. Dias relata um fato que aconteceu recentemente. De madrugada, Dias atende ao telefone de casa e descobre que o irmão sofrera um acidente de carro.

Quando ele saiu eu tinha orado por ele. Ele tava cansado, tinha bebido, e estava sem cinto de segurança. Ele estava numa caminhonete, bateu e saiu pela frente do carro. Ele caiu 3 metros, e nada aconteceu com ele! Quando ele saiu, eu tinha orado por ele, foi um milagre.

Finaliza sua fala sobre seu irmão dizendo que sempre que ora, pede pra Deus cuidar dele. Em seguida começa a falar sobre sua irmã C. que nasceu no meio de um tratamento de câncer terminal realizado pela mãe. De acordo com Dias, ele nunca sentiu peso em relação à irmã, somente amor. Em relação à sua irmã mais nova H., relata que esta nasceu de uma aventura do seu pai. Nasceu muitos anos depois da morte da sua mãe. *‘Quero deixar claro que não tinha nada extra-conjugal’*. Sua irmã H. passou a morar com Dias e sua família quando esta tinha 12 anos.

Meu relacionamento com as duas é diferente da relação que tenho com meu pai e meu irmão. Elas sempre se preocupam comigo, querem saber como eu estou, como foi meu dia... não existe isso no universo masculino. São as duas mulheres da casa. As mulheres são diferentes, são sensíveis, tudo para uma mulher é importante, um elogio, tudo é importante, os detalhes são importantes. E eu vivo muito isso com

minhas irmãs.

Ao falar sobre os pais e sua criação, relata sempre ter existido uma preocupação por parte destes em relação à sua formação do caráter.

Da minha mãe e do meu pai, sempre existiu uma preocupação com a formação do caráter. A gente tem uma chácara. A minha vida é completamente diferente da vida do caseiro, por exemplo. A vida social. Isso muda muito. Mas talvez meus pais não tivessem o desejo que eu fosse um médico, ou um psicólogo, ou algo do tipo. Mas sempre, sempre foi muito forte na minha educação o respeito com o ser humano. Então, eu ia pra chácara e a gente almoçava junto com o caseiro, não tinha uma separação, nunca teve. Às vezes eu até sentia falta de um pulso mais forte do meu pai, por exemplo, ou da minha mãe pra me proteger.

Relata uma situação que viveu aos cinco anos, quando pede para seu pai o levar para jogar futebol em um clube, apesar da sua falta de coordenação. Dias jogou somente 5 minutos e seu técnico logo lhe pediu para sentar. No final do jogo, muito decepcionado, pede ao pai para que este o leve embora.

Meu pai falou: tá vendo aquele seu amigo artilheiro ali, vai lá, vamos tirar uma foto. Foi a maneira que meu pai e minha mãe sempre me educaram. Pra talvez viver em sociedade. Não tinha o desejo “ah, o Dias vai ser isso”. Mas uma necessidade de formar o meu caráter, eu acho.

E finaliza seu relato sobre a educação recebida pelos pais com a seguinte história:

Meu pai só me bateu uma vez, sabe por que? Porque eu desrespeitei o zelador do bloco. Ele tinha o nariz um pouco grande, e a gente brincava, brincadeira de criança. Essa fase de 12, 13 anos. Quando ele olhava pra gente, a gente abaixava, como se o nariz dele fosse passar por cima da gente. E um dia eu desrespeitei e meu pai me bateu de correia. Foi a única vez que eu apanhei. (...) É como se meus pais dissessem, a gente quer que você seja um ser humano *humano*. Você não é maior que ninguém, a diferença é só social. Os seres humanos são iguais. Maior legado que meus pais deixaram, o respeito pelo ser humano.

3 CAPÍTULO 2

A PSICOSE, O RITUAL E O ORDÁLIO

3.1. SOBRE A PSICOSE

Para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, é possível se verificar a importância do estudo das psicoses. O próprio Freud atesta a importância da compreensão dos mecanismos da psicose para o entendimento do *inconsciente*. Foi à partir do seu estudo acerca do *Senatspräsident* Daniel Schreber que Freud desenvolveu sua teoria acerca do *narcisismo*, conceito fundamental para a psicanálise. Porém, em seu pós-escrito da análise do caso Schreber, Freud (1911) se mostra confiante de que seus seguidores se aprofundariam nas questões relativas às psicoses, afirmando ter restringido suas análises para que o leitor pudesse chegar nas suas próprias conclusões, somente insinuadas por ele.

Essa afirmação evidencia que Freud não fechou a questão das psicoses, abrindo espaço para interpretações futuras. Porém, encontramos na teoria freudiana uma base teórica para a compreensão dos conflitos e mecanismos presentes nas psicoses. Nosso esforço será o entendimento de tais mecanismos comuns às psicoses, sem deixar de reconhecer a extrema heterogeneidade destas, cada uma das quais abrangendo especificidades próprias. Na busca de um melhor entendimento, articularemos os dois casos previamente apresentados com a teoria por nós explorada.

Podemos verificar a presença da questão das psicoses desde cedo no pensamento freudiano. Muito antes de publicar seu artigo sobre o recalque, Freud já falava em uma defesa do Eu ao ser confrontado com algo externo que ferisse o seu narcisismo. Em um estudo denominado *As Neuropsicoses de Defesa*, Freud (1894) percebe uma conexão entre casos de neurose e psicose. Pacientes por ele analisados gozavam de boa saúde mental até o momento em que

(...) seu Eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu Eu por meio da atividade de pensamento. (p. 55)

Freud verifica que tal defesa produziu reações patológicas diversas, tais como histeria, obsessão ou psicose alucinatória. Enquanto a defesa neurótica se baseia na transformação de uma representação forte em fraca através da retirada do afeto associado à representação, na psicose “o Eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (p. 64). Ao falar deste processo, Freud diz: “O Eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o Eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total e parcialmente, da realidade” (p. 65).

Verificamos que Freud, desde o início, fazia destaque para a problemática encontrada entre a psicose e sua relação com a realidade externa. Antes mesmo da irrupção da crise psicótica, percebemos em Oriel e Dias uma tendência à rejeição de *representações incompatíveis juntamente com seu afeto*: a morte da avó de Oriel e o não-reconhecimento do adoecimento da mãe presente em Dias. É de se questionar se realmente foi tão *normal* para Oriel a morte daquela que cuidou dele até seus 11 anos, sendo sua maior fonte de atenção, carinho e afeto. Até então, sua mãe trabalhava o dia inteiro e quando voltava para casa, os filhos já estavam dormindo. Nas palavras de D. Marli, “*quem criou mesmo, deu colo, deu carinho, deu banho na hora certa foi minha mãe*”. Na busca de preservar os filhos diante da morte da avó, D. Marli os poupou de visitá-la no hospital e de participarem do velório. Aquela figura tão importante de repente parou de existir, sem grandes explicações. Oriel se defende negando a importância da avó ao dizer: “*Contato com vó não é assim tão próximo como de mãe. Então eu considero que não teve nenhum trauma. (...) Não teve grande impacto*”. Percebemos que a falta de afeto é verificada ao longo de toda a fala de Oriel, inclusive ao relatar aquelas situações – fonte de angústia – que levaram às suas crises.

Dias também sofreu uma grande perda da sua figura materna na adolescência: sua mãe. Ao contrário de Oriel, Dias consegue articular melhor seu relato, compreendendo posteriormente que o seu não reconhecimento do adoecimento da mãe era uma tentativa de fuga, rejeição daquela realidade. O período de adoecimento de sua mãe foi exatamente o seu período de rebeldia. Porém, não estamos falando de qualquer adoecimento, e sim de um câncer em estágio de metástase. Imaginamos que sua mãe tenha apresentado alguns dos sintomas físicos típicos da doença e do tratamento, como por exemplo: enjoos, perda de peso, perda de cabelo. Segundo Dias, “*eu nunca pensei que fosse terminal; o dia em que ela faleceu foi o dia em que a ficha caiu (...). Eu estava tão longe da realidade que nem sabia que ela*

fazia quimioterapia. O que eu posso dizer com certeza é que eu não sabia que ela fosse morrer”.

Laplanche e Pontalis¹³ (2008) apontam que em clínica psiquiátrica o conceito psicose, na maioria das vezes, é tomado numa extensão extremamente ampla, abrangendo uma gama de doenças mentais. Nos ateremos à conceituação de psicose na psicanálise, a qual vê como denominador comum nas psicoses uma perturbação primária da relação libidinal com a realidade, “onde a maioria dos sintomas manifestos (particularmente construção delirante) são tentativas secundárias de restauração do laço objetal” (p. 390). As duas síndromes psicóticas típicas são a esquizofrenia e a paranoia, contempladas nos casos clínicos apresentados.

Em seu estudo sobre as psicoses, Martins¹⁴ (2003) faz destaque aos sintomas que organizam as síndromes psicóticas, sendo estes: o delírio, a alucinação, sintomas ligados ao pensar – em especial a desagregação do pensamento. Ao discorrer sobre as psicoses, diz Martins: “optamos pela indicação mais genérica, pensando que as síndromes típicas esquizofrênicas, paranoicas e catatônicas fornecem os elementos gerais e indispensáveis necessários ao entendimento do que é uma psicose” (p. 242).

Neste nosso estudo, buscaremos dar maior destaque às características gerais compartilhadas pelas psicoses, sendo seu denominador comum a perturbação da sua relação libidinal com aquilo que lhe é externo. Apesar do nosso foco ser no que é compartilhado pelas psicoses, ao longo do trabalho apresentaremos algumas especificidades da esquizofrenia e da paranoia, tendo em vista que estas representam as principais síndromes psicóticas.

Para iniciar, podemos apresentar de onde veio o termo *esquizofrenia*, denominado anteriormente por Kraepelin como *dementia praecox*. O termo esquizofrenia foi criado por Bleuler, tendo sua origem etimológica nas palavras de origem grega *esquisse* (fenda, clivagem, divisão) e *fermus* (o espírito, a alma), designando que há quebra, fissura do espírito. Essa dissociação (*Spaltung*) mental designa a característica fundamental da psicose. Martins (Ibid.) destaca para o fato de que o entendimento acerca da *Spaltung* se diferencia em Bleuler e Freud; Bleuler utiliza tal denominação para caracterizar um distúrbio das associações de ideias. Freud utiliza o termo de forma mais complexa, o qual caracteriza o processo primário ou próprio do inconsciente. Também designa a possibilidade de clivagem do Eu, “da divisão do sujeito, explorada por Freud na sua imagem do cristal para explicar a estrutura do sujeito” (Ibid., p. 245).

¹³ LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. 3 ed. (2008)

¹⁴ MARTINS, F. *Psicopatologia II – Semiologia Clínica*. Brasília: Universidade de Brasília, (2003)

Essa imagem do cristal como forma de ilustrar metaforicamente a estrutura do sujeito foi apresentada por Freud nas suas Conferências sobre a *Dissecação da Personalidade Psíquica*. Freud¹⁵ compara o Eu de uma pessoa com um cristal: ao ser lançado no chão, o cristal se quebra conforme suas linhas de separação, se partindo em fragmentos “cuja delimitação, embora invisível, é predeterminada pela estrutura do cristal” (p. 194). A quebra não é arbitrária. Para Freud, “os doentes mentais são estruturas assim, fendidas e despedaçadas” (p. 195). A forma como se dá a quebra psíquica de uma pessoa nos diz de sua estrutura. Pensamos que há grandes estruturas que funcionam como base para o funcionamento mental de cada um. A maneira de adoecer é única, e isso nos interessa. Porém, também nos interessa aquilo que é compartilhado.

Tendo em vista a busca pelo que é compartilhado, destacamos uma pontuação realizada por Laplanche e Pontalis (2008), os quais verificam que Freud atesta que essas duas grandes psicoses (a esquizofrenia e a paranoia) podem combinar-se de múltiplas maneiras, e que eventualmente uma pessoa pode passar de uma destas formas para a outra. Por outro lado:

sustenta a especificidade da esquizofrenia em relação à paranoia, especificidade que procura definir ao nível do processo e ao nível das fixações: predominância do processo de ‘recalque’ ou do desinvestimento da realidade sobre a tendência para a restituição e, no seio dos mecanismos de restituição, predominância dos que aparentam com a histeria (alucinação) sobre os da paranoia, que se aparentam mais com a neurose obsessiva (projeção). (p. 160)

Quanto à possibilidade das síndromes se combinarem de múltiplas maneiras, os achados de Martins (Ibid.) corroboram com essa concepção de Freud. O autor percebe que a maioria dos pacientes paranoicos acabam apresentando, em algum momento da evolução, sintomas típicos da esquizofrenia assim como de outras síndromas, indicando para um campo comum passível de entendimento. Assim, Martins pensa numa *dimensão processual do devenir* que ocorre em todas as pessoas, sem que se pense em algo anormal. O movimento processual arrastaria consigo tudo o que foi experienciado e adquirido por uma pessoa ao longo da sua existência. “Assim, entendemos a sintomatologia psicótica, em especial o delírio, como sendo estritamente ligado ao fato de termos um Eu simbólico” (Ibid., p. 245).

¹⁵ FREUD (1933). *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise: 31. A Dissecação da Personalidade Psíquica*. O.C. vol. 18

3.1.1. Schreber e a Psicose

A análise do caso do *Senatspräsident* Daniel Paul Schreber foi um marco na teoria de Freud sobre a psicose. No seu ensaio *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*, Freud (1911) desenvolve sua teoria sobre a paranoia. Para explorarmos este artigo essencial no estudo da psicose em Freud, apresentaremos o famoso *Senatspräsident*. Em 1903, o doutor em Direito Daniel Paul Schreber publicou o livro *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken (Memórias de um Doente dos Nervos¹⁶)*, o qual despertou considerável interesse entre os psiquiatras da época. O livro é autobiográfico, retratando as memórias de Schreber referente ao seu processo de adoecimento psíquico. Niederland (1951; 1959a) o considera o caso mais famoso de psicose relatado na história da psiquiatria, tanto pela riqueza dos relatos quanto pelo fato de que se trata de um caso acessível a todos que tiverem interesse.

Importante destacar que Freud realizou sua análise sem conhecer o paciente pessoalmente, somente seus escritos autobiográficos. Quanto a isso, Freud (1911) julgou ser possível analisar um paciente que nunca conheceu pessoalmente devido a peculiaridade dos paranoicos em revelarem “exatamente aquelas coisas que os neuróticos mantêm escondidas como segredo” (p. 21); para estes casos, um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente. Schreber relata ter sofrido de distúrbios nervosos em dois momentos diferentes, ambos tendo sido resultados de excessiva tensão mental.

No primeiro episódio, Schreber havia sido convocado a se tornar um membro do Reichstag, tendo como consequência uma crise severa de hipocondria, a qual o levou a ser internado por alguns meses. Depois da sua cura, Schreber relata ter vivido bem por mais oito anos, até seu segundo e mais grave adoecimento. Neste período de intervalo entre os adoecimentos, sua maior frustração fora sua esposa não ter engravidado. Quando, nove anos após o primeiro episódio, ele é convocado a se tornar juiz da Suprema Corte, mais uma vez Schreber adocece, porém dessa vez sem melhora. À medida em que não consegue encarar o pai poderoso como membro do Reichstag, ou assumir o papel de pai como *Senatspräsident*, ele se torna incapacitado. (NIEDERLAND, 1951).

Antes do segundo adoecimento de fato se instalar, Schreber relata ter tido dois ou três sonhos de que seu transtorno nervoso voltara. Schreber passou a fantasiar como deveria ser

¹⁶ SCHREBER, D. P. (1842-1911) *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução e introdução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.

bom ser uma mulher se submetendo ao coito. O seu relato se baseou principalmente neste seu segundo e mais sério adoecimento. Schreber relaciona este segundo momento “ao fardo muito pesado de trabalho que me caiu sobre os ombros quando assumi meus novos deveres como *Senatspräsident* no *Oberlandesgericht* em Dresden” (p. 34, citado por Freud, 1911). Para Schreber, havia uma semelhança entre os adoecimentos, no sentido de que o contexto que precedeu os dois casos foi excesso de tensão mental, associado a uma carga pesada de trabalho.

Em um de seus primeiros artigos sobre o tema, Niederland (1951) faz especial destaque à “brilhante” conclusão de Freud, de que o caso de Schreber nos leva ao campo familiar do complexo paterno, tendo em vista as fantasias e delírios do paciente, e sua interpretação analítica. O autor percebe que suas relações sociais com o doutor Flechsig, assim como seu delírio em torno de Deus-Sol-Pai, durante seu segundo adoecimento, sucumbiram para fantasias feminina passiva. Importante destacar que tais fantasias foram desencadeadas logo após ter assumido um papel masculino ativo na sua vida real, cabendo a Schreber se tornar uma figura paterna.

Freud¹⁷ percebe como sendo a base do conflito de Schreber a fantasia de desejo feminina e uma frustração, sendo esta uma privação na vida real, a qual é admitida pelo próprio Schreber. Nas palavras de Freud:

Seu casamento, de resto apresentado como feliz, não lhe trouxe a bênção de filhos, principalmente a de um filho homem, que o consolasse pela perda de pai e irmão, e sobre o qual pudesse verter a afeição homossexual insatisfeita. Sua linhagem ameaçava se extinguir, e parece que ele tinha bastante orgulho do berço e da família. (p. 77)

Freud supõe que Schreber possa ter formado a fantasia de que, se fosse mulher, teria mais sucesso na geração de filhos, se colocando numa posição feminina ante o pai. Seu delírio girava em torno da idéia de que, com a sua emasculação, o mundo seria povoado por novos homens saídos do seu espírito. A partir do caso do Dr. Schreber, Freud buscou entender a paranoia a partir dos mecanismos da formação de sintomas ou do recalque.

Para Freud, o caráter paranoico seria defender-se de uma fantasia de desejo homossexual, reagindo com um delírio persecutório. A tese defendida por Freud de que a paranoia seria uma defesa frente a desejos homossexuais foi baseada em numerosos casos acompanhados por ele, Jung e Ferenczi, “com surpresa vimos que no centro de todos esses casos reconhecia-se claramente a defesa contra o desejo homossexual, que todos eles haviam

¹⁷ FREUD (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O.C. vol. 10

malogrado na superação da sua homossexualidade inconscientemente reforçada” (p. 79). Assim, percebe que o perseguidor não é outro senão o que fora amado antes.

Encontramos neste seu artigo o início das suas formulações teóricas sobre o narcisismo, estágio do desenvolvimento da libido, o qual se passa pelo autoerotismo ao amor objetal. Diz Freud sobre o estágio do narcisismo:

Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma auto-erótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. Uma tal fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente; parece que muitas pessoas ficam nela retidas por um tempo insolitamente longo, e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. (p. 81)

Freud destaca que cada etapa no desenvolvimento da psicosexualidade traz a possibilidade de “fixação”, como uma predisposição à doença. E a fixação do psicótico se deu justamente nesta fase narcísica, caracterizada pelo autoerotismo. Pessoas fixadas no estágio do narcisismo, “acham-se expostas ao perigo de que um grande fluxo de libido, não encontrando outro escoamento, submeta os seus instintos sociais à sexualização, fazendo assim recuar as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento” (p.82). Segundo Freud, tudo o que “produz uma corrente libidinal que retrocede” (regressão) pode vir a conduzir um resultado desses, como por exemplo fracassos nas relações sociais, ou seja uma *frustração*, “como também uma elevação geral da libido, muito forte para que pudesse achar saída pelos caminhos já abertos, e que por isso rompe a barragem nos pontos fracos da construção” (p. 85). Assim, ao se deparar com o tal *fragmento da realidade* cuja representação é incompatível, verifica-se na psicose um retorno da pulsão para o Eu, o que é descrito por Freud como recuo das sublimações conquistadas ao longo da vida da pessoa.

Tanto os paranoicos quanto os esquizofrênicos:

buscam defender-se de tal sexualização de seus investimentos instintuais sociais, somos obrigados a supor que o ponto fraco de seu desenvolvimento deve estar no trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade, que ali se acha a sua predisposição à doença, predisposição talvez suscetível de uma definição mais precisa. (p. 85)

Tendo como base a teoria de Freud, Laplanche e Pontalis (2008) apontam que uma pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual, visando objetos socialmente valorizados. Tendo em vista que as pulsões sexuais não podem ser satisfeitas sempre que necessitam, uma das possibilidades de destino das pulsões é a sublimação, sendo esta uma forma bem sucedida e adaptada socialmente para se dar vazão à

pulsão sexual. Dentre as atividades possíveis estão as artes, investigações intelectuais, e as atividades laborais para alguns. Reforçamos a ideia de que o psicótico, após o contato com uma representação incompatível – uma forte frustração –, regride a estágios anteriores, “fazendo assim recuar as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento”. Podemos demonstrar tal assertiva com base nos casos clínicos.

Até o momento da sua primeira crise psicótica, Oriel trabalhava em dois bancos, estudava engenharia, se encontrava em um relacionamento amoroso, e ia ser pai. À partir do momento em que os eventos da sua vida se tornaram insustentáveis, muito pesados para ele aguentar sozinho, foi largando suas atividades. Em outras palavras, Oriel desinvestiu sua libido no mundo externo, sofrendo um recuo das suas sublimações por ele conquistadas ao longo da vida. Primeiro largou um dos empregos, depois a faculdade. Depois largou seu casamento, postergou por mais de dois anos o reconhecimento perante a lei de sua filha como sua descendente. Por último, coube à sua aposentadoria por invalidez. Ao longo dos anos, seus vínculos foram reduzidos àqueles da sua infância: sua mãe e irmãs. Passou mais de 15 anos sem ter contato com a filha, até o momento em que esta o procurar há alguns uns anos atrás.

Em Dias, esse movimento regressivo fica claro nos momentos que sucedem uma crise psicótica. Verificamos que após a irrupção da crise, Dias deixa tudo para trás e recomeça tudo novo. Ao viver seu primeiro surto psicótico, após o carnaval, Dias se afasta de seus amigos, de suas atividades e passa a viver uma nova fase com um novo grupo de jovens da Igreja. No contexto que sucedeu sua primeira internação, novamente Dias muda todos os seus vínculos e atividades. Larga o emprego, se afasta da namorada, se afasta dos amigos e muda de Igreja. Inclusive o seu tratamento sofre completa mudança. Troca a psicóloga, o psiquiatra, a clínica. Porém, verificamos em Dias a alta capacidade de reconstrução após cada crise.

Após ter avançado em seus escritos sobre o aparelho psíquico, Freud (1924) publica dois artigos¹⁸ retomando sua análise acerca da relação do Eu do psicótico e do neurótico frente às representações incompatíveis advindas do exterior. O que chama atenção na sua análise é sua demonstração de como o processo de defesa presente na neurose e na psicose se assemelham, se diferenciando basicamente quanto à forma com que o psiquismo escolhe lidar com o fragmento da realidade incompatível, tido como inaceitável para a pessoa.

¹⁸ *A perda da realidade na neurose e na psicose & Neurose e Psicose*. O.C. Vol. 16

Freud¹⁹ destaca que o fator decisivo na neurose seria a influência preponderante da realidade; para a psicose, a influência do Id²⁰. Assim, a perda da realidade já estaria presente desde o início na psicose, enquanto que na neurose ela seria evitada. Um ponto importante percebido por Freud é que a perda da realidade afeta justamente “a porção da realidade por cujas exigências produziu-se a repressão instintual” (p. 216). Ou seja, aquela porção da realidade incompatível, inaceitável para a pessoa. Como já destacado, mesmo antes da irrupção da psicose em Oriel e em Dias, verificamos na forma com que ambos lidaram com a morte (da avó e da mãe, respectivamente) aspectos de evitação no reconhecimento da realidade.

Tanto na neurose quanto na psicose dois estágios são visíveis: o primeiro arrancaria o Eu da realidade, enquanto o segundo buscaria corrigir o dano e restabelecer a relação com a realidade às custas do Eu. Na psicose, o segundo estágio tem um caráter de reparação, o qual visa compensar a perda da realidade “pela criação de uma nova realidade, que não desperte a mesma objeção que aquela abandonada” (p. 217). E Freud continua, “tanto a neurose como a psicose são expressão da rebeldia do Id contra o mundo externo, de seu desprazer ou, se quiserem, de sua incapacidade de adequar-se à necessidade real” (Ibid.). A principal diferença entre ambas seria o resultado final: na neurose uma porção da realidade é evitada através da fuga, enquanto na psicose ela é remodelada. Nas palavras de Freud, “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela; a psicose a nega e busca a substituí-la” (p. 218). Assim, está presente na psicose a rejeição da realidade.

A remodelação da realidade na psicose acontece nos traços mnemônicos, ideias e juízos adquiridos até então, os quais a representavam na vida psíquica. “Mas essa nunca foi uma relação fechada, sempre foi continuamente enriquecida e transformada por novas percepções. Assim, também a psicose depara com a tarefa de obter percepções tais que correspondam à nova realidade” (Ibid.). Esse processo de obtenção de novas percepções é feito de forma radical, através da alucinação. Para Freud, quando em muitos casos de psicose “os lapsos de memória, delírios e alucinações mostram caráter bastante grave e se ligam ao desenvolvimento de angústia, isto é sinal de que todo o processo de transformação se realiza contra violentas forças opositoras”.

Percebemos em Oriel o mecanismo de repúdio da realidade seguido de tentativa de reparação através da remodelação da realidade se faz claro. A série de responsabilidades que

¹⁹ Freud (1924). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. O.C. vol. 16

²⁰ Uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda tópica do aparelho psíquico. O Id constitui o polo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos são inconscientes, por um lado hereditários e inatos, por outro, recalcados e adquiridos (LAPLANCHE e PONTALIS, 2008).

se deparou após a sua decisão em casar o levaram à sua conversão cristã. Neste momento, Oriel desloca para Deus a função paterna. “*É bem mais fácil viver acreditando que existe alguém superior à gente, que cuida da gente, do que viver sozinho, enfrentando o mundo só*”. Naquele primeiro momento, a sua conversão e ter Deus agora como Pai Salvador, lhe propiciou uma leveza. “*Aquele peso que tinha em cima de mim todo saiu. Foi muito bom, muito gostoso. Esse peso vinha de toda a responsabilidade, casar, enfrentar o mundo, sem ninguém, sem uma fé, sem nada.*”

Porém, Oriel passa a responder à Deus Pai onipresente não só por seus atos, mas por seus pensamentos. Após ter ajudado a sua esposa a burlar uma prova e passar num concurso público, Oriel teme a decepção de Deus em relação a ele. Pede para a esposa não assumir o emprego ameaçando separar-se, mas ela assume mesmo assim. Neste meio tempo, sua esposa engravida, o que leva a Oriel desejar o aborto. Porém, tal pensamento é inaceitável frente a Deus. A sua transformação em *pai* é intolerável para Oriel. Assim, após o nascimento da filha, Oriel remodela a realidade passando a ser *iluminado* num retiro espiritual. Ao invés de viver sua transformação em *pai*, Oriel se transforma no filho iluminado, descendente direto de Deus, escolhido para transmitir a mensagem de Deus Pai para os Santos e anjos. Oriel se transforma em Santo iluminado, filho de Deus. Deus passa a estar a todo momento com ele, cuidando. Deus pai, Oriel o filho escolhido. Oriel nunca mais ficou só.

Em seu ensaio *Neurose e Psicose*, Freud (1924) apresenta alguns exemplos que aludem para esse distúrbio na relação entre o Eu e o mundo exterior, tais como a amênia e a esquizofrenia. A “amênia” (confusão alucinatória aguda) foi tida por ele como *a mais extrema forma de psicose*, na qual “o mundo exterior não é percebido de modo algum ou sua percepção não tem efeito algum” (p. 179). Na amênia, há a criação de um novo mundo tanto exterior quanto interior, “esse novo mundo é edificado conforme os impulsos de desejo do Id” (p. 180). Mais uma vez, Freud destaca para o fato de que tal ruptura com o mundo exterior teria decorrido de uma intolerável frustração do desejo por parte da realidade.

Já a esquizofrenia tenderia a resultar no embotamento afetivo, ou seja, na perda de todo interesse no mundo exterior. Percebemos o embotamento afetivo de Oriel, tanto no seu relato desafetado quanto na sua atual rotina: ficar em casa, realizar ligações telefônicas para recitar versículos da Bíblia, assistir TV e dormir.

Um grande destaque deve ser dado a Freud ao perceber o delírio não como um sintoma destituído de sentido – como se faz nas noções de psicopatologia clássicas –, e sim como um “remendo colocado onde originalmente surgiria uma fissura na relação do Eu com o mundo

exterior” (p. 180). As manifestações do processo patogênico da psicose são vistas como uma tentativa de cura ou reconstrução, tais como o delírio e as alucinações. Freud elucida um ponto essencial para nosso entendimento da psicose, sendo esta a de que a etiologia comum à irrupção de uma psicose é sempre uma frustração externa. Nas palavras de Freud:

é sempre a frustração, a não realização de um daqueles desejos infantis nunca sujeitos, tão profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada. Tal frustração é, no fundo, sempre externa; em casos individuais pode vir daquela instância interior (no Super-eu) que se encarregou de representar as exigências da realidade. (p. 181)

Tendo em vista as manifestações do processo patogênico na psicose, destaque especial deve ser dado ao mecanismo da projeção, característico da paranoia. Freud²¹ percebe como na formação de sintoma da paranoia é notável a projeção, na qual uma percepção interna é suprimida e, em substituição, “seu conteúdo vem à consciência, após sofrer certa deformação, como percepção de fora” (p. 88). No delírio persecutório, por exemplo, essa deformação consiste numa transformação do afeto; o que deveria ser sentido internamente como amor é percebido como ódio vindo do exterior. Freud inclui na paranoia o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de ciúme e o delírio de grandeza (megalomania).

A projeção não tem o mesmo papel em todas as formas de paranoia, além disso, este mecanismo não é exclusivo da paranoia. Com base em Freud, Szondi (citado em MARTINS, 2010) apresenta a seguinte definição para a projeção: “Projeção é a exteriorização de percepções interiores no mundo externo. Basicamente, porém, ela é um processo de cura, ‘que reverte o recalçamento e reconduz a libido para a pessoa por ela abandonada’”.

Sendo a projeção a exteriorização de percepções interiores no mundo externo, Freud²², em um de seus primeiros ensaios sobre as psiconeuroses de defesa, fala sobre a projeção como uma auto-acusação recalçada:

Dessa maneira, o sujeito deixa de reconhecer a auto-acusação; e, como que para compensar isso, fica privado de proteção contra as auto-acusações que retornam em suas representações delirantes. (...) as auto-acusações recalçadas retornam sob a forma de pensamentos ditos em voz alta. (p. 182).

Dias relata que as vozes dos pensamentos que escuta são quase sempre femininas, as quais falam sobre ele. Ao ser questionado sobre o conteúdo das vozes, ele confessa que geralmente são coisas que ele quer escutar, no geral coisas boas a seu respeito. Dias atesta

²¹ FREUD (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O.C. vol. 10

²² FREUD (1896). *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. ESB. vol. III

que, tendo em vista que somos livres para pensarmos sobre qualquer coisa, temos o direito de saber o que pensam sobre nós mesmos. Essa é a regra.

Não é raro o delírio de uma catástrofe mundial, de fim do mundo, na paranoia. Tendo como base a construção delirante de Schreber, Freud²³ entende tal vivência da seguinte maneira:

O doente retirou das pessoas de seu ambiente e do mundo exterior o investimento libidinal que até então lhes dirigira; com isso, tudo para ele tornou-se indiferente e sem relação, e tem de ser explicado, numa racionalização secundária, como “produzido por milagre, feito às pressas”. O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo acabou, depois que retirou dele o seu amor.

O delírio de catástrofe interior foi vivido não só por Schreber, mas por Oriel após a sua transformação em Santo, escolhido de Deus. Como pontuado anteriormente por Laplanche e Pontalis (2008), por mais que neste ponto Freud esteja se referindo à paranoia, essas duas grandes psicoses (a esquizofrenia e a paranoia) podem combinar-se de múltiplas maneiras. Assim, verificamos o delírio do fim do mundo presente na primeira crise psicótica de Oriel, no momento em que ele recebe o comando de caminhar até a Catedral com o seu espírito puro para que o mundo pudesse acabar. Mesmo tendo sido levado no meio do seu trajeto para o Hospital de Base, na madrugada seguinte conseguiu fugir do hospital ao sentir que Deus havia o concedido uma segunda chance de realizar a missão. Mais uma vez, continuou seu percurso rumo à Catedral nu, pois o Reino dos Céus era lá e só faltava a sua chegada para que o mundo pudesse acabar.

Após a catástrofe interior percebida como fim do mundo pelo psicótico, se inicia um processo de reconstrução via o delírio. Assim, o produto da doença, o delírio, é uma tentativa de cura. Através do delírio, uma nova relação com pessoas e coisas é estabelecida, mesmo esta podendo ser hostil. O recalque consistiria num desprender-se da libido em relação a pessoas e coisas antes amadas. Na paranoia, a tentativa de cura, a tentativa de reconduzir a libido às pessoas e coisas antes amada, é feita via a projeção. Sobre o belo processo de reconstrução na psicose, Freud diz:

E o paranoico o reconstrói, não mais esplêndido, é certo, mas ao menos de forma a nele poder viver. Ele o constrói mediante o trabalho de seu delírio. O que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade tentativa de cura, reconstrução. Após a catástrofe, a reconstrução tem sucesso maior ou menor, nunca total; nas palavras de Schreber, “uma profunda modificação interna” verificou-se no mundo. Mas o sujeito readquiriu uma relação com as pessoas e coisas do mundo, com frequência muito intensa, ainda que possa ser hostil, quando era antes afetuosa. Diremos, então, que o processo de repressão consiste num

²³ FREUD (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O.C. vol. 10

desprender-se da libido em relação a pessoas — e coisas — antes amadas. Ele se realiza em silêncio; não temos notícia dele, somos obrigados a inferi-lo dos eventos consecutivos. O que se faz notar flagrantemente, para nós, é o processo de cura, que desfaz a repressão e reconduz a libido às pessoas por ela abandonadas. Ele se realiza, na paranoia, pela via da projeção. Não foi correto dizer que a sensação interiormente suprimida é projetada para fora; vemos, isto sim, que aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora. (FREUD, 1911, p. 94)

Ao contrário de algumas formas mais agudas de psicose, como a *amênia*, não verificamos na paranoia um desinvestimento completo do interesse do mundo externo. Como apontado por Freud, o paranoico percebe o mundo externo, cogita razões para as mudanças, elabora explicações a partir de impressões que recebe, “e por isso acho bem mais provável que sua relação alterada com o mundo se explique apenas ou sobretudo pelo fim do interesse libidinal” (p. 99). Verificamos em Dias um elaborado sistema de regras, bastante complexo, referente à comunicação por pensamento. Por mais que seus médicos o digam que as vozes que escuta são produções da sua mente, ele reformula tal explicação de forma que preserve seu delírio, “*Hoje eu sei que 90% de tudo que eu ouço é realidade, mas eu demorei muito tempo para entender isso. (...) mas 10% minha mente pode criar; eu me tornei um falsário por causa disso*”. Para provar que não é o único que possui tal habilidade, discorre sobre a fraternidade de homens respeitáveis que também conseguem se comunicar por pensamento.

Como já dizia Freud²⁴, a paranoia seria uma psicose intelectual. Muito antes de escrever seu ensaio acerca de Schreber, ao discorrer sobre a paranoia e o delírio, Freud pontuou: “Em todos os casos a idéia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra idéia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas. É esse o segredo”. (FREUD, 1895, p. 257)

Assim, percebemos na paranoia uma forte tendência à reconstrução via a projeção. A principal manifestação patogênica de Dias é a alucinação auditiva – as vozes do pensamento dos outros. À partir da constatação da tendência à reconstrução, Freud²⁵ compara o desfecho usual da esquizofrenia com o da paranoia.

Mas essa tentativa de cura, que para um observador é a própria doença, não recorre à projeção, como na paranoia, mas ao mecanismo alucinatório (histérico). Eis uma das grandes diferenças em relação à paranoia; ela é passível de explicação genética, por outro lado. O desfecho da *dementia praecox*, quando a afecção não permanece muito parcial, constitui a segunda diferença. Esse desenlace é, em geral, menos favorável do que o da paranoia; a vitória não cabe à reconstrução, como nesta, mas à repressão. A regressão vai não apenas até o narcisismo, que se manifesta em delírio de grandeza, mas até o pleno abandono do amor objetual e retorno ao autoerotismo infantil. (p. 101)

²⁴ FREUD (1895). *Raschunho H: Paranoia*. ESB. Vol. I

²⁵ FREUD (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O.C. vol. 10

Percebemos que, enquanto Dias reconstrói após cada crise, Oriel se ateu ao seu delírio principal: Santo iluminado, descendente de Deus Pai. Com o passar do tempo, Oriel foi desinvestindo progressivamente do mundo exterior, desconstruindo suas antigas sublimações estabelecidas antes do adoecimento. Atualmente, Oriel vive com a mãe e passa o dia em casa, no telefone pregando a palavra de Deus, ou assistindo canais religiosos. Em momentos de crise, se mostra irritadiço com qualquer um que interfira na sua comunicação com os Santos, o que se dá a todo momento. Certa vez D. Marli viajou e deixou o filho em casa por três dias. Relata que ao retornar, encontrou o filho no mesmo lugar. Este ficou os três dias sem comer, beber, tomar banho ou sair do lugar.

No seu Pós-Escrito sobre o caso Schreber, Freud percebe como uma das afirmações delirantes do paciente mais famoso da psiquiatria se relaciona à mitologia. Freud interpreta o vínculo de Schreber com o Sol como um símbolo paterno sublimado. Schreber se gaba de poder olhar para o Sol por um longo período de tempo sem se ofuscar. É esse delirante privilégio de poder olhar para o Sol que Freud relaciona à mitologia, privilégio atribuído pelos naturalistas da Antiguidade às águias tendo em vista sua íntima relação com o céu. Assim, Freud discorre sobre uma prova a qual as águias submetem seus filhotes antes de reconhecê-los como descendentes legítimos. Aqueles filhotes que não conseguem olhar para o Sol sem piscar, são jogados para fora do ninho. Desta forma, Freud encerra seu ensaio sobre Schreber apresentando o conceito de ordálio como prova de descendência.

Encerraremos esta apresentação da temática de psicose introduzindo nossa próxima sessão à partir da reflexão levantada por Freud no final do seu pós-escrito acerca das forças criadoras de mitos da humanidade que, ainda hoje, geram nas pessoas os mesmos produtos psíquicos que nos tempos mais remotos. E continua: “acho que logo será o momento de ampliar uma tese que nós, psicanalistas, enunciamos há muito tempo, de juntar ao seu conteúdo individual, ontogeneticamente compreendido, a complementação antropológica, a ser apreendida filogeneticamente” (p. 107). No homem primitivo, selvagem, poderemos encontrar o que há de mais primitivo no funcionamento do psiquismo.

3.2. O RITUAL

É com essa reflexão levantada por Freud que iniciaremos nossa segunda sessão, a qual buscará interligar uma temática tão amplamente estudada pelos antropólogos e etnólogos – os rituais e seus componentes – com o nosso estudo sobre a psicose e sua psicogênese. Iniciaremos investigando, na perspectiva da antropologia, os conceitos de ritual e de provas ordálicas, as quais muitas vezes compõem um ritual. Após esta primeira parte, buscaremos entender como os rituais com seu senso de ordem, sua importância para a nomeação de lugares sociais – os quais permeiam nossa sociedade até os dias atuais –, impactam os indivíduos, podendo levar estes a experimentarem tais vivências ritualísticas da mesma forma como nossos ancestrais: como provações nas quais são sujeitados; desprovidos de querer, sua existência é colocada em cheque da forma mais radical. Como resultado final ou se vive ou se morre.

Tendo em vista a vastidão dos estudos sobre os *ritos*, buscaremos apresentar de forma geral os conceitos vigentes em alguns autores que se destacam nesta área. Uma exposição mais aprofundada será realizada somente daqueles conceitos que forem de maior utilidade para nosso estudo. Na antropologia, o estudo de rituais e cerimônias muitas vezes se limitam à consideração de procedimentos religiosos e mágicos, fazendo com que investigações sobre rituais e religião quase sempre procedam juntos (MOORE e MYERHOFF, 1977). Segundo Cazeneuve (1957), todos os estudos sobre as crenças ou comportamentos rituais se relacionam com a distinção clássica entre magia e religião, tendo a maior parte das teorias buscado ultrapassar essa clivagem ou torná-la ponto de partida.

Goodman (1988) definiu o ritual como um encontro social no qual cada participante tem um papel específico, ocorrendo em um dado tempo e espaço, assim como envolvendo um conjunto predeterminado de eventos. Uma vez iniciado o ritual, este tem que seguir seu curso até a sua conclusão. Na interação com os outros, as pessoas realizam rituais cotidianamente.

Rappaport (1999), ao estudar os rituais e a religião, apresenta a seguinte idéia de ritual: “I take the term *ritual* to denote the performance of more or less invariant sequences of formal acts and utterances not entirely encoded by the performers²⁶” (p. 23). Em sua definição, Rappaport faz referência à idéia de sequencia de atos e expressões formais

²⁶ “Eu tomo o termo ritual para denotar a performance de seqüências de atos formais mais ou menos invariantes e enunciados não inteiramente codificadas pelos participantes”.

realizadas por aqueles que participam do ritual. Porém, ao dar continuidade à sua idéia, destaca o fato de que tal definição abrange muito mais que o comportamento religioso, sendo utilizada inclusive por psiquiatras e psicanalistas ao se referirem aos comportamentos estereotipados de alguns neuróticos.

Ao fazer destaque ao aspecto da repetição encontrada no rito, Muir (1997) aponta como a repetição pode criar ordem a partir do caos, apesar dos rituais envolverem mais do que a repetição. Para este autor, a repetição de gestos cotidianos nos limites de um dado tempo e espaço desperta diversas respostas emocionais, tais como medo ou alegria, ódio ou amor, alienação ou comunhão. O trabalho do ritual seria justamente nesta evocação emocional. Para Muir, o conceito de *ritual* abrange desde definições que se restringem à ideia de práticas religiosas que tentam obter acesso ao sobrenatural, até à idéia mais ampla que contempla o ritual em praticamente qualquer forma de atividade humana formalizada que se repete.

Muir (Ibid.) destaca que os rituais podem informar e incitar emoções, esclarecer uma situação ou até mesmo decretar a passagem de um estado para o outro. Ao falar sobre a sensação de perturbação que pode ser vivida em um ritual, o autor fala sobre o poder adquirido por aquele que atravessa com sucesso um ritual, tendo em vista que o ritual muitas vezes é repleto de elementos perigosos que colocam a existência do sujeito em risco, e aqueles que sobrevivem a situações perigosas são temidos e seguidos.

Outro autor fundamental no estudo sobre o ritual é Jean Cazeneuve (1957) e sua obra *Sociologia do Rito*. Para Cazeneuve, uma sociedade desprovida de qualquer rito seria uma anomalia. O rito é uma ação, seguida de consequências reais. Se distingue dos outros costumes também pelo papel que a repetição representa. Ao falar sobre o caráter de repetição presente no rito, faz menção ao rito neurótico como possibilitando um apaziguamento aos conflitos inconscientes do sujeito.

Cazeneuve vai além ao tentar compreender a origem dos ritos. O autor destaca que certos ritos puderam nascer do desejo de preservar contra qualquer perigo o ideal de uma vida sem imprevisto e angústia, de uma condição humana bem estabilizada e definida, que não levantasse problemas ulteriores. A angústia era o sentimento resultante daquilo que ameaçava a ordem, “daquilo que questionava uma humanidade apaziguada pela regra” (p.29), da percepção de um desconhecido, de algo sentido como “sobrenatural”, ou mesmo “numinoso”.

Assim, quando se pergunta que pôde criar nas sociedades a necessidade de recorrer aos ritos, é-se levado a pensar que o homem, angustiado por se sentir um mistério para si próprio, ficou dividido entre o desejo de definir por regras uma condição

humana imutável e, por outro lado, a tentação de permanecer mais poderoso do que as regras, de ultrapassar todos os limites. (p.32)

Para o aprofundamento dos conceitos que serão de grande valia para este estudo, nos focaremos especialmente nos textos encontrados na obra **Secular Ritual** (1977), organizados pelas autoras Sally Moore e Barbara Myerhoff. Assim, nada mais sensato do que iniciar com a apresentação da temática desenvolvida pelas mesmas autoras. O conceito *ritual secular* engloba desde comportamentos ritualizados individuais e seus sentidos psicológicos até cerimônias coletivas.

Para Moore e Myerhoff (1977), tanto rituais quanto cerimônias são empregados para estruturar e apresentar interpretações particulares da realidade social, de forma que os dota de legitimidade. Assim, o ritual pode ser interpretado como uma tentativa de estruturar a forma como as pessoas pensam sobre a vida social. A cerimônia seria um processo no qual certas mudanças eram realizadas e marcadas assim como em um rito de passagem (*rite de passage*), conceito desenvolvido por Van Gennep, o qual será explorado a seguir.

Para as autoras, um paradoxo é o fato das cerimônias representarem *mudança* da mesma forma em que celebram repetições e continuidades. Um ritual religioso faz referência à ordem cósmica invisível, trabalhando e operando diretamente através do seu desempenho, e se corretamente executado, deve trazer o resultado desejado. Porém, faz parte dos efeitos de um ritual resultados como sucesso e fracasso. Os ritos podem variar muito quanto ao convencimento de seus participantes e ao sucesso em comunicar suas mensagens.

Uma das consequências psicológicas mais sutis e analiticamente intangíveis que podem ocorrer em um ritual é o estado de espírito (*state of mind*) chamado “transformação”. A transformação ocorre quando tanto o símbolo quanto o objeto parecem se fundir, sendo experimentados como um todo perfeitamente indiferenciado. Essa fusão aparente pode ser o objetivo final de alguns rituais religiosos, mas nunca é o único critério para o sucesso, devido ao seu caráter imprevisível. “Transformation is invited but not commanded by ritual performances²⁷” (p.13), ou seja, se deseja que aconteça o caráter transformador em um ritual, o que não significa que acontecerá.

Até este ponto, elucidamos o conceito de ritual de uma forma geral. Para nosso estudo, o aspecto que nos interessa é o da transformação, da passagem de um estado para um outro. O rito seria uma ação seguida de consequências reais. É justamente nesse aspecto que se reflete na *mudança*, na *transformação* esperada daquele que vivencia o ritual que nos ateremos. O esperado é que a transformação aconteça quando símbolo e objeto se fundem, quando o

²⁷ “A transformação é convidada, mas não ordenada por performances de rituais”

sujeito assimila esse novo lugar simbólico que ele passará a ocupar, ou um novo contexto por ele vivido. E quando o sujeito não consegue assimilar tais mudanças? Quando tais mudanças são incompatíveis com os ideais carregados pelo sujeito? Ou quando exigem do sujeito um repertório de comportamentos que ele não é familiarizado? São questões como essas que motivam nosso interesse nessa investigação, em especial, para o caso de sujeitos psicóticos. Neste momento, exploraremos o conceito de *rito de passagem* desenvolvido por Van Gennep, o qual nos possibilitará uma maior articulação com a nossa temática.

3.2.1. Rito de Passagem

Vários foram os autores que tiveram como ponto de partida de seus estudos o conceito de rito de passagem (*rite de passage*) desenvolvido por Van Gennep (MOORE e MYERHOFF, 1977; GOODY, 1977; TURNER, V, 1977; TURNER, T, 1977; MATTA, 1977; MUIR, 1997). Devido à importância do conceito não só para a antropologia como para o desenvolvimento do nosso estudo, uma atenção especial será dedicada a este autor e a sua obra intitulada *Os ritos de passagem*.

Em seus estudos, Van Gennep (1978) percebe que toda sociedade geral é composta por várias sociedades especiais; quanto menor o grau de civilização em que a sociedade se encontra, mais autônoma e bem definido são os contornos destas sociedades. Atualmente, em nossas sociedades modernas, só há separação um pouco mais nítida entre a sociedade leiga e a religiosa, ou seja, entre o profano e o sagrado. Para Van Gennep, a incompatibilidade entre o mundo profano e o sagrado é tal, que a passagem de um ato ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário. Quanto menos evoluída uma sociedade, maior a predominância do mundo sagrado sobre o profano.

Segundo Van Gennep, a vida individual consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra:

É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada. Sendo o mesmo objetivo, é de todo necessário que os meios para atingi-lo seja pelo menos análogos, quando não se mostram idênticos nos detalhes. Aliás, o indivíduo

modificou-se porque tem atrás de si várias etapas e atravessou diversas fronteiras.
(p. 26)

Podemos ilustrar nos casos clínicos essa vivência de passagens sucessivas que acontecem em uma sociedade. Em todos os casos, Oriel, Dias e Schreber, verificamos que a crise psicótica foi precedida por uma grande mudança ou do contexto, ou do papel social, ou de ambas. Oriel, após decidir-se casar, se sentiu sobrecarregado com as responsabilidades advindas. Num intervalo curto de tempo, foram duas novas situações sociais que coube a ele assimilar: o casamento e a paternidade. Em Dias, percebemos também duas sucessões de etapas muito definidas: a morte da sua mãe e seu (não) ingresso na puberdade social. Em relação à puberdade social, nos referimos à sua experiência no carnaval, na qual se descobre *impotente* por não se sentir atraído fisicamente pelas mulheres, o que o impossibilitou de ter sua primeira relação sexual. Desta forma, não compartilha daquela experiência vivida por seu grupo de amigos, no ritual social do Carnaval. Por último, Schreber adoece justamente no momento em que deveria ocupar o alto cargo de *Senatspräsident*, Presidente da Suprema Corte em Dresden, sendo este um papel masculino ativo, no qual passaria a desempenhar um papel paterno.

3.2.1.1. Um Ritual Brasileiro

Tendo em vista a importância da compreensão do sentido por trás do Carnaval para um melhor entendimento da primeira crise psicótica de Dias, exploraremos de maneira pontual um estudo realizado por Roberto Da Matta (1977) acerca de rituais brasileiros. O Carnaval é um rito que afeta a sociedade brasileira como um todo, celebrado no país inteiro, envolvendo a participação de todas as classes socioeconômicas. DaMatta concorda com Leach (1954, citado por DaMatta, 1977), que aponta para o ritual como um aspecto das relações sociais, sendo este uma prática que altera o status da pessoa moral de profano para sagrado, ou então de sagrado para profano.

A cronologia do Carnaval é uma cronologia *cósmica*. DaMatta caracteriza o Carnaval como um ritual que simboliza a relação entre o homem e Deus, sem deixar de fora categorias como o pecado, a morte, a salvação, a mortificação da carne, o excesso sexual e a continência.

A ênfase dos valores evocados no Carnaval não são especificamente brasileiros e sim cristãos, representando um momento de licença e excessos.

Destaque especial é feito ao Carnaval como um *rito de passagem*: é um período definido como “preparatório” para um ciclo de penitência e remorso, denominado *Quaresma*. Nesse período posterior de quaresma, o comportamento deve ser marcado pela abstinência de carne e o excesso de forma geral deve ser controlado. O Carnaval pode ser qualificado como profano, um rito informal que cria *communitas*²⁸. No Carnaval ocorre a dissolução do sistema de papéis sociais, dissolução esta que termina na Quarta-feira de Cinzas, dia que sucede o fim do ritual. Conforme DaMatta, tudo indica que há uma tentativa nestes festivais de reconciliação das autoridades e do povo, tendo Deus como intermediador, numa espécie de *pax catholica*.

Religious festivals, therefore, by putting side by side, at one time, the people and the authorities, the saints and the sinners, the healthy and the sick, thereby express in their discourse a systematic neutralization of positions, groups and social categories, establishing a sort of *pax catholica*²⁹. (p. 255)

Para DaMatta, todos os aspectos do mundo social podem gerar um rito. A diversidade dos rituais está de acordo com a diversidade de eventos e domínios percebidos, distinguidos e classificados no mundo social. DaMatta defende que o estudo dos rituais não deve se basear na investigação das qualidades essenciais e peculiares de um dado evento, mas sim em examinar como elementos triviais do mundo social podem ser elevados e transformados em símbolos, em categorias e mecanismos que, em certos contextos, permitem o surgimento de um evento especial, extraordinário. “Rituals hide and reveal; they can both delude or clarify. This varies from culture to culture and from situation to situation³⁰” (p. 259).

Sendo o Carnaval um ritual de passagem entre o status da pessoa moral de sagrado para o profano, explicitamos aqui a dificuldade de Dias em viver tal ritual de forma simbólica. Até o presente momento, Dias ainda não havia constatado o que chamou de *impotência*. Recordemos seu relato:

Passou o primeiro dia, o segundo dia; meus amigos todos já estavam transando e tudo, eles queriam ir pra lá pra isso. Eu me recordo, embora desde a infância meu desejo pelas mulheres sempre foi natural, nunca teve nada de errado, a minha dificuldade era a parte física que me desse uma segurança de ter a relação, por exemplo. Foi no Carnaval que eu descobri que era impotente. Embora eu assistisse

²⁸ Sentimento intenso de união grupal e pertencimento.

²⁹ “Festivais religiosos, portanto, colocando lado a lado, ao mesmo tempo, o povo e as autoridades, os santos e os pecadores, os saudáveis e os doentes, assim, expressam em seu discurso uma neutralização sistemática de posições, grupos e categorias sociais, estabelecendo uma espécie de *pax catholica*”

³⁰ “Rituais escondem e revelam; podem tanto iludir ou esclarecer. Isso varia de cultura para cultura e de situação para situação”

filme pornô todo dia e tivesse muita dificuldade de ter um relacionamento, eu não imaginava nunca que meu problema era impotência. Aquilo acabou comigo, acabou comigo quando eu descobri. (...) Incrível né, o poder de algumas palavras. Como elas influenciam de tal maneira a modificar completamente toda uma vida.

As palavras as quais ele se refere seriam as da avó, que diz que todo homem é mau por ter um pênis. Participar do rito do carnaval, se tornar um profano, pecador, libertino, seria tornar real a profecia da avó, vivenciar a puberdade social implicaria se transformar em *mau*. Dias não consegue atravessar tal ritual, voltando para casa antes dos colegas. Dias relata sobre a constatação da sua impotência: '*Ali foi o final de tudo, ter descoberto isso*'.

3.2.1.2. Ritos Liminares

Van Gennep (1978) distingue uma categoria especial de rito de passagem, que se decompõem em: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação. Como forma de ilustração, Van Gennep destaca que os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais, e os de agregação nas de casamento. Em relação aos ritos de margem seriam aqueles que representam a transição de um estado para outro, por exemplo a gravidez ou noivado. Assim, sumariza: “O esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação)” (p.31).

A partir deste ponto, Victor Turner (1974, 1977) se aprofunda no estudo dos ritos de margem, ou os *liminares*. Como pontuado por Turner (1977), a primeira e a última etapa (separação e agregação) são auto-explicativas. Elas tiram o sujeito que vivencia o ritual em questão de seu antigo lugar ocupado na sociedade, o devolvendo tanto interiormente quando exteriormente transformado, passando este a ocupar uma outra posição social.

Victor Turner (1977) descreve o *limen* como uma espécie de passagem de um estado dinâmico para um estático, uma transição: “A *limen* is a threshold, a corridor almost, or a tunnel which may, indeed, become a pilgrim’s road or a passing from dynamics to statics, may cease to be a mere transition and become a set way of life, a state, that of the anchorite, or monk³¹” (p.37). Para Turner (1974), se a liminaridade é considerada como um tempo e um

³¹ “O limen é um limite, quase um corredor, ou um túnel que pode, de fato, tornar-se caminho de um peregrino ou uma passagem de dinâmico para estático, pode deixar de ser uma mera transição e tornar-se uma forma definida de vida, um estado, aquele do eremita, ou do monge”

lugar de retiro dos modos normais de ação social, pode ser encarada como sendo potencialmente um período de exames de valores e axiomas centrais da cultura em questão.

Turner (1974) apresenta dois ritos tradicionalmente analisados na antropologia: os ritos de crise de vida e os ritos estacionais (ou fixados pelo calendário). Os ritos de crise de vida são aqueles em que o(s) sujeito(s) do ritual, marcados por um certo número de momentos críticos de transição, se movem “de uma localização placentária fixa dentro do útero da mãe para a morte e o ponto final fixo de sua pedra tumular e definitivo encerramento na sepultura como organismo morto. São eles os importantes momentos do nascimento, puberdade, casamento e morte” (WARNER, 1959, citado por TURNER, 1974, p. 204). Já os ritos marcados pelo calendário em geral abrangem sociedades inteiras. Com frequência são realizados em momentos bem assinalados dentro do ciclo produtivo anual, atestando a passagem da escassez para a abundância, ou o contrário.

Os ritos de crise de vida podem ser de natureza individual ou coletiva, porém com maior frequência são cumpridos por indivíduos. Segundo Turner, estes ritos são quase sempre ritos de elevação de status, nos quais o sujeito é conduzido de uma posição mais baixa para outra mais alta. Muitas vezes, fazem parte dos ritos de elevação de status provações ordálicas, “the grinding down process is accomplished by ordeals: circumcision, subincision, clitoridectomy, hazing, endurance of heat and cold, impossible physical tests in which failure is greeted by ridicule³²” (1977, p 37).

É importante destacarmos, neste momento, o termo *ordálio*. Ilustraremos, a partir de Turner, o ordálio no ritual de elevação de status, para assim nos aprofundarmos em tal conceito. Para Turner (1974) uma maneira de se entender o por quê da presença de ordálios em *ritos de elevação de status* é que para um indivíduo subir na escada social, antes este deve descer às posições mais baixas. “A liminaridade da crise de vida humilha e generaliza aquele que aspira uma posição estrutural mais alta” (p.205). Ao descrever um rito de crise de vida, especificamente em relação à puberdade, Turner relata:

Escrevi alhures a respeito dos símbolos de liminaridade que indicam a invisibilidade estrutural dos noviços submetidos a rituais de crise de vida. (...) eles são “nivelados” e “despojados” de todas as distinções profanas de posição social e de direitos sobre a propriedade. Além disso são submetidos a julgamentos e ordálios para aprenderem a serem humildes. Um só exemplo de tal tratamento será suficiente. Nos ritos de circuncisão dos meninos Tsongas (...), os meninos são “surrados severamente pelos pastores... ao menor pretexto”. Submetidos ao frio, devem dormir nus, de costas, toda a noite, durante os frios meses de junho a agosto; são proibidos de beber uma gota de água sequer durante toda a iniciação; devem comer alimentos insípidos que

³²“O processo de moagem é realizado por ordálio: circuncisão, subincisão, clitoridectomia, trotes, resistência de calor e frio, testes físicos impossíveis cujo fracasso é recebido pela ridicularização”.

“lhes causam náuseas a princípio” a ponto de fazê-los vomitar; são severamente punidos, sendo-lhes introduzidos pedaços de pau separando os dedos de ambas as mãos, aperta-os e suspende os pobres meninos, espremendo e quase esmagando-lhes os dedos; finalmente o circuncisado deve estar também preparado para morrer, se a ferida não cicatrizar de maneira adequada. (p.205)

A morte é um dos destinos possíveis. Essas provações não buscam apenas ensinar resistência, obediência e virilidade aos meninos, como colocado por Turner. A sobrevivência dos meninos é uma atestação de que são dignos de pertencerem ao grupo. Aqueles que não forem, morrerão. Verificamos provações nos rituais de elevação de “status” realizadas até os dias atuais nas sociedades modernas, como por exemplo, os trotes nos calouros universitários, assim como as iniciações nas academias militares.

3.3. O ORDÁLIO

Após essa breve ilustração de uma prova ordálica presente num ritual de elevação de status da comunidade dos Tsongas, podemos iniciar essa nova sessão, que terá como foco a exploração do conceito de *Ordálio*. O termo *ordálio* advém do anglo-saxão *ordâl* e do alemão moderno *urtheil*, o que significa *juízo, julgamento* (Larousse, 1928). A definição encontrada na Encyclopaedia Britannica (2012) é a de *ordálio* (ordeal) como um julgamento da verdade de algum relato ou acusação baseados na crença de que o resultado vai refletir o julgamento de poderes sobrenaturais, os quais garantirão o triunfo da justiça.

Esses tipos de provações ordálicas foram muito utilizadas na Idade Média, sobre o nome de Juízo de Deus (Larousse, 1928). No dicionário Houaiss (2004), o termo *ordálio* é definido como provação extrema; calvário. Esse conceito foi muito utilizado na história do Direito, o qual define *ordálio* como uma prova judiciária feita com a concorrência de elementos da natureza e cujo resultado era interpretado como um julgamento divino; um juízo de Deus (Houaiss, 2004). Apesar de consequências fatais serem frequentes, o seu propósito não era punitivo. Desta forma, o ordálio é uma prova que coloca a pessoa frente a uma potência sobrenatural absoluta. É importante destacar que o sujeito é submetido a esta provação desprovido do seu querer. Como colocado por Martins (1995): “O sujeito é completamente desprovido do seu querer, da sua própria vontade, sendo colocada sua existência em cheque de maneira a mais radical” (p. 65)

Os principais tipos de ordálio são por divinação, batalhas e teste físicos, sendo este último o mais comum (Encyclopaedia Britannica, 2012). Um exemplo de ordálio por divinação era o Birmanês, que envolvia duas partes sendo decoradas com velas de tamanhos iguais e iluminadas simultaneamente. O dono da vela que perdurasse mais tempo era o vencedor da causa. Já em relação ao ordálio por batalhas, é dito que o vencedor da batalha venceu não devido à sua própria força, mas porque forças sobrenaturais intervieram no lado do justo, como em duelos na Idade Média Européia, nas quais o “Julgamento de Deus” era tido como responsável pela determinação do vencedor.

Já o ordálio por testes físicos, principalmente por fogo e água, é o mais comum e o que foi mais difundido. A água era utilizada como elemento de julgamento em provas ordálicas, confiados em demonstrar o julgamento dos deuses. Charles Nicolas e Valleur (1991), ao refletirem sobre tais tipos de ordálio, destacam que além dos elementos naturais (como a água, fogo, ferro quente, plantas venenosas), cabe a uma potência sobrenatural anunciar o julgamento, e isso se dá no corpo do indivíduo, ao estar correndo risco de morte. O importante de ser ressaltado é que a Ordalia não permite dúvida: ela condena à morte ou designa triunfalmente aquele que está do lado de Deus, escolhido em um julgamento que transcende toda a justiça humana, separando o bem do mal.

Assim, a ordalia encaminha ao julgamento de Deus o qual declara inocente ou culpado o indivíduo suspeito de bruxaria, por exemplo, conforme ele morresse ou sobrevivesse, flutuasse ou afundasse, se queimasse no ferro quente ou não (NICOLAS e VALLEUR, 1991). Percebe-se que essas provas ordálicas se inscrevem no quadro de sociedades tradicionais, selvagens, nas quais as marcas do sagrado são onipresentes e interrogáveis através de elementos naturais.

Tanto na Bíblia quanto em códigos Hindus é possível se encontrar exemplos da verificação da fidelidade de uma mulher em relação ao seu marido através de provações ordálicas. Em códigos Hindus, uma mulher pode ser obrigada a passar pelo fogo para provar sua fidelidade a um marido ciumento; vestígios de queima seriam considerados como uma prova de sua culpabilidade (Encyclopaedia Britannica, 2012).

Na Bíblia (Números 5:11-31), há exemplos de julgamentos deste tipo para verificação da fidelidade da mulher. O trecho bíblico diz que se um homem suspeitasse da infidelidade da sua mulher ou se ele sentisse ciúmes independente de se ter ou não indícios de sua infidelidade, caberia a ele levar sua mulher para um sacerdote e a este submetê-la a um teste ordálico. O sacerdote a colocaria frente a Deus, pegaria um pouco de água sagrada e a

mistutaria com pó do pavimento do tabernáculo, dando à mulher a mistura para beber. Se ela ficasse doente, era prova da sua infidelidade. Se ela não adoecesse, era prova de sua inocência. Caso ela adoecesse, sendo sua infidelidade provada, ela seria apedrejada até a morte.

Valleur (1984) faz destaque para o papel que o julgamento de Deus teve como forma legal em todas as sociedades em algum período da sua história. Com o juramento e o duelo, a ordalia é o modo de provação mais difundido no direito antigo de todas as grandes civilizações, antes da introdução de um direito penal (direito romano), baseado em provas e testemunhas. Assim, a existência de ordálios é próprio de sociedades onde a proximidade com o divino é mais presente, sendo feito um apelo ao que se pode chamar “julgamento de Deus”.

Esse julgamento de Deus também foi muito utilizado para se verificar a descendência ou não de membro(s) de certo grupo, podendo este ser totêmico, comunitário, familiar. Mencionamos anteriormente sobre a prova ordálica que as águias submetem seus filhotes antes de reconhecê-los como descendentes. Aqueles que não conseguem olhar para o sol sem piscar, são jogados para fora do ninho, não sendo reconhecidos como descendentes legítimos. Diz Freud (1911):

Não pode haver dúvidas quanto ao significado desse mito animal. Certamente se atribui aos animais o que é costume sagrado entre os homens. O que a águia realiza com seus filhotes é um ordálio, uma prova de descendência, tal como nos relatos sobre povos diversos dos tempos antigos. Os celtas que habitavam as margens do Reno confiavam seus recém-nascidos às águas do rio, para verificar se eram realmente de seu sangue. Na região da Trípoli de hoje, a tribo dos psilos, que se jactava de descender de cobras, expunha seus filhos ao contato das cobras; os legítimos rebentos da tribo não eram picados ou logo se recuperavam das consequências da picada. A premissa de todas essas provas nos leva ao interior do pensamento totêmico dos povos primitivos. O totem — o animal ou força natural apreendida de forma animista, de que a tribo crê descender — poupa os membros da tribo como sendo seus filhos, tal como ele próprio é adorado e eventualmente poupado por eles, como pai da tribo. (p. 106)

Assim, cabe a essa potência divina a certificação da descendência ou não de um membro de um grupo. Ou o sujeito pertence ou não. Caso fracasse na provação, a ele cabe a morte. Esse julgamento divino acerca de uma descendência é tido como um ordálio, uma prova de linhagem. Outros autores além de Freud fizeram uso deste conceito de ordálio para compreender fenômenos da esfera psicológica. Charles Nicolas e Valleur (1991) definem conduta ordálica como o engajamento assumido por um sujeito, de maneira repetitiva, em provações que coloquem sua vida em risco.

A fantasia ordálica seria a fantasia de entregar seu corpo e alma para uma potência sobrenatural – para um Outro – cabendo a este ‘Outro’ decidir sobre sua morte, ou sobre seu direito absoluto à vida (NICOLAS e VALLEUR, 1991; VALLEUR 1991). Assim, tentativas de suicídio repetidas, escarificação ou automutilação de adolescentes problemáticos foram interpretadas como uma tentativa de viver uma espécie de rito de passagem, semelhante aos rituais de sociedades tradicionais. Valleur também relaciona essa conduta ordálica ao comportamento compulsivo de jovens frente às drogas e ao ato compulsivo de jogar, apostar (Valleur, 1984; 1989; 1991).

A partir deste conceito de ordálio como prova de linhagem, Freud (1911) demonstra a importância do simbolismo paterno verificado na sua análise do caso de Daniel Schreber. Para Freud, o Sol representava o símbolo sublimado do pai para Schreber. Utilizaremos o conceito de ordálio como prova de linhagem, qual busca verificar se um indivíduo é descendente legítimo de certo grupo familiar ou não. A partir daí, iniciaremos nossa investigação acerca de como é o senso de pertencimento do psicótico em relação ao seu grupo familiar.

3.3.1. O Ordálio e a Psicose

Tendo em vista o que foi apresentado até o presente momento, percebemos a relevância do estudo do ordálio em campos como a história e a antropologia. Mas e na psicologia? Será que entender os ritos de passagem e as provas ordálicas pode nos auxiliar no estudo do campo dos distúrbios psíquicos? Tendo em vista o interesse da psicanálise acerca da constituição do sujeito, de sua história, de como se dão suas identificações, como se adquirem os altos ideais na infância, como é seu senso de dever e poder, pensamos se justificar a investigação de grandes mitos da humanidade e sua relação com a psicologia. Como colocado por Freud³³, ainda hoje tais mitos geram nas pessoas efeitos psíquicos comparáveis àqueles nos tempos mais remotos. Será que encontramos nos indivíduos fantasias ordálicas quanto ao pertencimento a uma certa genealogia?

Foram inúmeros os estudos realizados por Martins e colaboradores (1994; 1995; PERCÍLIO, 2000) sobre o lugar que um paciente psicótico se coloca em seu genograma

³³ FREUD (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O.C. vol. 10

familiar. Martins et al. (1994) apontam que um genograma pode ser visto não só como um modo de representar as relações efetivas de grupos familiares, mas também como “expressão do assentimento do grupo acerca de que posições simbólicas cada um dos membros ocupa” (p. 68). Para os autores, o genograma pode ser estudado não somente como expressão normativa da sociedade, mas também a partir de um ponto de vista do sujeito. Nas palavras dos autores:

O genograma e as árvores genealógicas são exemplos efetivos e constitutivos da expressão do compartilhamento social dos lugares simbólicos existentes na sociedade. Cada sujeito, entretanto, pode imaginar e simbolizar seu genograma de maneira distinta. Assim, um genograma diferente daquele compartilhado socialmente pode ser montado a partir da fala de cada um, e constituir expressão, não só da realidade social compartilhada, mas também da realidade psíquica de cada um. (p. 69)

Tendo em vista que o genograma pode ser estudado a partir do ponto de vista do sujeito, Martins e colaboradores (1994; 1995; 2000) realizaram um amplo estudo o qual buscou investigar as relações de parentesco em pacientes psicóticos, tendo como base um questionário realizado por Luce Irigaray e Jean Dubois, o qual avalia as dimensões clássicas destas relações e os tipos de erros que ocorrem com maior frequência.

Percílio (2000), uma das autoras do estudo, destaca como ênfase da investigação a dimensão das gerações e o deslocamento que pacientes efetuam no próprio eixo de referência ao serem questionados nas suas relações parentais. Os resultados encontrados junto a pacientes esquizofrênicos e maníaco-depressivos demonstraram uma maior incidência de erros nas questões relacionadas à dimensão geracional. Martins e colaboradores (1994) concluem que em quadros psicóticos há o posicionamento do paciente psicótico em um eixo geracional diferente do seu.

Martins et al. (1995) apresentam a percepção de Benveniste a propósito da loucura: “Le prince de la folie est confondre soi même avec un autre”, ou seja, uma pessoa é considerada louca ao perder seu senso de identidade, se confundindo com um outro. Tendo em vista os resultados encontrados nas pesquisas realizadas, os autores concluem que há uma recusa por parte do sujeito psicótico em compartilhar da crença social numa genealogia comum a todos, podendo este criar uma que pertença apenas a ele. Segundo os autores, “este último ‘sistema genealógico’ será independente em larga medida do julgamento do restante de seu grupo social, sendo fruto da convicção do sujeito” (p. 89).

Tendo em vista os resultados destes estudos acerca da recusa do psicótico em compartilhar de sua genealogia familiar, é inevitável a reflexão acerca de como se deram suas

identificações e seu senso de (não) pertencimento a uma família. Falar de senso de pertencer a uma linhagem nos leva ao campo simbólico do ordálio como teste de linhagem. Pensamos no ordálio como uma prova de linhagem vivida pelo sujeito numa crise psicótica, sendo este submetido a um ritual de passagem cujo intuito é o da transformação.

Dito isso, quando Freud nos fala sobre um *fragmento da realidade*, uma *representação incompatível* com o Eu do psicótico que leva à irrupção da psicose, ele está falando sobre o encontro do sujeito com o seu ordálio, com aquela prova que coloca a sua existência em cheque de maneira mais radical. Ao não conseguir enfrentar a situação de maneira que ateste que este descende sua horda familiar, este fracassa. Ao se deparar com tal representação incompatível advinda da realidade externa, há uma rejeição por parte do Eu de tal realidade, assim como do seu afeto. Após a rejeição deste fragmento da realidade, num momento posterior, há na psicose uma tentativa de remodelação desta realidade, de substituição por outra realidade que não levante mais objeções ao Eu do sujeito, uma tentativa de cura.

Estes estudos realizados por Irigaray e Dubois, Martins e colaboradores sobre a forma com que pacientes psicóticos percebem as relações de parentesco denunciaram a problemática de como se dá o sentimento de pertencimento do sujeito em sua própria genealogia. Alguns estudos sobre a experiência fenomenológica do surto podem nos auxiliar numa maior compreensão sobre os efeitos decorrentes de uma vivência ordálica, a qual coloque a existência do sujeito em cheque.

Salmon Resnik³⁴ (2001) realizou um estudo acerca das sensações corporais presentes na psicose. O autor verificou que quando um psicótico se sente ameaçado, toda sua existência perde sua harmonia vital, como se ele perdesse posse de seu próprio corpo. Há uma busca por sua própria imagem. Numa crise psicótica, sua imagem corporal se desintegra, se tornando fragmentada; o sujeito perde sua individualidade específica, assim como sua própria existência como pessoa. Nas palavras de Resnik: “In a psychotic crises, the body image disintegrates and becomes fragmented; it runs the risk of being scatted throughout the world of objects. The individual loses his specific individuum and hence his very existence as a person³⁵” (p. 25).

Quando a realidade externa é constantemente vivenciada como suspeita, misteriosa e perigosa, a negação da realidade é o último recurso. Resnik aponta que durante uma crise

³⁴ RESNIK, S. *The Delusional Person*. London: Karnac, 2001.

³⁵ “Em uma crise psicótica, a imagem do corpo se desintegra e se torna fragmentada, correndo o risco de ser esparramado pelo mundo dos objetos. O indivíduo perde a sua individualidade específica e, portanto, a sua própria existência como uma pessoa”.

psicótica, o indivíduo se sente constantemente ameaçado de perder sua auto-imagem, se esforçando em recuperá-la. A despersonalização seria uma forma de se separar de partes do seu Eu e da realidade.

Um dos fenômenos possíveis de serem vividos após a irrupção de uma psicose seria esse, a *despersonalização*; tal fenômeno nos remete diretamente ao campo identitário das psicoses, ao campo originário, às fantasias de pertencimento, ao ordálio. Em uma carta a Romain Rolland, Freud³⁶ (1936) fala da sensação de *estranhamento*, ou de uma fração da realidade ou de uma fração do próprio Eu. Caso a sensação de estranhamento seja em relação ao próprio Eu, fala-se em despersonalização. Para Freud, tal fenômeno tem como característica a finalidade de defesa, buscando manter algo longe do Eu, negando-o. Além disso, as raízes de tal estranhamento podem ser encontradas nas primeiras experiências do sujeito.

O autor Jackel³⁷ (1958) percebe o fenômeno da despersonalização como uma perturbação nas experiências de uma pessoa com seu próprio corpo (ou partes deste), ou com sua mente. Em relação ao corpo ou suas partes, a pessoa pode sentir este como estranho a si, não sentir como sendo seu, ou talvez senti-lo como estando morto. Em relação à mente, há uma sensação de estar fora de si mesmo; como um espectador que observa um outro falar, andar, agir. No fenômeno da desrealização, a sensação de irrealidade estaria associada ao mundo externo, não ao Eu.

Jackel (Ibid.) cita estudos realizados por Jacobson, os quais o levaram a concluir que a despersonalização tende a ocorrer em situações onde o Eu é ameaçado por processos regressivos repentinos. Jacobson percebe que o Eu do sujeito se divide frente a um conflito entre as suas identificações. A base do conflito estaria no Eu, tendo sua origem na luta entre identificações conflitantes. Nas palavras de Jackel:

One part of the ego strives to maintain normal behavior, resting on previous stable identifications; the other part, temporarily regressed, accepts infantile, sadomasochistic, pregenital identifications. A split in the ego results. The process is facilitated by a weak, unstable, or contradictory superego since this predisposes to a failure in repression and to drive intrusions into the ego. The basic conflict is within the ego and has its origin in the struggle between conflicting identifications. States of depersonalization always represent pathological attempts at solution of a narcissistic conflict. (...) In depersonalization the ego attempts to 'disidentify' itself from these unacceptable identifications by disowning and denying the undesirable part of the ego³⁸. (p. 626)

³⁶ FREUD (1936). *Um distúrbio de memória na Acrópole (carta a Romain Rolland)*. O.C. vol 18

³⁷ JACKEL, M. *Meetings of the New York Psychoanalytic Society: Depersonalization*. Psychoanalytic Quarterly 27: 626-628, 1958.

³⁸ “Uma parte do ego se esforça para manter o comportamento normal, repousando em identificações estáveis anteriores; uma outra parte, temporariamente regredida, aceita identificações infantis, sadomasoquistas, pré-

O autor conclui que este fenômeno comum nas psicoses nos remete diretamente ao narcisismo do sujeito, às suas identificações. Outro estudo, realizado por Shorvon³⁹ (1946), corrobora com a idéia de um conflito entre o Eu do psicótico e suas identificações primárias. Shorvon verificou que em todos os casos de despersonalização acompanhados por ele, havia algum conflito entre o sujeito e seu pai, o levando ao campo do estudo do Super-eu. “It does seem to me as though the super-ego is responsible for the disintegration of personality by condemning all of the phantoms without exception as unreal.”⁴⁰ (Ibid., p. 38). Sem mencionar a ampla gama de estudos realizados por Lacan e Waelhens acerca da idéia de forclusão do Nome-do-Pai na psicose.

Verificamos uma diversidade de estudos na psicanálise que demonstram um conflito entre o psicótico e sua gênese. Assim, quando o sujeito psicótico se depara com um ordálio – situação na qual sua origem é posta em cheque –, tendo em vista que o conflito entre seu Eu e suas identificações é anterior, há uma desintegração do Eu do sujeito. Como parte do processo de cura, novas identificações são realizadas. O ritual ao qual o sujeito é submetido tem como finalidade a transformação. O que se verifica é que muitas vezes, a transformação vivida pelo psicótico não se dá no nível simbólico, como se tornar um pai, um marido, o presidente da suprema corte, um militar, um mestre. Essas transformações muitas vezes experimentadas pelos membros de uma dada sociedade, da mudança do papel social, é vivida pelo psicótico de forma radical, no real. Faz parte dos fenômenos das psicoses a experiência de ser transformado em um outro. Como colocado por Martins⁴¹ (1995), quando alguém pensa ser um outro, ou toma-se por um que o consenso social não aceita, geralmente nos vemos no frágil universo das psicoses, de um delírio. “Um indivíduo pensa ser Napoleão, outro, Jesus Cristo, não aceitando mais para si a denominação recebida de nascimento” (p. 83).

Neste momento, podemos articular o que foi visto até o momento com os casos por nós estudados. Oriel relata que antes de sua crise psicótica, ou seu *evento de fê*, este se

genitais. O resultado é uma divisão no Eu. O processo é facilitado por um supereu fraco, instável, ou contraditório uma vez que isto predispõe a uma falha no recalque e a conduzir invasões no Eu. O conflito básico está no Eu e tem sua origem na luta entre identificações conflitantes. Estados de despersonalização sempre representam tentativas patológicas de solucionar um conflito narcisista. (...) Na despersonalização o Eu tenta se 'desidentificar' dessas identificações inaceitáveis, renegando e negando a parte indesejável do Eu”.

³⁹ SHORVON, H.J. *The depersonalization syndrome*. Proceedings of the Royal Society of Medicine, Volume 39, p.779–92, 1946

⁴⁰ “Parece-me que o super-eu é responsável pela desintegração da personalidade, condenando todos os fantasmas, sem exceção, como irreais”.

⁴¹ MARTINS, F.; PERCILIO, D.; VERSIANI, E. ; BELTRAO, I. *Estrutura de Parentesco e Psicose*. Jornal Brasileiro de Psiquiatria (UFRJ. Impresso), São Paulo, v. 44, n.2, p. 83-91, 1995.

encontrava em um momento de muito estresse, se sentindo muito sobrecarregado. Em um curto período, decidiu se casar. Porém, em suas palavras, “*Esse negócio de enfrentar aluguel, enfrentar a vida, e eu sendo ateu, não acreditando em Deus, ficou muito pesado pra mim. Aí eu me converti na Renovação Carismática da Igreja Católica*”. Neste contexto, Oriel deixa de ser ateu para ser filho de Deus. Ao falar sobre sua conversão, relata ter sido levado para a Igreja por uma colega próxima:

Ela disse ‘olha, você abre seu coração lá’. Eu nem sabia o que era abrir o coração. ‘Aí você vai ter uma experiência.’ Eu fui lá, ‘quem quer aceitar Jesus como senhor e Salvador?’, aí eu levantei a mão. Aquele peso que tinha em cima de mim todo saiu. Foi muito bom, muito gostoso. Esse peso vinha de toda a responsabilidade, casar, enfrentar o mundo, sem ninguém, sem uma fé, sem nada.

Após casado, ajuda a esposa a burlar um concurso público fornecendo as *colas* que a ajudariam na realização da prova. Porém, a idéia de que Deus o recriminasse passou a o aterrorizar. Oriel se sente tão culpado, com medo do julgamento Divino, que decide se separar da esposa. Porém, sua esposa engravida. Neste momento, cabe a Oriel outra transformação, ocupar o lugar de pai. A transformação em *pai* se tornou inconcebível, levando Oriel a cogitar o aborto. Ter tido tal pensamento o deixou angustiado; Deus mais uma vez o recriminaria por ter pensado em tal ato. Um filho de Deus não poderia pensar nessas coisas. Sua filha nasce, mas Oriel não a registra como sua descendente. Apesar de relatar que não tinha dúvida de sua paternidade, ele a nega. Ao não conseguir vivenciar sua transformação simbólica no papel social de pai, Oriel sofre outra transformação no campo do concreto: sua *iluminação*. Esta se dá durante um retiro espiritual que Oriel busca logo após o nascimento da filha. Este retiro fala sobre o *fim do mundo* e sobre *iluminação*. Após o retiro de três dias, Oriel se transforma em Santo iluminado, escolhido por Deus para transmitir sua mensagem para os outros Santos. Oriel passa a ser Santo, descendente direto do Pai Divino. Percebemos a impossibilidade de Oriel em assimilar o novo papel social simbólico de pai, se transformando de forma concreta em *filho* de Deus, um Santo.

Verificamos em Dias a impossibilidade de deixar de ocupar o lugar puro da castidade para o profano, aquele que é sexualmente ativo. Sua avó biológica anunciara: *ter um falo é o que torna todo homem mau*. Tendo em vista a importância do bom caráter para seus pais, como poderia este se tornar mau? Porém, como o primeiro homem da família, este deve ser o representante dos homens. Há uma contradição entre ser homem e ser sexualmente ativo. Para ser uma pessoa de bom caráter, este deve se manter virgem. A idéia de ter sua primeira relação sexual durante o ritual do carnaval foi vivido por ele como uma provação de sua

linhagem. Ao mesmo tempo em que o contexto o convocou a exercer o papel de homem sexualmente ativo, como seu pai, este é impossibilitado, tendo em vista seu dever frente à sua avó. Na sua primeira crise psicótica, Dias vive a experiência de se tornar seu falecido avô com uma mensagem para sua tia. Assim como Oriel, Dias vive a transformação em um fiel a Deus após a sua crise psicótica. É neste período que Dias resignifica as vozes do seu pensamento. Ao descobrir que aquela fraternidade de homens respeitáveis que compartilham a assinatura com ele possuem a habilidade de se comunicar por pensamento, Dias passa a entender as vozes como as vozes do pensamento dos outros. Assim, Dias se identifica com aqueles homens. Depois de sua segunda crise, na qual ele muda de Igreja, Dias passa a se identificar com os pastores. Também homens respeitáveis. Dias é o único jovem que convive com estes e que está em processo de transformação em pastor. Agora o motivo encontrado para justificar sua virgindade é a regra da igreja de que uma pessoa deve se manter casta até o casamento. Cabe a ele ser um modelo de caráter para os outros jovens.

Nos encontramos no campo originário das psicoses. Martins⁴² (1995), numa releitura do caso Schreber, levantou a hipótese de que o ordálio exemplifica o modo como o Édipo é elaborado. Outra hipótese levantada por ele foi a de que a fantasia ordálica, logo que uma psicose é desencadeada, é vivida enquanto realidade no campo da consciência, e não fantasia inconsciente, como se dá nas neuroses, nem como conduta, como verificado frequentemente nas perversões. Assim, a fantasia ordálica na psicose se vincula diretamente com a questão da Realidade. Buscar o entendimento da questão do ordálio remete à busca do entendimento da origem do sujeito, de um campo originário, marcado pelo ordenamento do Simbólico.

Pesquisas realizadas por Niederland (1951, 1959a, 1959b, 1960, 1963) acerca da infância de Schreber sugerem que este passou por verdadeiras provações ordálicas, nos permitindo uma maior compreensão das suas construções delirantes. Sendo o pai de Schreber um famoso médico ortopedista e pedagogo, as pesquisas de Niederland indicam que Schreber filho sofreu bastante com os métodos ortodoxos de seu pai (NIEDERLAND, 1959a, 1959b, 1960).

Niederland⁴³ (1960) aponta para inúmeras passagens de seus escritos onde é possível concluir que Dr. Schreber aplicava, ou pelo menos testava em seus filhos homens procedimentos ortopédicos utilizados por ele em seu trabalho com crianças deformadas. À

⁴² MARTINS, F. *O Ordálio na Psicose*. Cadernos de Psicologia da UFMG, Belo Horizonte, MG, v. 6, n.1, p. 15-20, 1995.

⁴³ NIEDERLAND, W. G. (1960). Schreber's Father. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 8: 492-499

medida que avançava em seus escritos, desenvolvia ideias sobre disciplina, moral e religião aos seus princípios “higiênicos-terapêuticos”, combinando-os em um sistema educacional para o uso de pais e professores de todos os lugares, de maneira que viessem a ser um estilo de vida. Niederland⁴⁴ (1959) conclui que o paciente mais citado na psiquiatria, ao atingir a idade de quatro anos, já havia sido submetido a um grau considerável de traumas. Niederland (1960) percebe que o impacto dos ensinamentos, ações e coerções paternas podem ser rastreados em detalhe ao longo dos capítulos do *Memórias de um Doente dos Nervos*.

Do ponto de vista psicanalítico, a existência de um ordálio real na infância do futuro psicótico não é condição necessária e única para o desencadeamento posterior de uma psicose; há a possibilidade da existência de um mundo de fantasias criadas pelo sujeito, independente dos fatos objetivos. O que importa é a maneira como esse sujeito elabora estas fantasias, remetendo à questão fundamental da estrutura do sujeito. Porém, percebemos que Schreber viveu inúmeras experiências traumáticas de resistência física, as quais era submetido pelo seu pai. Só cabia a ele suportar tais experimentos paternos. Verificamos em Schreber experiências ordálicas reais na sua infância. Ao longo do seu relato, Dias sempre se remete ao seu trauma vivido aos quatro anos de idade: a proclamação da avó de que este seria mau por ter um pênis. Porém, para pertencer àquele grupo familiar a pessoa tem que ter um bom caráter. Surge uma incongruência na mente de Dias em relação ao seu pertencimento familiar, a qual ele carrega até hoje. Ao longo do seu relato, as pessoas da família que ele mais menciona são sua avó biológica e sua mãe. Dias praticamente não fala sobre a sua relação com seu pai, muito menos com os irmãos. Dias dedicou quase uma sessão de entrevista para falar sobre a fraternidade de homens respeitáveis e outra para falar sobre os pastores. Podemos perceber que o trauma de infância de Dias foi vivido como uma experiência ordálica real, a qual colocou em cheque seu pertencimento à horda familiar.

Martins (Ibid.) lembra que na concepção freudiana as psicoses são psiconeuroses narcísicas, remetendo necessariamente a uma teoria do Eu, de sua origem, gênese e constituição. Todos os exemplos por Freud explicitados em seu pós-escrito levam à questão da origem dos sujeitos. Para Martins, na psicose “o ordálio toca sempre uma modalidade de funcionamento do Eu que não suporta o processar destas fantasias vividas em plena luz da consciência e sem espaço mínimo de representação no imaginário do sujeito; neste sentido as fantasias podem vir a ser a pura realidade do sujeito”. (p. 70)

⁴⁴ NIEDERLAND, W. G. (1959). The "Miracled-Up" World of Schreber's Childhood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 14: 383-413

Esta modalidade de teste coloca em cheque uma das questões essenciais da existência: a questão das diferenças entre as gerações e do pertencimento a uma genealogia. “A fantasia ordálica, enquanto potência inconsciente, resume a grande questão existencial da psicose: ser ou não ser?” (Martins, 1995, p. 73). Esse teste de linhagem remete ao problema essencial da origem do sujeito: o seu Édipo. No caso da psicose, essa questão consiste em saber se o sujeito pertence ou não à sua própria genealogia.

Assim, nos encontramos no campo da psicogênese da psicose, no domínio do Ideal, “de desejos transgeracionais que indicam e organizam lugares para o sujeito antes da existência propriamente dita deste. Este Ideal, volta e meia, é aquele que, por ocasião do desencadeamento da psicose, surge em forma de alucinação” (p. 71). Neste sentido, muito frequentemente verifica-se a idéia de que o sujeito deve ocupar o lugar de um morto idealizado, acarretando em consequências. Assim, concluímos este capítulo. Após esta introdução, podemos iniciar uma investigação acerca de questões originárias da psicose, no campo do Ideal, do narcisismo, dos investimentos libidinais e das identificações.

4 CAPÍTULO 3

O RETORNO AO IDEAL NA PSICOSE

Vimos no capítulo anterior o papel desempenhado pelos Ideais de uma pessoa durante uma crise psicótica. Esses ideais são vividos pelo psicótico como um marco do seu pertencimento a seu grupo familiar ou não. Para iniciarmos nossas reflexões, iniciaremos este capítulo a partir do estudo do narcisismo, tendo em vista sua importância para o entendimento do funcionamento da psicose. Estamos de acordo com Martins (2002) o qual afirma que “por conta do sofrimento, a clínica psicopatológica se inicia sempre através do narcisismo ferido, afetado. O caminho que adotamos, do ponto de vista cronológico, é partir sempre do narcisismo para alcançar o Édipo” (p.12).

4.1. O NARCISISMO

Freud utilizou o conceito de narcisismo e sua relação com as psiconeuroses narcísicas ao analisar a autobiografia do Dr. Daniel Schreber. Neste estudo, Freud definiu o narcisismo como um estágio do desenvolvimento da libido entre o autoerotismo e o amor objetal. Em outras palavras, consiste no fato da criança primeiramente tomar seu próprio corpo como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. Freud pontua que uma fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente; porém muitas pessoas ficam fixadas nesta fase por um tempo longo, levando características desta fase para estágios posteriores do desenvolvimento, sendo este o caso das psicoses.

Para prosseguirmos neste tópico, buscamos a definição de *libido* em Laplanche e Pontalis (2008), sendo caracterizada como aquela energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto, meta e fonte da excitação sexual. Freud⁴⁵ apresenta os conceitos de libido do Eu e do objeto, destacando que a excitação sexual

⁴⁵ FREUD (1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. ESB. vol. VII

é fornecida por todos os órgãos do corpo, e não só pelos órgãos sexuais. É a partir deste entendimento que Freud chega à representação de um quantum de energia de libido, cujo substituto psíquico deu-se o nome de libido do Eu, “cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados” (p. 205).

Porém, a libido do Eu só se torna acessível ao estudo psicanalítico após se converter em libido do objeto. Assim, “vemo-la então concentrar-se nos objetos, fixar-se neles ou abandoná-los, passar de uns para outros e, partindo dessas posições, nortear no indivíduo a atividade sexual que leva à satisfação, ou seja, à extinção parcial e temporária da libido” (p. 206). Verificamos um movimento por parte da libido em se fixar nos objetos, e abandoná-los caso estes não satisfaçam mais o Eu, ficando a libido livre para se reinvestir em outro objeto externo ou retornar para o próprio Eu, se transformando em libido do Eu, ou narcísica. E continua:

A libido narcísica ou do ego parece-nos ser o grande reservatório de onde partem as catexias⁴⁶ de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas, e a catexia libidínica narcísica do ego se nos afigura como o estado originário realizado na primeira infância, que é apenas encoberto pelas emissões posteriores de libido, mas no fundo se conserva por trás delas (Ibid.).

Assim, Freud caracteriza o investimento libidinal narcísico do Eu como aquele que configura o estado originário da primeira infância. É no seu texto *Introdução ao Narcisismo* que Freud⁴⁷(1914) desenvolve mais o conceito de narcisismo, caracterizando-o como sendo o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, podendo ser atribuído a cada ser vivo. Foi a partir dos seus estudos acerca das psicoses que Freud começa a pensar em um narcisismo primário e normal. “Esses doentes, que eu sugeri designar como parafrênicos, mostram duas características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas)” (p. 15). Assim, a megalomania é própria da psicose, na qual verificamos uma inflação no Eu da pessoa, à medida que a libido antes investida nos objetos externos retorna para o seu Eu. Assim, o abandono do interesse pelo mundo seria um reflexo dessa transformação da libido objetal em libido narcísica. Verificamos tanto em Oriel quanto em Dias, ao se depararem com experiências que atualizaram fantasias ordálicas, este processo de abandono do interesse pelo mundo externo e um retorno da libido no Eu. A megalomania é verificada em seus delírios: Oriel passa a ser iluminado, filho de Deus Pai Salvador, transmissor da mensagem de Deus para os Santos. Em relação a Dias, no momento

⁴⁶ *Investimento.*

⁴⁷ FREUD (1914). *Introdução ao Narcisismo*, OC, vol. 12

da crise, se transforma em seu avó, posteriormente em *Tarzan*, e em *Gladiador*. Posteriormente, Dias elabora seu delírio, passando a ter as mesmas capacidades que os homens respeitáveis da fraternidade – este pode se comunicar por pensamento.

A característica de afastamento do psicótico frente ao mundo exterior levou Freud a buscar uma caracterização mais precisa de tais afecções. Como vimos anteriormente, o neurótico também vivencia uma espécie de abandono da realidade, porém sem suspender sua relação libidinal com pessoas e coisas. Por outro lado, o psicótico “parece mesmo retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto” (p. 15). Assim, as manifestações sintomáticas típicas da psicose, como o delírio e as alucinações, seriam uma tentativa de cura. Freud relaciona a megalomania com aquele estado primário, no qual a criança tomava seu corpo como objeto de amor, antes de investir sua libido externamente. Freud denomina esse estado vivido na infância como narcisismo primário.

Laplanche e Pontalis (2008) definem o narcisismo primário como um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. Já o narcisismo secundário designa um retorno ao Eu da libido retirada dos seus investimentos objetais, implicando numa divisão entre sujeito e objeto. Importante destacar que o narcisismo secundário não designa apenas estados de regressão, como as psicoses; é também uma estrutura permanente do sujeito.

Pensando na relação entre o Eu e o mundo externo, Martins⁴⁸ (2002) caracterizou os conceitos de narcisismo primário e secundário pensando na relação entre *ser* e *ter*. O narcisismo primário consiste em ser-ter o objeto num mesmo momento, sem diferenciação. Assim, o narcisismo primário diz respeito a um momento primeiro, em que não há diferenciação entre sujeito-objeto, em que toda libido é investida no próprio corpo. Esse estado seria aquele vivenciado pelo bebê. “O narcisismo primário corresponderia, em termos de fase, ao percurso que vai do autoerotismo do funcionamento anárquico das pulsões parciais até a escolha do objeto” (p. 118).

Podemos verificar um retorno a este estado no momento em que o Eu entra em colapso, acarretando na irrupção de uma psicose, por exemplo. Neste momento, há uma interrupção entre o intercâmbio com os outros e com o mundo. Ao pensarmos em intercâmbio entre o Eu e o mundo, estamos na esfera do narcisismo secundário. Este necessita a instalação

⁴⁸ MARTINS, F. *O Complexo de Édipo*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002

da dialética entre sujeito e objeto. “O mundo já existe como potencialidade, atingindo sua magnitude com o acesso à linguagem” (p. 119). Desta forma, a linguagem e a própria constituição do Eu são processos secundários.

O narcisismo secundário consistiria em um investimento absoluto sobre o próprio Eu, procurando reproduzir os estados hipotéticos presentes no narcisismo primário. Esse seria o processo que se dá na psicose: o desinvestimento da libido dos objetos externos para um retorno da libido ao Eu, numa busca de resgatar um estado já vivido anteriormente. Esse retorno da libido ao Eu se dá pela regressão da libido a estágios anteriores.

A relação do Eu com *ser-ter*, expressa o processo de diferenciação do sujeito entre si mesmo e o mundo externo. Freud (1941 [1938]) traz como exemplo a relação da criança com o seio: em um primeiro momento, a criança *é* o seio; posteriormente ela passa a *ter* o seio. Com base em estudos realizados pelo linguista Benveniste, Martins declara: “A noção de narcisismo traz consigo a noção da relação do sujeito consigo mesmo, a *ipseidade*. O verbo *ser* aí pode ser empregado. Já o verbo *ter* se vê relacionado à *alteridade* e, por consequência, ao mundo de objetos” (p. 120).

Tendo em vista o processo que se dá na psicose, um desinvestimento objetal para um reinvestimento da libido no Eu, pensamos no processo destacado por Freud das desconstruções das sublimações estabelecidas ao longo da vida do sujeito. Em Oriel, o processo de retirada da libido de objetos se dá de forma mais radical. Ao longo dos anos, este é aposentado por invalidez no seu trabalho, perde sua esposa e sua filha. Há um retorno da libido ao Eu, e sua tentativa de cura se dá através do seu delírio de santidade. Porém, como aquele que transmite a mensagem aos Santos, Oriel passa a maior parte do seu tempo em contato com o sobrenatural, divino. Há muito pouco contato com a realidade externa, como ao usar o telefone para pregar trechos da Bíblia e para falar sobre religião. Percebe-se que, com os anos, o seu desinvestimento no mundo externo só se intensifica. Em Dias, é possível se perceber que, após a irrupção de cada crise, o processo de reinvestimento é mais efetivo. Por mais que ele retire sua libido de seus prévios interesses e das suas relações, após o término da crise, este reinveste no novo. Recomeça, refaz vínculos inclusive com novos médicos. Tais exemplos corroboram com o prognóstico esperado para a esquizofrenia e para a paranoia.

Visto que o narcisismo secundário necessita da dialética sujeito-objeto, passamos a falar em investimento objetal e investimento narcísico, ocorrendo um equilíbrio dinâmico entre ambos: quando um aumenta, o outro diminui e vice-versa. Como exemplo, Freud descreve o estado de apaixonamento de uma pessoa como sendo o ponto máximo do

investimento objetal, estando a libido do Eu esvaziada. Em contra partida, encontra-se a situação oposta na fantasia do paranóico de “fim do mundo”. Outra situação em que o indivíduo investe toda sua energia libidinal em seu Eu é quando este se encontra doente. Assim, uma pessoa doente retira seus investimentos libidinais de volta para o seu próprio Eu, voltando a reinvestir externamente quando se recupera. O mesmo pode ser pensado a respeito do sono.

Durante sua primeira crise psicótica, Oriel recebe o comando de Deus de que caberia a este chegar até a Catedral para que o fim do mundo se concretizasse. Este delírio representaria o outro extremo do desinvestimento objetal e máximo investimento no Eu, correspondendo a um estado de inflação do Eu. Szondi descreve a inflação da seguinte maneira: “Inflação é o esforço elementar originário do Eu em direção do Eu ser ambos, Eu ser tudo, resumindo, Eu ser perfeito” (citado em MARTINS, 2010, p. 10). Neste estado, um homem pode ser simultaneamente homem e mulher, demônio e anjo, senhor e servo. No delírio de Schreber, este viveu o processo de transformação de homem em mulher.

E surge a questão: de onde vem a necessidade de se ultrapassar as barreiras do narcisismo e se investir a libido em objetos? Para essa questão, Freud responde: “tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (p. 29).

Assim, uma grande diferença entre as psicoses e as neuroses seria a de que a libido liberada pela frustração não fica em objetos na fantasia (como se dá nas neuroses), e sim retorna ao Eu. A megalomania corresponderia “ao domínio psíquico sobre esse montante de libido, ou seja, à introversão para as fantasias encontrada nas neuroses de transferência” (p. 30). O que percebemos como manifestações da doença é na verdade uma tentativa de restauração. Na maioria das vezes, o desligamento da libido dos objetos externos é somente parcial.

Freud percebe que tanto a criança quanto o adolescente derivam suas escolhas de objetos sexuais de suas vivências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são vividas em conexão com funções vitais de autoconservação. Inicialmente, as pulsões sexuais estão ligadas à satisfação das pulsões do Eu, somente depois se tornam independente destas. Porém, encontramos indícios desse vínculo original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua nutrição, cuidado e proteção, ou seja, sua mãe ou quem a substitui. E continua:

Mas não concluímos que as pessoas se dividem em dois grupos bem diferenciados, conforme sua escolha de objeto obedeça ao tipo narcisista ou ao “de apoio”⁴⁹. Preferimos supor, isto sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos de escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência. Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto (FREUD, 1914, OC, vol. 12, p. 32-33).

Assim, Freud sintetiza que uma pessoa pode amar conforme o tipo narcísico ou “de apoio”. O tipo narcísico seria: o que ela mesma é, o que ela mesma foi, o que ela gostaria de ser, alguém que foi parte dela mesma. O tipo de apoio remete às imagos parentais: a mulher que a nutre, o homem que a protege. Para Freud⁵⁰ (1914), todos aqueles que uma pessoa vêm a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos. “Essas figuras substitutas podem classificar-se, do ponto de vista da criança, segundo provenham do que chamamos as ‘imagos’, do pai, da mãe, dos irmãos e das irmãs, e assim por diante” (p. 249). Seus relacionamentos posteriores arcam com uma espécie de herança emocional, “defrontam-se com simpatias e antipatias para cuja produção esses próprios relacionamentos pouco contribuíram. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos” (Ibid.).

4.1.1 O Eu Ideal, o Ideal do Eu e a Psicose

Neste momento no nosso estudo, introduziremos conceitos fundamentais para o entendimento da psicose, sendo estes o Ideal do Eu e o Eu Ideal. Freud⁵¹ relaciona a atitude afetuosa de muitos pais para com seus filhos como a revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo a muito abandonado. Essa relação afetiva é dominada pela superestimação, já reconhecida como estigma narcisista no caso da escolha objetal. Diz Freud:

Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram

⁴⁹ Traduzido como *anaclítico* pela Edição Standard Brasileira, vol. XIV, p. 94

⁵⁰ FREUD (1914). Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar. ESB. Vol. XIII.

⁵¹ FREUD (1914). *Introdução ao Narcisismo*, OC, vol. 12

para os seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será o centro e âmage da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos (Ibid., p. 36-37).

Verificamos neste trecho a forma com que os pais projetam em seus filhos seu narcisismo perdido. Cabe à criança concretizar os sonhos não realizados de seus pais. No ponto mais sensível do sistema narcísico, quanto a imortalidade do Eu, se obtém segurança ao se refugiar na criança. O amor dos pais, “comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (p. 37). À criança é atribuído sonhos não realizados como deveres a serem cumpridos. Pensamos que em algumas famílias, esse senso de dever, de dar continuidade a projetos não concretizados pelos pais pode ser vivido como uma regra. Não cumprir com o esperado pode inclusive atestar seu não pertencimento ao grupo familiar. Esta idéia nos remete ao campo originário da psicose. Dias relata ter *nascido em berço de ouro, mas não relacionado à riqueza, mas sim que fui muito amado. Fui o primeiro dos homens*. Ter sido muito amado – o primeiro dos homens – aumenta seu senso de dever em relação a essa família. Cabe a ele ser um exemplo a ser seguido. Daí sua missão em ser bom e ter um bom caráter. Ele deve isso à família que tanto o amou. Quanto a Oriel, sabemos pelo relato da sua mãe que ele foi um filho exemplar. Cuidava da irmã e sempre estava com seus compromissos em dia. Uma professora inclusive chamou atenção de D. Marli ao dizer: *‘Seus filhos são muito diferentes dos outros...’ A diferença que ela viu foi no comportamento mesmo*. Os filhos de D. Marli se destacavam das outras crianças por serem comportados ao extremo. D. Marli imagina que pudessem ter medo da reação dela caso estes não se comportassem. Oriel agiu de forma exemplar até o momento em que decide casar, *quando tudo desanda*.

Laplanche e Pontalis (2008) definem o *Eu Ideal* como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil. O *Eu Ideal* representaria o narcisismo primário, quando o sujeito é seu próprio Ideal. Assim, verificamos neste estado a onipotência, perfeição, autossuficiência. Já o *Ideal do Eu* seria a “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (p. 222).

O *Ideal do Eu* rege como a pessoa deve se comportar, servindo de modelo. Já o *Eu Ideal* seria o estado que, após a regressão da libido objetal para libido narcísica, o psicótico

busca resgatar. Na psicose, o desinvestimento dos objetos externos através do retorno da libido objetal ao Eu seria justamente o resgate a um estado narcísico de onipotência, inflacionado. Ao regredir, o sujeito busca um retorno ao seu Eu Ideal, no qual era perfeito. Ao se investigar o Ideal do Eu de um sujeito, é possível se verificar desejos transgeracionais que indicam e organizam lugares para este sujeito antes mesmo de sua própria existência. Nos casos de psicose, muitas vezes esse Ideal é aquele que se apresenta sob a forma de uma alucinação ou um delírio. Martins⁵² (1995) percebe, nestes casos, uma subjugação do Eu por estes ideais que o sujeito toma a si e que frequentemente pertencem ao universo originário. Mais uma vez, estamos no campo do ordálio, no qual seu corpo e seu Eu servem como lugar de realização da prova sagrada de pertencimento de uma linhagem ou não, cujo resultado da prova discriminará se ele é da ordem idealizada pelos antepassados ou não.

Podemos traçar um paralelo entre esta idéia de *Ideal do Eu* e a tese de Martins (1991) de que o nome dado a uma criança seria o prolongamento narcísico do Eu daquele que o nomeou. Em sua obra *O Nome Próprio*, Martins realiza um extenso estudo sobre a relação do nome próprio, aquele que nomeia, e aquele que é nomeado. Para o autor, “o nome próprio é um texto que envia à própria epopeia do sujeito em construção e desconstrução continuada” (p.19). Muito antes do nascimento, “existem conversas, falas, imaginações e mesmo mitos acerca daquela futura possível pessoa” (p.23). Assim, no nascimento biológico, ocorre uma dupla parição, não só de um corpo mas também de um “sujeito articulado em uma genealogia e num discurso que o sustenta” (p.22)

Desta forma, o nome adquire uma potencialidade virtual enorme, enquanto símbolo que estimula a associação do sujeito, provocando fantasias que organizam a vida subjetiva deste. Martins continua:

Uma gravidez vivida na sua completude implica um mínimo de imaginação deste feto. Esta imaginação, que é acompanhada por desejos daquele que o porta, bem como daqueles pertencentes ao grupo das pessoas mais próximas (família, o mais frequentemente), é da maior importância no sentido de constituição de um lugar para o sujeito. Vemos que este imaginário pode ser sustentado pelo(s) desejo(s) de que um nome próprio indicado pode propiciar a apreensão do feto não mais como tal, mas como um bebê. (...) A dimensão de *desejo*, não somente da mãe, mas de todo um grupo, enfatiza a existência de desejos num aspecto transgeracional. Esta dimensão é marcada essencialmente pela articulação existente entre o nome e este afluxo de impulsões desejanças que nem sempre estão sob controle voluntário consciente daquele encarregado de fazer a nomeação. (p. 24)

⁵² MARTINS, F. *O Ordálio na Psicose*. Cadernos de Psicologia da UFMG, Belo Horizonte, MG, v. 6, n.1, p. 63-78, 1995.

Assim, o nome próprio é fruto de um discurso que ultrapassa até mesmo aquele que o nomeia, “expressão essencial do desejo de quem denomina” (p.38). O nome constitui o núcleo do Eu social do indivíduo, e este Eu se nutre do narcisismo que o nome adquirido lhe fornece. A transmissão de um nome comporta desejos. “Transmitem-se, neste caso, através do contato afetivo e da linguagem, potencialidades que se realizarão tanto em uma patologia quanto em um pretense sucesso. Transmite-se também a tradição que, quanto mais rígida esta for, maior será sua exigência”.

Neste ponto, podemos explicitar os desejos transgeracionais carregados por Oriel e Dias, os quais culminaram na vivência de um alto Ideal do Eu a ser cumprido. No caso de Schreber, fica muito claro a forma com que o delírio deste convergia com os ideais difundidos pelo seu pai. Niederland⁵³ (1959), demonstra um ponto de convergência entre pai e filho acerca da aparente preocupação de ambos com o bem-estar de gerações futuras. Os escritos do pai buscavam divulgar amplamente informações sobre saúde física e musculação, de forma que resultassem na formação de uma raça de homens mais fortes. Tudo indica que o filho, durante seu adoecimento, tenha sido impulsionado no sentido de desenvolver as mesmas aspirações daquelas do pai. Nas suas observações introdutórias assim como em diversos outros capítulos de suas *Memórias*, ele expressa a certeza de que a publicação de suas experiências de milagres, Deus, raios, entre outros, serão uma bênção para a humanidade. Seu único objetivo, ele declara, é espalhar a verdade e conhecimentos para o bem da humanidade. O pai, sem grandeza apostólica, esforça-se para o melhoramento da saúde e higiene de forma mundana; já o filho em sua elaboração delirante destes preceitos, o faz de forma arcaica, mágica.

D. Marli, caracteriza seu filho Oriel, desde pequeno, como uma pessoa sem agressividade. Em seu discurso, percebemos a expectativa de filhos extremamente comportados, de tal forma que quando ela chegava em casa após o expediente, os filhos já estavam dormindo (ou fingindo estar dormindo). Ao se lamentar pelo adoecimento do filho, ela diz:

Ele não merecia. Ele fez todas as coisas direitinho, cuidava da irmã dele... Na escola não tinha preocupação. Ele tinha as coisas dele bem direitinho. Era ele que organizava tudo, ele que cuidava, não deixava que faltasse nada. A mala dele estava sempre pronta, a lição sempre pronta. Ele não procurava enganar professor. Ele sempre, colaborava com a escola. Até uma vez teve uma professora que observava muito eles, me chamou e disse ‘Seus filhos são muito diferentes dos outros...’ A

⁵³ Niederland, W. G. Schreber: Father and Son. *Psychoanalytic Quarterly*, 28: 151-169, 1959

diferença que ela viu foi no comportamento mesmo. Os outros faziam birra, se rasgavam, se empurravam na fila. Meus filhos não tinham esses comportamentos. Eles ficavam olhando. Acho que tinham medo (Risos)! Acho que tinham medo de chegar em casa e apanhar. (...) Só sei que eu chegava em casa e eles já tinham tomado banho, televisão desligada, já estavam dormindo ou fingindo estar dormindo, mas que estavam bem quietinhos estavam, assim pelas 9, 10 da noite. (...) Acho que não tinham medo de mim, eu não ia tirar eles da cama pra apanhar. Eu não acho que era nada fora do normal. Eles só eram comportados, só. Era fora do normal quando comparados com outras crianças. Eles não podiam deixar minha mãe nervosa por que ela já era de idade.

Percebemos um alto Ideal de perfeição carregado por Oriel. A escolha do seu nome foi realizada pelo seu pai, o qual desejava um “filho de ouro”. D. Marli aprovou a escolha, apesar de ter desejado que o filho carregasse o nome *Alexandre*, o qual remetesse a uma pessoa forte. No final, percebemos que o Ideal da perfeição carregado por seu nome é muito mais marcante na construção delirante de Oriel. Após sua conversão ao cristianismo, após ter tomado Jesus como Senhor e Salvador, após ter Deus como seu pai, agir de forma condenável – como ajudar a esposa a burlar uma prova ou desejar que esta fizesse um aborto –, fora inaceitável. Se quando criança, descendente de D. Marli, enganar os outros era inaceitável, imagina depois que passou a ser filho de Deus? Seu delírio reflete justamente essa busca pela perfeição divina, ser o filho exemplar de Deus Pai.

Já no caso de Dias, percebemos diversos fragmentos que refletem um alto Ideal. Dias foi o primeiro neto, o primeiro homem da família. Relata ter sido muito amado pelos seus familiares, ouvindo ao longo da sua infância que *era um príncipe*. Tinha o hábito de passar muito tempo com suas avós, que gostavam de cozinhar para ele. Ao falar sobre a criação que recebeu dos seus pais, relata uma forte preocupação com a formação do caráter.

Da minha mãe e do meu pai, sempre existiu uma preocupação com a formação do caráter. (...) Talvez meus pais não tivessem o desejo que eu fosse um médico, ou um psicólogo, ou algo do tipo. Mas sempre, sempre foi muito forte na minha educação o respeito com o ser humano. Então, eu ia pra chácara e a gente almoçava junto com o caseiro, não tinha uma separação, nunca teve. Às vezes eu até sentia falta de um pulso mais forte do meu pai, por exemplo, ou da minha mãe pra me proteger.

Dias se recorda que a única vez em que seu pai bateu nele como forma de correção foi quando ele desrespeitou o zelador do bloco, ao brincar com o fato de que este tinha um nariz grande. E completa: “*É como se meus pais dissessem, a gente quer que você seja um ser humano humano. Você não é maior que ninguém, a diferença é só social. Os seres humanos são iguais. Maior legado que meus pais deixaram, o respeito pelo ser humano*”. Assim, podemos entender o tamanho do conflito vivido por Dias quando outra figura de importância, sua avó biológica, aponta para seu pênis e fala “*isso é o que torna todo homem mau*”. Ao mesmo tempo em que cabe a Dias representar o papel do primeiro homem descendente dessa

família, exercer sua sexualidade de forma ativa o tornará mau. Nas palavras de Dias, “*havia um grande problema: meu pênis me torna mau, eu não devo ser mau, eu não vou usar meu pênis com mulher nenhuma para não fazer mal a ela; eu vou tratar elas super bem, e não vou fazer mal*”. Para não se tornar mau, cabe a ele se manter puro, virgem. Foi a forma que encontrou de pertencer à sua linhagem. Porém, há um paradoxo: se manter casto implica em não atravessar a puberdade social e se tornar um homem, como seu pai, viril.

Ao longo do seu discurso, inúmeras são as vezes que Dias se descreve como *não violento*, apesar dos episódios de agressividade presentes em momentos de crise. Seus 13 anos marcaram e adoecimento e a gravidez da sua mãe, assim como o momento em que faz sua carteira de identidade, passando a assinar como os homens respeitáveis, pertencentes à fraternidade. Dias também percebe que neste período sofreu mudanças no seu corpo, ao descobrir a sua sexualidade, mudanças estas que refletiram no seu comportamento. O período de adoecimento da sua mãe foi marcado pelo seu período de rebeldia. Dos seus 13 aos 15 anos, Dias relata que “*eu não tinha juízo nenhum nessa época*”. Dias, que até então apresentava comportamento exemplar, passou a ter problemas de comportamento na escola, teve seu desempenho escolar prejudicado (o que o levou à sua reprovação), a consumir cerveja diariamente, e a participar de uma gangue. Todos os momentos em que sua mãe reconhecia seu comportamento através da aceitação deste, Dias largava o comportamento tido por ele como *mau*. Como no momento em que sua mãe o questiona em relação ao seu apreço pela cerveja e autoriza que este guarde suas latinhas na geladeira da casa. Nas palavras de Dias, *a magia acabou*. Ou então quando os pais, ao perceberem o sumiço noturno do filho, vão atrás dele e o chamam para voltar para casa. Para Dias, *a sabedoria da mãe* foi o que o resgatou de viver uma fase mais pesada na gangue. Importante pontuar que Dias atribuiu o mérito à mãe, excluindo seu pai do reconhecimento. O mesmo período em que nega o adoecimento da mãe, o qual levou à sua morte, é marcado pelo período em que Dias se comporta de forma contrária ao alto Ideal de caráter por ele carregado. Após a morte da sua mãe, Dias passa a viver esse alto Ideal de forma alucinada. Qualquer experiência que possa colocar em risco este lugar de exemplo de caráter, que demande dele um papel masculino ativo, desencadeia nele uma crise.

Freud⁵⁴ pontua que quando os impulsos pulsionais da libido entram em conflito com ideias morais e culturais do indivíduo, estes sofrem o destino da repressão. Nas suas palavras: “a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu” (p. 39). Assim, a

⁵⁴ FREUD (1914). *Introdução ao Narcisismo*, OC, vol. 12

formação de um ideal seria a condição da repressão. É a esse ideal do Eu que se dirige o amor de si mesmo, desfrutado na infância pelo Eu real. O narcisismo se desloca para esse novo ideal, que como o Eu infantil se acha repleto de toda perfeição. E Freud continua:

Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (p. 40)

Neste ponto, Freud busca entender a relação entre a formação de um ideal e a sublimação, sendo esta última um processo que diz respeito à libido objetal, consistindo no fato da pulsão se dirigir para outra meta, distante da satisfação sexual. A idealização seria um processo que diz respeito ao objeto, o qual, sem qualquer alteração em sua natureza, é psiquicamente elevado e exaltado. Assim, a superestimação sexual do objeto seria a idealização do mesmo. Desta forma, a sublimação descreve algo que acontece à pulsão, e a idealização algo que diz respeito ao objeto.

Para Freud, é comum a confusão entre a idéia de sublimação e da formação do ideal do Eu. Na definição dada por Laplanche e Pontalis (2008), a pulsão é sublimada à medida em que é “derivada para um novo objetivo não sexual em que visa objetos socialmente valorizados” (p 495). Pensando nisso, podemos entender como para se alcançar um alto ideal, a sublimação muitas vezes é uma solução. Porém, uma condição não implica a outra. Como colocado por Freud (Ibid.),

Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais. É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação. (p. 41)

Percebemos como o psicótico, tendo se fixado nas fases pré-genitais, ao se deparar com um fragmento da realidade intolerável – sua fantasia ordálica –desinveste a libido dos objetos para reinvestir novamente no Eu. Dessa forma, as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento do sujeito sofrem um recuo. Na psicose, verificamos uma desconstrução das sublimações realizadas ao longo da sua vida. Já destacamos como Oriel desinvestiu de tudo até então conquistado: estudos, trabalho, esposa, filha. Verificamos em Dias uma radical desconstrução no momento da crise. Porém, após a crise, Dias *começa do zero*, e reinicia um novo processo de reinvestimento em novos objetos externos.

Freud reflete sobre a consciência moral, como sendo “uma instância psíquica especial”, cuja tarefa é a de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e a de observar continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal. Num segundo momento, Freud denominou esta instância de Super-eu. Não é possível compreender o delírio de ser notado/observado sem levarmos em conta a existência de tal instância observadora. “Os doentes se queixam então de que todos os seus pensamentos são conhecidos, todas as suas ações notadas e vigiadas; há vozes que os informam do funcionamento dessa instância, falando-lhes caracteristicamente na terceira pessoa” (p. 42).

O ideal do Eu, o qual é vigiado pela consciência moral, surgiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, posteriormente se juntando aos educadores, instrutores, às demais pessoas de seu meio, seus semelhantes e a opinião pública. “A instituição da consciência moral foi, no fundo, uma corporificação da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade, processo que é repetido quando nasce uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo primeiramente externos” (Ibid, p. 43). Para o paranoico, sua consciência moral é percebida como uma hostil interferência de fora. No fundo, a autocrítica da consciência moral coincide com a sua auto-observação.

Se por um lado é possível se verificar uma autocrítica amplificada de forma alucinada, vindo de fora, por outro, verifica-se como o amor-próprio é aumentado nas psicoses, nos remetendo à megalomania, conseqüentemente à inflação do Eu. Freud destaca que o amor-próprio expressaria a grandeza do Eu, estando intimamente associada à libido narcísica. “Tudo o que se tem ou que se alcançou, todo o resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou, ajuda a aumentar o amor-próprio” (Ibid., p. 45). Enquanto nas parafrenias o amor próprio é aumentado, nas neuroses de transferência este é diminuído.

O desenvolvimento do Eu consistiria num distanciamento do narcisismo primário, gerando um intenso esforço para a recuperação deste estado. “Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal” (p. 48). À medida em que o Eu investe sua libido nos objetos, se empobrece devido a esses investimentos, assim como o faz devido ao Ideal do Eu, se enriquecendo à medida que se satisfaz através dos objetos, assim como pelo cumprimento do ideal. “Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetal” (p. 48).

Como colocado por Freud, o ideal do Eu:

deixou em condições difíceis a satisfação libidinal nos objetos, na medida em que seu censor rejeita parte deles como intolerável. Quando um tal ideal não se desenvolveu, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade, como perversão. Ser novamente seu próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância – eis o que as pessoas desejam obter, como sua felicidade (p.48).

Na irrupção de uma psicose, verificamos um esforço para a recuperação daquele estado do narcisismo primário através da regressão. Ao não satisfazer certo Ideal do Eu imposto de fora – advindo das imagos parentais – o Eu busca justamente recuperar aquele estado no qual ele era seu próprio Ideal, através do processo de narcisismo secundário. A pessoa psicótica vive o não cumprimento de um certo Ideal como uma prova ordálica, a qual busca verificar sua descendência ou não a certa genealogia. Em uma certa situação, cabe à pessoa agir de acordo com o esperado por suas imagos. Como vimos anteriormente, estudos mostraram que, na psicose, o sujeito se posiciona em um eixo geracional diferente do seu, podendo este criar um novo sistema genealógico que pertença apenas a ele. Oriel passa a ser descendente direto de Deus Pai Salvador, e Dias descendente da fraternidade de homens respeitáveis e posteriormente dos pastores. Assim, podemos concluir que o processo identificatório do psicótico é problematizado.

Dito isso, compreendemos melhor quando Freud⁵⁵ afirma que “a paranoia é frequentemente causada pela ofensa ao Eu, pelo fracasso da satisfação no âmbito do ideal do Eu, e também porque a formação de ideal e sublimação convergem no ideal do Eu, a involução das sublimações e eventual transformação dos ideais nos casos de parafrenias” (p. 50). Nos casos analisados, verificamos de forma clara a irrupção da psicose ao se viver uma ofensa ao Eu, colocando em cheque os Ideais transgeracionais do sujeito.

4.2. O EU E AS PULSÕES

Até o presente momento, verificamos que uma grande questão presente em casos de psicose é uma perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior. Para um melhor entendimento acerca do movimento de retorno da libido objetal ao Eu, e de como se dão as

⁵⁵ FREUD (1914), *Introdução ao Narcisismo*, OC, vol. 12

identificações que levam ao estabelecimentos dos Ideais do Eu, abordaremos a questão da pulsão e seus destinos. Iniciaremos introduzindo o conceito de *pulsão*⁵⁶ (Trieb). Tomaremos a definição apresentada por Laplanche e Pontalis (2008) de que a pulsão seria um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo” (p. 394).

Para Freud (1920), existe na mente uma tendência no sentido do *princípio do prazer*, o qual decorre do princípio da constância. Freud relaciona tanto o prazer quanto o desprazer à quantidade de excitação presente na mente, dessa forma qualquer coisa que aumente tal tensão está destinada a ser sentida como desagradável ao aparelho mental. O desprazer seria uma elevação e o prazer uma diminuição desse investimento de energia. Assim, o esforço do aparelho é em manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante, evitando o desprazer.

Ao longo do tempo, sob a influência das pulsões de autopreservação do Eu, o princípio do prazer é substituído pelo princípio da realidade. Tal princípio ainda tem como meta a obtenção do prazer, “não obstante exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer” (FREUD, 1920, ESB, vol. XVIII, p.20).

Tendo em mente a tendência do princípio do prazer, podemos pensar agora na relação do Eu com as pulsões. Freud⁵⁷ descreve a pulsão como um conceito situado entre o mental e o somático, um estímulo para a psique. A pulsão não surge do mundo exterior e sim do interior do próprio organismo, sendo por este motivo a impossibilidade de fuga em relação a ela. “Uma denominação melhor para o estímulo instintual é ‘necessidade’; o que suprime essa necessidade é a satisfação. Ela pode ser alcançada por meio de uma modificação pertinente (adequada) da fonte interior do estímulo” (Ibid., p. 55).

Para uma melhor compreensão da pulsão, é importante definirmos os seguintes termos: *impulso, meta, objeto e fonte da pulsão*. Por *impulso*, entende-se o seu elemento motor, a quantidade de força ou a medida de trabalho que ele representa. A *meta* de uma pulsão é sempre sua satisfação, obtida ao se suprimir o estado de estimulação na fonte da pulsão. O *objeto* da pulsão “é aquele com o qual e pelo qual o instinto pode alcançar sua meta. É o que mais varia no instinto, não estando originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação” (p. 58). Não é

⁵⁶ Escolhemos não seguir a tradução de *Trieb* como *instinto*, encontrada nas ESB e nas OC.

⁵⁷ FREUD (1915). *Os Instintos e seus Destinos*, O.C. vol. 12

necessariamente um objeto estranho, podendo ser parte do próprio corpo da pessoa. Por último, a *fonte da pulsão* seria o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pela pulsão.

4.2.1. Destinos Possíveis

Freud (Ibid.) reconhece dois grupos de pulsões: pulsões do Eu (autoconservação) e as pulsões sexuais, escolhendo limitar seu estudo sobre os destinos das pulsões a este último grupo. A libido do Eu seria a pulsão sexual investida no Eu e a libido objetal, a pulsão sexual investida em objetos externos. Freud reconhece como quatro os possíveis destinos das pulsões: reversão no contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Para Freud, podemos pensar nos *destinos* como modalidades de defesa referente às pulsões. Não iremos nos aprofundar em todos os destinos possíveis, somente naqueles que se fizerem importante para o entendimento do movimento das pulsões na psicose.

A *reversão no contrário* se divide em dois processos distintos: a conversão da atividade em passividade e a inversão de conteúdo. Nos ateremos no entendimento do segundo processo. Para Freud, verificamos a transformação da pulsão em seu contrário no caso da conversão do amor em ódio, sendo este o mais significativo exemplo de ambivalência afetiva. Freud defende que o *amar* admite não apenas uma, mas três oposições: amor – ódio; amar – ser amado; e ao tomar o amor e ódio de forma conjunta, opõem-se ao estado de *indiferença*. Importante termos em mente três polaridades presentes na vida psíquica, que são as antíteses: 1) Sujeito (Eu) – Objeto (mundo externo); 2) Prazer – Desprazer; 3) Ativo – Passivo.

Para nosso entendimento da psicose, muito nos interessa a antítese *Eu – mundo externo*, a qual a criança se depara desde cedo, podendo esta silenciar os estímulos externos por meio de uma ação, apesar de se mostrar indefesa contra os estímulos pulsionais. Relembrando o que foi dito anteriormente, no começo da vida mental, “o Eu se acha investido instintualmente, e em parte é capaz de satisfazer seus instintos em si mesmo. A esse estado chamamos de narcisismo, e de autoerótica a possibilidade de satisfação” (p. 74). Nesse momento, não há interesse por parte do Eu no mundo exterior, não fazendo diferença no que concerne à satisfação. Assim, o Eu do sujeito coincide com o que é prazeroso e o mundo

externo com o que é indiferente (ou eventualmente como desprazeroso). “Se provisoriamente definimos o amar como a relação do Eu com suas fontes de prazer, então a situação na qual o Eu ama apenas a si mesmo e é indiferente para com o mundo ilustra a primeira das oposições em que encontramos o ‘amar’” (p.74). Ainda nas palavras de Freud:

Na medida em que é autoerótico, o Eu não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências dos instintos de conservação do Eu, e portanto não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos por algum tempo. Sob o domínio do princípio do prazer se efetua nele mais uma evolução. Ele acolhe em seu Eu os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e por outro lado expõe de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer. (p. 74-75)

Há uma mudança do *Eu-realidade inicial* ao distinguir interior e exterior para um *Eu-de-prazer*, que passa a priorizar o atributo do prazer. Desta forma, o mundo externo passa a se dividir em uma parte prazerosa, a qual foi incorporada, e um resto que lhe é estranho. Podemos entender a *incorporação* como um processo no qual a pessoa “faz penetrar e conserva um objeto no interior do seu corpo. A incorporação constitui uma meta pulsional e um modo de relação de objeto característicos da fase oral (...). Constitui o protótipo corporal da introjeção e da identificação” (Laplanche & Pontalis, 2008, p. 238). Uma das possibilidades da incorporação é a assimilação das qualidades do objeto, conservando-o dentro de si. É este aspecto que faz da incorporação a matriz da introjeção e da identificação, ambos processos essenciais para a formação dos Ideais do Eu.

Entendemos *introjeção* como um processo no qual a pessoa faz passar “de um modo fantasístico, de “fora” para “dentro”, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (Ibid., p. 248). Como dito, a incorporação seria o protótipo corporal da introjeção, a qual se relaciona intimamente com o processo de *identificação*. O processo de identificação é a base para a constituição do Ideal do Eu, sendo este um “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (Ibid., p. 226).

Para Freud⁵⁸, a identificação é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, desempenhando um papel fundamental no complexo de Édipo. Num exemplo do complexo de Édipo positivo, “um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo” (p.115). Ao mesmo tempo em que o menino se identifica com o pai, começa a desenvolver um investimento objetal pela mãe.

⁵⁸ FREUD (1921). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, ESB, vol. XVIII

Dois laços psicologicamente distintos se apresentam, sendo estes um investimento objetal pela sua mãe e uma identificação com o pai, o tomando como modelo. Como dito anteriormente, podemos relacionar o processo de identificação à fase oral, na qual queremos “ingerir” o objeto:

A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nessa etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta. (p. 115)

É importante se diferenciar *identificação* de *escolha objetal*, sendo esta última o ato de eleger uma pessoa (ou um tipo de pessoa) como objeto de amor. Como dito anteriormente, são duas as modalidades principais de escolha: o tipo de escolha por apoio e o tipo narcísico de escolha. Desta forma, no caso da identificação, o pai é quem gostaríamos de *ser*; já no caso do pai como escolha objetal, a este gostaríamos de *ter*. O que vai definir se ocorrerá uma identificação ou uma escolha objetal dependerá do laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do Eu. “Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (FREUD, 1921, p. 116).

Ao pensarmos sobre Oriel e Dias, é possível verificarmos como a identificação de ambos com a imago paterna foi problematizada. Oriel, filho de D. Marli, não teve seu pai por perto na sua infância. A questão não foi não ter crescido com um pai, e sim o lugar no qual qualquer figura masculina paterna fora colocada à partir do discurso materno. Sua mãe teve, no total, quatro filhos, cada um de um pai diferente. Nenhum destes pais foi presente na criação dos filhos. D. Marli sempre disse que não precisou de ajuda de nenhum deles, nem financeira. E Oriel reproduziu esta fala em seu discurso “*não teve nada com nenhum homem não, só os filhos mesmo (...). Eu não considero que senti falta de pai não*”. Verificamos, nos relatos, que o pai de Oriel até tentou se fazer presente em alguns momentos. No discurso materno, a figura do pai sempre aparece como uma figura destituída de valor ou como ameaçador, aquele que pode roubar os filhos. Segundo Oriel, este não foi batizado pois sua mãe temia que os *padrinhos* o roubassem; D. Marli relata ter mudado o filho da escola que o pai matriculou pois acredita que Oriel temia que o pai o roubasse. Percebemos que não houve figura masculina paterna para que Oriel se identificasse ao longo da vida. Seu próprio pai não tinha valor e era ameaçador. Quanto a Dias, se identificar com o pai ou com qualquer outro

homem fálico ameaçaria o cumprimento do Ideal familiar maior, *não ser mau*, ser uma pessoa de bom caráter.

Podemos retomar, neste ponto, àquela idéia de que o mundo externo se divide em uma parte prazerosa, a qual foi incorporada, e um resto que é estranho ao Eu do bebê. Diz Freud⁵⁹: “Ele segregou uma parte integrante do próprio Eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga” (p. 75). Associamos este processo de ‘segregação de uma parte do Eu percebida como inimiga e seu lançamento para fora’ com o mecanismo da projeção, característico da paranoia. Neste novo arranjo, o Eu coincide com o prazer e o mundo externo, anteriormente tido como indiferente, com o desprazer. A compreensão da relação entre o Eu imaturo e as pulsões nos permite constatar como a fixação na psicose se dá nas fases pré-genitais do desenvolvimento. Verificamos como, numa crise psicótica, a pessoa regride a um funcionamento característico daquele vivido nos primeiros anos do desenvolvimento de uma pessoa. Podemos fazer um paralelo entre a relação do sujeito, após a irrupção da psicose, com o mundo externo àquela vivenciada pelo bebê no começo da vida sua mental, quando não há interesse pelo mundo exterior. Naquele momento, o Eu do bebê coincide com o que é prazeroso e o mundo externo com o que é indiferente ou desprazeroso. Assim, amar apenas a si mesmo e ser indiferente para com o mundo ilustra a primeira das oposições do *amar*, o que verificamos na psicose, denominada por Freud como psiconeurose narcísica. Após uma crise psicótica, o sujeito regride ao universo materno, rompendo seu vínculo com o mundo exterior, resgatando aquele estado de perfeição, autossuficiência, onipotência, o qual pode ser verificado posteriormente na construção delirante e nas alucinações do sujeito.

No momento em que o Eu entra no estágio do narcisismo primário, há a formação da segunda antítese do amar, o odiar. No início, o mundo externo, os objetos e o odiado são idênticos. Se posteriormente o objeto se mostrar como fonte de prazer, ele será não só amado como também incorporado ao Eu. E Freud continua:

Depois que o estágio puramente narcísico dá lugar ao estágio do objeto, prazer e desprazer significam relações do Eu com o objeto. Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo. (Ibid., p. 76)

⁵⁹ FREUD (1915). Os Instintos e seus Destinos, O.C. vol. 12

Neste trecho, Freud descreve a transição entre aquele primeiro estágio do narcisismo primário e o momento em que o Eu passa a investir libidinalmente nos objetos externos. O Eu busca aproximar de si aqueles objetos tidos como prazerosos, podendo falar que “ama” estes objetos. Já os objetos tidos como fonte de desprazer, o Eu busca distância, fugir. Assim como o Eu prematuro foge do que causa desprazer, o psicótico busca rechaçar aquela realidade externa que lhe foi imposta, realidade esta intolerável, inaceitável.

Os autênticos modelos da relação de ódio provém da luta do Eu por sua conservação e afirmação. “O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação” (Ibid., p.78). Já o amor provém da capacidade do Eu em satisfazer autoeroticamente uma parte de seus impulsos pulsionais pela obtenção do prazer de um órgão. “Ele é originalmente narcísico, depois passa para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, e exprime a procura motora do Eu por esses objetos, enquanto fontes de prazer” (p. 79). Para Freud, estágios preliminares do amor se revelam como metas sexuais temporárias, enquanto a pulsão segue sua evolução.

O primeiro desses estágios divisamos no incorporar ou devorar, um tipo de amor compatível com a abolição da existência separada do objeto, e que portanto pode ser designado como ambivalente. No mais elevado estágio da organização sádico-anal pré-genital surge a procura pelo objeto, sob a forma de impulso de apoderamento, ao qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado. Essa forma e fase preliminar do amor mal se distingue do ódio, em seu comportamento para com o objeto. Apenas com o estabelecimento da organização genital o amor se torna o contrário do ódio. (p. 79)

Podemos concluir que o ódio é mais antigo que o amor, tendo em vista que “surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico” (Ibid.). Assim, podemos entender como a fixação da psicose se dá justamente em fases pré-genitais narcísicas. Se deparar com a atualização de uma fantasia ordálica, a qual coloca em cheque seu pertencimento à sua linhagem familiar, exige que o sujeito aja de acordo com os altos Ideais carregados e esperados pelas imagos. Porém, caso o esperado é que o sujeito desempenhe um papel o qual não tem introjetado, não tendo registro interno de como *ser*, este fracassa na sua provação. É a sensação de não pertencimento à horda familiar – ao seu genograma – que leva o sujeito, como tentativa de defesa, à regredir justamente para aquele estágio no qual sua libido se fixou. No caso da psicose, o sujeito regride para estágios pré-genitais, quando este era seu próprio ideal, Eu Ideal. Assim como o bebê rejeita aquilo que lhe é exterior, o psicótico rejeita o reconhecimento do seu fracasso vivido no mundo externo. Ao

resgatar aquele estágio de narcisismo perdido, caracterizado pela onipotência, este pode ser tudo: Santo, filho de Deus, Tarzan, Gladiador, descendente da fraternidade dos homens respeitáveis, descendente dos pastores, mulher para copular com Deus e povoar o mundo.

4.3. O INCONSCIENTE

Decidimos encerrar este capítulo com uma investigação sobre a relação do inconsciente com a psicose. Foi no ensaio *O Inconsciente* que Freud (1915) organiza sua primeira teoria referente ao aparelho psíquico, o qual seria composto por três sistemas: inconsciente (ics), pré-consciente (pcs) e consciente (cs). Para uma melhor compreensão acerca do funcionamento do aparelho psíquico, falaremos brevemente sobre o *recalque*⁶⁰, um dos destinos possíveis de uma pulsão. Freud⁶¹ observa que um impulso pulsional pode encontrar resistências que buscam torná-lo inoperante. Eis a questão: e por quê caberia a uma pulsão sucumbir a tal destino? Uma condição necessária para que se ocorra o recalque de uma pulsão é que o desprazer obtido pelo alcance da meta pulsional seja maior que o prazer. Nas palavras de Freud:

(...) a satisfação do instinto submetido à repressão seria possível, e também prazerosa em si mesma, mas que seria inconciliável com outras exigências e intenções; geraria prazer num lugar e desprazer em outro. Então se torna condição para a repressão que o motivo do desprazer adquira um poder maior que o prazer da satisfação. Além disso, a experiência psicanalítica com as neuroses de transferência nos leva a concluir que a repressão não é um mecanismo de defesa existente desde o início, que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência. (p. 85)

Freud supõe que há um *recalque primordial*, o qual nega à representante psíquica da pulsão o acesso ao consciente, produzindo uma *fixação*, “a partir daí a representante em questão persiste inalterável, e o instinto permanece ligado a ela” (Ibid., p. 86). No caso das psicoses, a fixação se dá nas fases pré-genitais. O *recalque propriamente dito* seria o segundo estágio do recalque, afetando os derivados psíquicos da representante recalçada ou as cadeias de pensamentos que se associam a ela. Porém, quando os derivados do conteúdo reprimido se distanciam suficientemente da representante recalçada (devido a deformações ou pelo número

⁶⁰ Escolhemos utilizar o termo *recalque* (Verdrängung) ao invés de *repressão* (Unterdrückung), por ser mais condizente com a versão original.

⁶¹ FREUD (1915). *A Repressão*. OC, vol. 12

de elos intermediários que se interpuseram), o acesso ao consciente se torna livre para eles. Diz Freud:

a repressão trabalha de maneira altamente individual; cada derivado do inconsciente pode ter seu destino particular; um pouco mais ou um pouco menos de deformação altera completamente o resultado. Nisto se compreende que os objetos favoritos dos homens, seus ideais, provenham das mesmas percepções e vivências que os mais execrados por eles, e que originalmente eles se diferenciem uns dos outros apenas por mudanças mínimas. (Ibid., p. 89)

Importante darmos destaque ao fato de que tanto os Ideais mais elevados como as ideias mais abomináveis de uma pessoa têm origem num mesmo lugar. É necessário se ter um Ideal do Eu bem definido para se ter o funcionamento da consciência moral, da censura. O recalque busca combater justamente aquelas ideias que vão contra o que é tido como ideal por uma pessoa. Quanto mais elevado um Ideal, mais intenso é o recalque. Percebemos como o Ideal do Eu presente no psicótico é elevado na medida em que seu não cumprimento acarreta em uma violenta vivência de ordeal. Tendo em vista que o que é mais elevado e mais abominável tem a mesma fonte, a dissonância entre o *querer* e o *dever* do sujeito geram uma crise.

Percebemos em Oriel um Ideal do Eu muito elevado, remetendo a um forte senso de *dever*, cabia a ele dar conta de tudo: do casamento, de sustentar uma casa, de ser pai. Porém, ele *quis* que sua esposa abortasse. O simples *desejar* o aborto, para evitar sua transformação no papel social do *pai*, gerou nele um conflito enorme tendo em vista a repreensão por Deus Pai que tudo conhece. Após sua conversão, principalmente após sua *iluminação*, Oriel passou a ser descendente direto de Deus, o que torna ainda mais inaceitável desejar o aborto da esposa ou aceitar o fato de ter ajudado a mesma a *burlar* uma prova de concurso público.

Para cumprir com o Ideal do elevado caráter, cabe a Dias o *dever* de se manter puro, apesar do seu forte *querer*, do seu desejo em ter relações sexuais. Afinal de contas, estamos falando de um homem saudável de 35 anos, que nunca teve contato sexual com mulher alguma, além daquela experiência relatada com a prima – aos 5 anos de idade –, ou então o contato com o corpo da terapeuta ao realizar RPG. A existência da dissonância entre o que se tem como um *dever* e o que se *quer*, permeiam os conflitos psíquicos.

A essência do processo de recalque não seria eliminar a idéia que representa a pulsão, e sim impedir que esta se torne consciente, permanecendo em um estado inconsciente. Mas e o afeto associado a essa idéia? Para Freud, o destino desse afeto é decisivo para o julgamento do processo de recalque como sendo bem sucedido ou não. “Se uma repressão não consegue

impedir o surgimento de sensações de desprazer ou de angústia, então podemos dizer que ela fracassou, ainda que tenha alcançado sua meta na parte ideativa” (p.93).

Para Freud, três são os destinos possíveis do fator quantitativo da representante pulsional (idéia), podendo a pulsão ser “inteiramente suprimida, de modo que dela nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformada em angústia” (p. 92). Desta forma, o recalque geralmente produz uma *formação substitutiva*, deixando sintomas, em outras palavras, o *retorno do recalado*.

Para Freud⁶², tudo que é recalado deve permanecer inconsciente, porém nem tudo que é inconsciente fora antes recalado. Assim, o recalado é uma parte constituinte do inconsciente; só podemos conhecer o inconsciente quando este experimenta uma transposição para algo consciente. O consciente abrange apenas um conteúdo mínimo a cada instante. A maior parte do que é denominado como conhecimento consciente se encontra no pré-consciente, o qual é um estado de latência, “estado de inconsciência psíquica” (Ibid.). Nas palavras de Freud:

De maneira positiva, enunciemos agora, como resultado da psicanálise, que um ato psíquico passa geralmente por duas fases em relação ao seu estado, entre as quais se coloca uma espécie de exame (censura). Na primeira fase ele é inconsciente e pertence ao sistema Ics; se no exame ele é rejeitado pela censura, não consegue passar para a segunda fase; então ele é “reprimido” e tem que permanecer inconsciente. Saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema Cs. Mas essa participação não chega a determinar inequivocamente a sua relação com a consciência. Ela ainda não é consciente, mas capaz de consciência (na expressão de J. Breuer), isto é, pode então, dadas certas condições, tornar-se objeto da consciência sem maior resistência. (p. 109)

Para que uma idéia alcance a consciência, esta transita entre os 3 sistemas, passando por duas censuras: a primeira, mais rigorosa, entre o sistema inconsciente para o pré-consciente, e a segunda entre o pré-consciente e finalmente o consciente. E por que há uma censura? Mais uma vez voltamos para o campo do Ideal do Eu. Tendo em vista que o alcance de uma meta pulsional gera prazer, para tal pulsão ter esse destino é necessário que a ideia que a representa seja inconciliável com os Ideais que constituem o Eu de uma pessoa. É por este motivo que a censura é necessária no aparelho mental. Entrar em contato com certo conteúdo recalado gera enorme desprazer, podendo ser vivido como intolerável. É a partir desta idéia que podemos compreender o mecanismo de defesa da projeção, na qual algo que é interno se apresenta para o sujeito como sendo externo.

⁶² FREUD (1915). *O Inconsciente*. OC, vol. 12

Para Freud, são as psiconeuroses narcísicas que nos possibilitam um maior entendimento acerca do inconsciente. Freud faz alusão ao comportamento destas ante a oposição Eu-objeto, ou como vimos anteriormente, Eu – Mundo externo (fora). Considerando o momento da vivência de frustração relativa ao mundo externo (destacada como *experiência ordálica*) na psicose, depois do processo de recalque, a libido que foi retirada não busca um novo objeto e sim recua para o Eu. Na psicose, há uma falha no recalque.

Freud enumera algumas características presentes na esquizofrenia que nos permitem observar este abandono dos investimentos objetivos, como por exemplo “a característica rejeição do mundo externo, o surgimento de sinais de um sobreinvestimento do próprio Eu, o desfecho na completa apatia” (p. 140). Na esquizofrenia, “se exprime conscientemente muita coisa que nas neuroses de transferência só podemos demonstrar que existem no Ics, mediante a psicanálise” (Ibid.). E é por isso que se diz que o inconsciente na psicose se encontra a céu aberto (Soler, 2007).

Uma importante mudança verificada por Freud (Ibid.), que acontece nos estágios iniciais da esquizofrenia, seria referente à linguagem. Diz Freud:

Frequentemente o modo de expressão é objeto de um cuidado especial, torna-se “rebuscado”, “afetado”. As frases são formadas com uma peculiar ausência de organização que as torna ininteligíveis para nós, de maneira que consideramos absurdas as manifestações dos doentes. Com frequência, uma relação com órgãos do corpo ou inervações assume o primeiro plano no conteúdo dessas manifestações. (p. 140)

Por mais que os esquizofrênicos usem termos que pertençam a um dado sistema linguístico, a construção das frases se dá de outra maneira. A partir da análise de uma série de casos, Freud constata que a fala esquizofrênica se torna a linguagem do órgão. Outra constatação extremamente importante foi a de que na esquizofrenia:

as palavras são submetidas ao mesmo processo que forma as imagens oníricas a partir dos pensamentos oníricos latentes, que chamamos de processo psíquico primário. Elas são condensadas e transferem umas para as outras seus investimentos por inteiro, através do deslocamento. O processo pode ir tão longe que uma única palavra, tornada apta para isso mediante múltiplas relações, assume a representação de toda uma cadeia de pensamentos. (p. 143)

Por mais que na esquizofrenia há um abandono nos investimentos objetivos, Freud constata que o investimento das representações verbais dos objetos é mantido. A representação consciente do objeto se decompõe em *representação da palavra* e *representação da coisa*. Para Laplanche e Pontalis (2008), a representação que deriva da coisa é essencialmente visual, a que deriva da palavra é essencialmente acústica. Nas palavras dos

autores, “esta distinção tem para ele (Freud) um alcance metapsicológico, pois a ligação entre a representação de coisa e a representação de palavra correspondente caracteriza o sistema pré-consciente – consciente, ao contrário do sistema inconsciente, que apenas compreende representações de coisas” (p. 450). Tendo em vista esta ideia, Freud⁶³ aponta como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente: a representação consciente abrange tanto a representação da coisa como da palavra correspondente; a inconsciente apenas a representação da coisa.

Nas psiconeuroses narcísicas, o recalque preserva o aspecto da tentativa de fuga do Eu que se manifesta na retirada do investimento consciente, sendo essa retirada bem mais profunda e radical do que nas neuroses de transferência. O interessante é o fato de que ao mesmo tempo em que há uma fuga do investimento objetal, as representações verbais que a ela correspondem sofrem um investimento mais intenso. Porém, tendo em vista o entendimento das psicoses como doença de defesa e os sintomas como tentativa de cura através da busca de restauração dos laços objetais, Freud apresenta uma saída para esta aparente incompatibilidade:

A saída que se oferece é o investimento da representação verbal não pertencer ao ato de repressão, mas constituir a primeira das tentativas de restabelecimento ou cura que tão claramente dominam o quadro da esquizofrenia. Esses esforços pretendem reaver os objetos perdidos, e bem pode ser que, com essa intenção, eles tomem o caminho para o objeto através da parte verbal dele, nisso tendo de se contentar com as palavras em vez das coisas, porém. (...) pode-se tentar caracterizar o modo de pensar dos esquizofrênicos dizendo que eles tratam as coisas concretas como se fossem abstratas. (p. 149-50)

Percebemos nitidamente em Oriel a forma com que as palavras são superinvestidas. A decisão de casar com uma moça que acabara de conhecer veio após a leitura de um *livro* que ganhou de presente da sua mãe. A mensagem do livro era a de fazer tudo o que viesse à mente, viver o momento, sem se preocupar com o julgamento alheio. Oriel relata que, após a leitura do livro, ficou *egocêntrico*, só se preocupando com ele mesmo. O livro lido por Oriel foi tomado por este de forma literal, concreta, como uma ordem da mãe. O fato de ter gostado da moça que conhecera em uma viagem, após a leitura do livro, foi o suficiente para que este a pedisse em casamento; não houve uma elaboração do que aquela escolha implicaria na sua vida e as responsabilidades que viriam.

A investigação do inconsciente possibilitou a Freud um maior entendimento do funcionamento psicótico, em especial o esquizofrênico. Porém, ainda hoje é possível se

⁶³ FREUD (1915). *O Inconsciente*. OC, vol. 12

verificar como muitos especialistas em saúde mental não atribuem um lugar de importância à linguagem dos esquizofrênicos. A psiquiatria clássica toma a linguagem dos psicóticos como símbolo da desrazão, sintomas de uma doença orgânica cerebral (MARTINS, 1990, 1996, 2006). Porém, após realizar uma série de estudos acerca da linguagem dos psicóticos, Martins (1996, 1997, 1999, 2006) verifica que há uma razão por trás da fala destes, necessitando ser articulada com uma semiótica mais ampla, indo de encontro com a teoria freudiana acerca do inconsciente. A grande inovação de Freud foi perceber que a fala aparentemente sem lógica do esquizofrênico além de dizer da pessoa em questão, apresenta um traço hipocondríaco, se tornando linguagem do órgão. O esquizofrênico trata as palavras como coisa.

Martins (1996) verificou, a partir da análise de casos clínicos, que a linguagem esquizofrênica é caracterizada pelo seu narcisismo radical e pela estrita relação das palavras com o próprio corpo, ambas expressões da tese de que o sintoma psicótico implica em tomar as palavras como coisas. “As palavras novas são criadas à despeito da intencionalidade do psicótico” (p. 3). Podemos verificar tal afirmativa quando o Presidente Schreber se refere à língua dos nervos: “fora da fala humana ordinária, existe também uma espécie de falar de nervos, que regra geral o homem normal não é consciente”⁶⁴.

Mas a questão permanece: por quê a dificuldade do psicótico em se fazer entender? “O primeiro motivo relaciona-se ao fato de serem produções que não têm a pretensão de serem comunicadas aos outros” (MARTINS, 1996, p. 6). O importante é que suas línguas e linguagens sejam as melhores para eles, mesmo que ninguém venha a compartilhar esse ideal. Continua Martins:

Nesta hora as palavras se tomam a verdade. Elas constroem a realidade efetiva. Tomam-se coisas. A outra vertente qualifica algo também narcísico por excelência: o corpo próprio. Vemos na psicose a construção de palavras e até de línguas completas a partir da experiência do corpo próprio sentido, imaginado e simbolizado. (p. 3)

Tendo denominado a linguagem dos esquizofrênicos como *esquizofrenês*, Martins faz destaque ao fato de não se tratar de uma língua compartilhada, e sim específica a cada caso, “existem infinitas formas de expressão quantos forem os casos” (p. 3). Já no caso da paranoia é mais comum a utilização de novos códigos, onde o sujeito começa a inventar uma nova língua seja para se defender da língua materna que expressa diretamente os movimentos do corpo libidinal ou para demonstrar “as suas insofismáveis capacidades” (p. 7).

⁶⁴ SHREBER, D. *Memórias de um doente dos nervos*. Paz e Terra: São Paulo. 3a. edição. (2006)

Finalizaremos esse capítulo com a reflexão de Martins (1996) sobre o esforço realizado pelo esquizofrênico “para não naufragar em um corpo experimentado como destruído ou em processo de alteração” (p. 10). Podemos pensar nesse esforço como aquele destacado por Freud que acontece no momento em que há um abandono dos investimentos objetivos ao mesmo tempo em que as representações verbais são investidas intensamente. Assim, fica claro a tentativa de cura presente nas manifestações sintomáticas apresentadas pelas psicoses, neste caso, na linguagem.

5 CAPÍTULO 4

O ÉDIPO, SEU HERDEIRO E A PSICOSE

É possível se verificar na obra freudiana, momentos em que os conceitos *Ideal do Eu* e *Super-eu* são usados como sinônimos. Porém, à medida em que Freud desenvolve sua teoria, o Ideal do Eu passou a ser caracterizado como uma das funções presentes no Super-eu. Antes de apresentarmos a teoria do Complexo de Édipo e de castração, fundamental para a compreensão dos destinos dos sujeitos, percorreremos de forma breve o percurso realizado por Freud até a introdução do termo *Super-eu* em seu famoso ensaio *O Eu e o Id* (1923). A publicação de tal ensaio é um marco, caracterizando a sua segunda tópica do aparelho psíquico. Em sua famosa obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud fala de uma instância crítica, responsável pela distorção do conteúdo dos sonhos. O que seria essa instância crítica se não o *Super-eu*?

5.1. O INCONSCIENTE E O CONFLITO

A idéia de um conflito psíquico inerente ao sujeito permeia toda a psicanálise Freudiana. Desde seu famoso *Estudos sobre a Histeria* (1893), por exemplo, Freud e Breuer lançam luz à idéia do conflito inconsciente como possibilitando o desenvolvimento de sintomas físicos. Em seu clássico *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud percebe que na maioria das produções oníricas dos adultos, há um conteúdo que é manifesto e um conteúdo latente, que se “refere aos pensamentos que o trabalho de interpretação mostra estarem por trás dos sonhos” (p.170). Eis que surge a questão: e por que surge o fenômeno da distorção dos sonhos?

Tendo em vista sua tese central de que *o sonho é a realização de um desejo*, para Freud certos sonhos são realizações disfarçadas de desejos, ou seja, o desejo é irreconhecível. Assim, “deve ter havido alguma inclinação para se erguer uma defesa contra o desejo; e, graças a essa defesa, o desejo é incapaz de se expressar, a não ser de forma distorcida (p.

176)”. O ponto central é que quanto mais rigorosa for a censura, maior terá de ser o disfarce, ou seja, a distorção onírica.

Para Freud, duas forças psíquicas estão em vigor na formação dos sonhos: uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho; a outra é responsável pela censura sobre esse desejo, levando à distorção na expressão do desejo. Assim, essa segunda instância é responsável em não permitir “que passe coisa alguma sem exercer seus direitos e fazer as modificações que julgue adequadas no pensamento que busca acesso à consciência” (p.178). Freud⁶⁵ reconhece esse *ensor do sonho* no Ideal do Eu e nas exteriorizações dinâmicas da consciência. Assim, é possível verificar este censor alerta em algum grau durante o sono, “entenderemos que a premissa de sua atividade, a auto-observação e autocrítica (...) contribui para o conteúdo do sonho” (p. 45).

A ideia da existência de uma instância observadora separada do resto do Eu ficou clara para Freud após seu estudo envolvendo o quadro clínico da melancolia, demonstrando o nível de severidade e crueldade que tal instância pode ter frente ao Eu. Na melancolia, o destino da pulsão seria o voltar-se contra a própria pessoa, em outras palavras, desinvestimento libidinal dos objetos e reinvestimento no Eu, característica das psiconeuroses narcísicas.

Para melhor entender tal quadro clínico, Freud⁶⁶ (1917) compara a melancolia ao luto devido às características comuns compartilhadas por estes estados. O luto seria uma “reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc” (p.172). Sob as mesmas influências, algumas pessoas vivem tais perdas não pelo luto, e sim pela melancolia, levando Freud a concluir a existência de uma predisposição patológica em algumas pessoas.

A melancolia também se dá como reação à perda de um objeto amado, porém muitas vezes essa perda é de natureza ideacional. Nem sempre é possível se discernir o que se perdeu na melancolia. Por este motivo, Freud relaciona a melancolia a uma perda de objeto retirada da consciência, diferente do luto. Após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente desimpedido para reinvestir em outro objeto, o que não acontece na melancolia. Nas palavras de Freud:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. Esse quadro se torna mais compreensível para nós se consideramos que o luto exhibe os

⁶⁵ FREUD (1914), *Introdução ao Narcisismo*, OC, vol. 12

⁶⁶ FREUD (1917). *Luto e Melancolia*, OC, vol. 12

mesmos traços, com exceção de um: nele a autoestima não é afetada. (p. 172-173)

O que se destaca na melancolia é o extraordinário rebaixamento da autoestima da pessoa que sofre de tal quadro, em outras palavras, um enorme empobrecimento do Eu. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo” (p. 176).

Freud lança luz à visão que a doença do melancólico nos oferece da constituição do Eu humano. Verifica-se na melancolia que “uma parte do Eu se contrapõe à outra, faz dela uma avaliação crítica, toma-a por objeto” (p. 178), possibilitando a conclusão, mais uma vez, de que há uma instância crítica dissociada do Eu, autônoma. “Aqui travamos conhecimento com a instância habitualmente chamada de consciência moral; nós a incluiremos entre as grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade, e encontraremos provas de que é capaz de adoecer por si própria” (Ibid.).

Assim, podemos perceber um Eu dividido em duas partes, uma das quais vocifera contra a segunda. A segunda parte seria aquela que, através da identificação, foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido. A parte que se comporta cruelmente é aquela que abrange a consciência, uma instância crítica dentro do Eu, a qual assume uma atitude crítica para com a outra. Neste artigo, Freud denominou esta instância crítica como sendo o ideal do Eu.

Em ocasiões anteriores, fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de ‘ideal do ego’ e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego. (p. 119)

Como foi visto, o ideal do Eu sucede o Eu ideal, este último caracterizando o narcisismo primário. Ao desenvolver sua teoria sobre o narcisismo, Freud ainda não havia desenvolvido o conceito de Super-eu, porém já estava claro o papel do ideal do Eu como um modelo idealizado a ser seguido. Percebemos no sujeito psicótico uma busca de retorno a um estado idealizado no momento em que este, ao se deparar com o fracasso da sua provação ordálica, se frustra com seu próprio Eu. Percebemos que os conflitos que rondam o psicótico se relacionam com os ideais que deveriam ser seguidos em confronto com o exterior. O psicótico vive uma provação que coloca seu Eu em cheque, a sua autoimagem, que já é frágil.

Tal provação exige que este responda de acordo com aqueles ideais da infância, porém este não consegue. O sujeito não se inscreveu simbolicamente na horda familiar. Ao não dar conta de agir de acordo com aqueles ideais compartilhados pelo grupo familiar, é aniquilado, assim como a águia joga para fora do ninho o filhote que ofusca frente ao Sol. Cabe a este se inscrever em uma nova horda.

Após o desenvolvimento da sua segunda teoria do aparelho psíquico, encontramos uma nova denominação para esta instância crítica, sendo esta *Super-eu*. O ideal do Eu seria uma das suas funções, funcionando como modelo a ser seguido. Outras funções do Super-eu seriam a auto-observação e a consciência moral. Com todas essas observações, Freud⁶⁷ (1933) pode constatar que o Eu é divisível, podendo tomar a si próprio como objeto, criticar-se, observar-se. O Eu se divide em várias de suas funções, podendo suas partes unirem-se novamente.

5.2. O EU, O SUPER-EU E O ID

Como foi explicitado, a ideia da existência de uma instância observadora separada do resto do Eu ficou clara para Freud após seus estudos envolvendo o quadro clínico da melancolia, os sonhos e a censura, o delírio de ser observado, entre outros. Seria a auto-observação um preparativo para o julgamento e a punição? Freud (1933) descreve da seguinte maneira os conflitos de uma pessoa, decorrentes desta instância julgadora:

Sinto uma inclinação para fazer algo que promete me dar prazer, mas não o faço, argumentando que minha consciência não o permite. Ou deixo que a enorme expectativa de prazer me leve a fazer algo contra o qual a voz da consciência levanta objeção, e depois do ato minha consciência me pune com dolorosas recriminações, levando-me a sentir arrependimento pelo ato. Eu poderia simplesmente dizer que a instância especial que começo a distinguir no Eu é a consciência, mas é mais prudente conservar essa instância como algo independente e supor que a consciência seja uma de suas funções, e a auto-observação, indispensável como pressuposto para a atividade judicativa da consciência, seja outra. E, como é próprio do reconhecimento de uma existência distinta dar à coisa um nome próprio, passarei a designar essa instância do Eu como o “Super-eu”. (p. 196)

O termo Super-eu é introduzido pela primeira vez no ensaio de Freud (1923) *O Eu e o Id*. Como foi verificado, por mais que o conceito tenha sido apresentado em 1923, sua

⁶⁷ FREUD (1933). *Conferência 31: A Dissecção da Personalidade Psíquica*. O.C. vol. 18

elaboração é anterior. Instância crítica, consciência moral, ideal do Eu são alguns termos usados, algumas vezes como sinônimo, e remetem ao Super-eu.

Para Freud, o *Eu* da pessoa seria aquela instância responsável pela organização dos processos psíquicos, ligando-se à consciência. Sobre o Eu:

(...) ele domina os acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo; é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos. Desse Eu partem igualmente as repressões através das quais certas tendências psíquicas devem ser excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade. (p.20)

Freud associa o Eu à entidade que parte do sistema pré-consciente, e de *Id* à outra parte da psique, a qual se comporta como inconsciente. “Um indivíduo é então, para nós, um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente” (p. 30). Na superfície do sistema, estaria o Eu, tendo se desenvolvido através do sistema perceptivo. O conteúdo reprimido é separado do Eu apenas pelas resistências da repressão, podendo se comunicar com o Eu a partir do Id.

Assim, o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo. Cabe ao Eu o esforço em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id, empenhando-se em substituir o princípio do prazer, que predomina no Id, pelo princípio da realidade. Para Freud é possível se traçar um paralelo entre o papel da percepção para o Eu com o papel da pulsão para o Id. “O Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Id, que contém as paixões” (p.31). O Eu deriva, sobretudo, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo.

Retomando mais uma vez à idéia apresentada em *Luto e Melancolia*, a qual afirma que um investimento objetal é substituído por uma identificação, Freud discorre sobre o processo de formação do que é denominado caráter. Inicialmente, na fase oral do indivíduo, investimento objetal e identificação não se distinguem um do outro. “O Eu, inicialmente ainda frágil, toma conhecimento dos investimentos objetais, aprova-os ou procura afastá-los mediante o processo da repressão” (p.35). Assim como ocorre na melancolia, se o Eu deve ou tem de abandonar um objeto, com frequência o Eu introjeta características deste que fora amado e agora se perdeu, se modificando. Essa identificação com o objeto é o que facilita o seu abandono. Assim, “o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto” (p. 36).

No momento em que o Eu abandona um objeto, sua libido antes investida em um objeto externo fica livre para se reinvestir, podendo esse reinvestimento ser tanto em um outro objeto externo, como se pode reinvestir novamente no Eu. Este último processo caracterizaria

a transformação da libido objetal em libido narcísica, onde há um abandono das metas sexuais – uma dessexualização –, em outras palavras, uma espécie de sublimação. “Este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta” (p.37). Freud percebe o Id como um grande reservatório da libido.

Os efeitos das identificações iniciais são gerais e duradouros, independente se há posteriormente uma resistência do caráter às influências dos objetos abandonados. A primeira e mais significativa identificação do indivíduo, a qual origina o ideal do Eu, é aquela com os pais.

Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária. (p. 39)

5.3. O COMPLEXO DE ÉDIPO E CASTRAÇÃO

Para se compreender o processo que se dá nas primeiras identificações parentais, é mister falar sobre o complexo de Édipo e o de castração, tendo em vista a máxima psicanalítica de que o Super-eu é o herdeiro do complexo de Édipo. Freud (Ibid.) aponta para a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo. A tragédia *Édipo Rei* fala de um filho que mata o pai e casa com a mãe, sem saber que ambos eram seus progenitores. Foi a partir desta famosa obra de Sófocles que Freud desenvolveu sua teoria sobre o complexo de Édipo e castração, pedra angular da psicanálise acerca do período de desenvolvimento psicosssexual que se dá na tenra infância, na fase fálica⁶⁸.

Por motivos de simplificação, apresentaremos o modelo do complexo de Édipo simples e positivo em um menino, tendo como resultado a identificação do menino com seu pai, *ser* como o pai, e o desejo de *ter* a mãe. Caso o resultado fosse o contrário, se falaria em complexo de Édipo negativo. Vamos nos ater à situação simples: inicialmente, o menino desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno,

⁶⁸ Fase de organização infantil da libido que sucede as fases oral e anal, se caracterizando por uma unificação das pulsões parciais sob o primado dos órgãos genitais. A fase fálica corresponde ao momento culminante e ao declínio do complexo de Édipo. O complexo de castração é predominante. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2009)

constituindo o protótipo de uma escolha objetal do tipo de “apoio”; pelo pai se dá a identificação.

A origem do complexo de Édipo se daria na medida em que se intensificam os desejos sexuais perante a mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos. “A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Desde então é ambivalente a relação com o pai; é como se a ambivalência desde o início presente na identificação se tornasse manifesta” (FREUD⁶⁹, 1923, p.40).

Freud destaca que, no geral, se verifica (em especial nos neuróticos) a ocorrência de um complexo de Édipo mais completo, duplo – um positivo e um negativo. Assim, o menino pode se comportar como uma garota, exibindo uma atitude tenra pelo pai e ciúmes e hostilidade pela mãe. A criança pode apresentar a ambivalência de sentimentos tanto pelo pai quanto pela mãe, ou pelos dois ao mesmo tempo. “O peso maior ou menor das duas disposições sexuais será refletido na diferente intensidade das duas identificações”. (p. 42).

Desta forma, o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo em duas identificações: com o pai e com a mãe. “Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu” (p. 42). E Freud expõe um ponto essencial:

Mas o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu se esgota na advertência: **“Assim (como o pai) você deve ser”**; **ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”**. Essa dupla face do ideal do Eu deriva do fato de ele haver se empenhado na repressão do complexo de Édipo, de até mesmo dever sua existência a essa grande reviravolta. (p. 43)

É neste ponto que jaz o conflito psíquico de Dias: *primeiro dos homens – assim como o pai você deve ser*. Como o primogênito, cabe a ele dar continuidade à linhagem familiar. Porém, justamente na fase em que simbolizaria como *deve ser* e o que *não pode ser*, Dias recebe o comando verbal da avó biológica: *ter um pênis é o que torna todo homem mau – assim como o pai, você não pode ser, i. é, não pode fazer tudo o que ele faz, há coisas que continuam reservadas a ele*. Cabe a Dias ser um homem respeitável, de bom caráter, tendo em vista os ideais da sua família e o fato de ser o primeiro dos homens. Porém, como homem, não pode ser como o pai, não pode ser viril, exercer sua sexualidade com uma mulher. Isso o

⁶⁹ (1923) *O Eu e o Id*. OC. Vol. 16

tornará mau. Dias não pode se identificar com seu pai, sob a pena de se tornar mau. Porém, durante a sua infância, não se identifica com homem algum. Aos 13 anos, se identifica com aquele homem do cartório com a assinatura bonita, reproduzindo as características desta na sua própria assinatura. Após a atualização da sua fantasia ordálica, e a irrupção de sua psicose, passa a compreender que as vozes do seu pensamento são oriundas dos pensamentos dos outros. Essa compreensão se deu após ter descoberto que aquela fraternidade de homens respeitáveis se comunicam por pensamento. Assim, Dias encontra figuras masculinas menos ameaçadoras para se identificar. Interessante pontuar que, segundo Dias, 90% das vozes que escuta são femininas. Dias também relata que não consegue escutar o que o pai transmite, seus pensamentos. Dias não introjetou a voz do pai. As vozes do pensamento de Dias são femininas.

Freud⁷⁰ atesta que, de todas as imagens de uma infância, a mais importante é a do pai. A relação entre o jovem e seu pai é marcada pela ambivalência emocional. Logo cedo, o pai é identificado como o perturbador máximo da vida pulsional, tornando-se modelo não somente a ser imitado mas também para ser eliminado, “para que possamos tomar o seu lugar. Daí em diante, os impulsos afetuosos e hostis para com ele persistem lado a lado, muitas vezes, até o fim da vida, sem que nenhum deles seja capaz de anular o outro” (p. 249). O conflito de Dias é ainda mais intenso, tendo em vista que sua identificação com o pai o levaria a ser excluído da horda familiar imediatamente.

Freud identifica essa ambivalência de sentimentos do filho frente ao pai desde o início dos tempos. Em *Totem e Tabu* (1913), após uma exaustiva pesquisa de estudos antropológicos sobre grupo primitivos, Freud desenvolve a sua tese de que a única forma que possibilitou a organização social foi através da criação de regras interditoras. Para se interromper o violento ciclo de disputas dos homens pelas mulheres da horda, foi necessário instituir a lei contra o incesto. Em prol desse convívio sem conflito, os filhos deveriam abrir mão de certas mulheres (como mães e irmãs), reconhecendo o privilégio sexual do pai, e em troca dessa tolerância, a possibilidade de se viver neste grupo.

Freud aponta para os sentimentos contraditórios, ambivalentes que permeiam esses filhos, “odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também” (Ibid., p. 146), originando-se sentimentos como remorso e culpa. Porém, antes da instituição da lei que interdita, os irmãos se reuniram e mataram o pai. Após o crime primevo, percebendo que a nova

⁷⁰ (1914) Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar. ESB. Vol. XIII.

organização terminaria se a disputa entre irmãos continuasse, não houve outra alternativa a não ser a instituição da lei contra o incesto. Todos renunciariam àquelas mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. Ao se instituir o sistema totêmico – o qual passou a restringir quais mulheres um homem pode ter –, a organização social, as restrições morais e a religião puderam se constituir.

Percebemos que a tese de Freud da ambivalência emocional do filho perante ao pai é antiga. Tendo em vista que o primeiro objeto externo de amor para a criança de ambos os sexos é a mãe, é mais fácil compreender o complexo de Édipo no menino visto que este se atém ao mesmo objeto de investimento. O homem primitivo da horda sucumbe à lei interditora para viver; o menino sucumbe devido ao medo da castração.

Na menina, verifica-se o complexo de Édipo como formação secundária. Os efeitos do complexo de castração o precedem e o preparam. “Enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração” (FREUD⁷¹, 1925, p. 296). Para Freud, a diferença do desenvolvimento sexual do homem e da mulher é uma consequência compreensível da diversidade anatômica dos genitais e da situação psíquica a ela relacionada; “corresponde à diferença entre a castração realizada e aquela apenas ameaçada” (Ibid.).

Freud⁷² (1924) atesta que o complexo de Édipo seria o fenômeno central do período sexual da primeira infância. “Depois ele desaparece, sucumbe à repressão, como dizemos, e vem o período de latência” (p. 204). O desaparecimento do complexo de Édipo se daria devido ao seu fracasso, em consequência da sua impossibilidade interna.

Freud⁷³ (1923) parte do pressuposto de que tanto para o menino quanto para a menina apenas um genital entra consideração, sendo este o falo masculino. Freud afirma que para o menino é natural a suposição de que todas as pessoas possuem um órgão semelhante ao seu. Essa suposição se dá até o momento em que o menino se depara com os genitais de uma menina, percebendo que o pênis não é um bem comum a todos os seres semelhante a ele.

Sabe-se como reagem às primeiras impressões da ausência de pênis. Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado. A ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio. (p. 173)

⁷¹ (1925) *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*. Vol. 16

⁷² FREUD (1924). *A Dissolução do Complexo de Édipo*. Vol.16

⁷³ FREUD (1923). *A Organização Genital Infantil (Um Acréscimo à Teoria da Sexualidade)*. O.C. Vol. 16

Essa recusa inicial da criança em reconhecer a falta de pênis na menina é natural em um primeiro momento. O esperado é que a criança reconheça a castração feminina ao longo do tempo, abrindo mão do seu desejo pelo progenitor do sexo oposto, se preservando. O problema se instala caso a criança cresça e continue sem reconhecer a castração; neste momento passamos para o campo das perversões e psicoses. Considerando a importância deste conceito de recusa ('Verleugnung') para o campo das psicoses, abordaremos tal fenômeno no próximo tópico.

Segundo Freud⁷⁴, o desenvolvimento sexual da criança chega até uma fase em que o genital já assumiu o papel de condutor. A organização fálica do menino sucumbe devido à ameaça de castração. A ameaça da castração passa a ser real na medida em que o menino se depara com o genital da menina, constatando que apesar da semelhança entre ambos, nesta se verifica a falta do pênis. É a partir desta constatação que a perda do próprio pênis, a ameaça da castração, se torna concebível.

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (Ibid. p. 208)

Ao sucumbir ao complexo de castração:

os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai ou dos pais, introjetadas no Eu, forma ali o âmago do Super-eu, que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos (p. 208-209).

Assim, o Super-eu é o herdeiro do complexo de Édipo. Na dissolução do complexo de Édipo, os investimentos libidinais da criança são abandonados, dessexualizados e parcialmente sublimados. Semelhante ao processo de identificação objetal na melancolia, os objetos (as imagos) são incorporados ao Eu da criança, formando o âmago do Super-eu. Quanto ao complexo de castração, Laplanche e Pontalis (Ibid.) aludem o fato de que Freud faz destaque não somente à percepção de uma realidade pura e simples, mas à conjunção de dois dados: verificação da diferença anatômica entre os sexos e ameaça de castração pelo pai.

⁷⁴ FREUD (1924). A Dissolução do Complexo de Édipo. Vol.16

Sucumbir ao complexo de Édipo e da castração salva o genital ao afastá-lo do perigo da perda. Ao mesmo tempo paralisa-o, suspendendo sua função. É neste momento que se inicia o período de latência, “que interrompe o desenvolvimento sexual da criança” (p. 209). Para Freud, nos deparamos com a linha divisória entre o normal e o patológico, que jamais é inteiramente nítida. “Se o Eu realmente não alcançou muito mais que uma repressão do complexo, este persiste de modo inconsciente no Id, e manifestará depois a sua ação patogênica” (p. 210). Neste próximo tópico retomaremos àquela ideia de recusa (‘Verleugnung’), para então compreendermos algumas consequências possíveis do não reconhecimento da castração, como ocorre nas psicoses.

5.3.1. A Recusa

Foi à partir das suas investigações acerca do complexo de castração que Freud se deparou com o fenômeno da *recusa* (Verleugnung). A recusa consistiria num modo de defesa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, especialmente a da ausência do pênis na mulher. Freud faz uso deste conceito para explicar o fetichismo e as psicoses (Laplanche e Pontalis, 2008).

Em casos de fetichismo, a recusa por parte do sujeito se dá no reconhecimento da realidade traumática, sendo esta a castração. Para Freud (1927), o fetiche seria um substituto para um pênis que foi muito importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Este pênis deveria ter sido abandonado, mas o fetiche se destina a preservá-lo da extinção. Assim sendo, o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) que o menino em um momento acreditou e que não deseja abandonar. O que aconteceu foi que o menino se recusou em tomar conhecimento da sua percepção de que a mulher não tem pênis. Reconhecer a castração feminina implicaria em reconhecer a possibilidade de sua própria castração.

Freud percebe que nesses casos uma ação energética foi empreendida para manter a recusa. Depois que a criança observou a falta de pênis na mulher, ao mesmo tempo que reteve a crença de que as mulheres possuem um falo, a abandonou. O compromisso que se chegou foi o de que, em sua mente, a mulher *teve* um pênis, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. “Outra coisa tomou seu lugar, foi indicado como seu substituto, por assim dizer e herda agora o interesse anteriormente dirigido ao seu predecessor” (p. 157).

Os relatos minuciosos encontrados no caso de Dias ilustram como a constatação da castração feminina pode ser vivida como um trauma, por vezes não superado. A sua recusa em reconhecer a castração feminina pode ser destacada como pedra angular do seu adoecimento. Reconhecer a castração das primas implicaria no reconhecimento da sua maldade, maldade inerente aos homens.

Recordemos a cena do trauma: sua avó o chama para tomar banho com as primas; no momento em que ele fica nu, esta aponta para seu pênis e diz *“Tá vendo meninas, isso é o que torna todo homem mau”*. Retomemos ao relato de Dias: *“A primeira coisa que eu pensei ‘eu não sou mau; isso é o que torna todo homem mau, eu não sou mau’. O detalhe foi que naquele momento eu não vi o corpo das minhas primas, então eu não poderia saber que o meu corpo era diferente do delas”*.

Dias não sabia o que o diferenciava fisicamente das meninas. A única coisa que ele sabia era que não poderia ser mau, afinal de contas ter um bom caráter era um divisor de águas na sua família. Tempos depois, relata a cena que foi caracterizada por ele como sua única experiência sexual até hoje: secretamente chamou uma das primas que estava presente na cena do trauma para comparar as suas genitais. Este é o momento em que recusa a castração feminina. Nas palavras de Dias: *“Então eu observei que ela também tinha um pênis. Quando eu tocava na protuberância dela, ela ficava excitada, e quando eu tocava no meu pênis, eu também ficava. A conclusão que eu tirei ‘eu também sou uma mulher, só que uma mulher de pênis grande’”*.

Dias recusa a castração feminina e se identifica com as mulheres, passando a ser uma mulher com pênis grande. Por um período, Dias viveu como uma menina. Este só descobriu seu verdadeiro sexo durante uma aula de educação física, na qual teve que trocar de roupa com os meninos da turma. Relata ter sentido um misto de alívio e tormento, pois era homem no final das contas, e isso o tornava mau. E esse conflito, permeou o resto da sua vida: *“Isso sempre me impediu de viver aquele momento, o momento do primeiro beijo, de ficar... sempre foi difícil de viver por causa do meu intelecto: Dias, você não pode tocar numa mulher! Você não pode fazer esse mal a ela”*.

Percebemos neste ponto como a problemática de Dias gira em torno da questão *o que é ser um homem*. Essa vivência traumática ocorreu quando ele tinha somente quatro anos. Neste período em que transita entre a fase fálica e a latência, escuta a máxima da avó como *não poderás ser homem, caso contrário não farás parte desta horda familiar*. A dissolução do complexo de Édipo e castração deveria ter como consequência a identificação de Dias com

seu pai. Porém, se identificar com esse pai viril, que teve a capacidade de ter quatro filhos, é uma ameaça para os ideais que devem ser cumpridos.

Existe uma recusa por parte de Dias em *ser um homem*. Ao falar sobre o universo masculino, Dias sempre relata sobre como os homens são agressivos, violentos. São nos seus momentos de crise que sua agressividade emerge, o que pôde ser verificado no período de adoecimento da mãe, assim como durante as suas internações. Destaque deve ser dado ao fato de que todas as suas crises psicóticas aconteceram no momento em que Dias se depara com sua incapacidade de exercer um papel masculino potente, viril. Como explicitado por Dias, “*Fui o primeiro dos homens*”, sendo ele o primogênito em sua casa e o primeiro neto homem. A visão de homem para Dias vai contra os ideais carregados por ele. Porém, este seria seu ordálio: provar que pertence a esta linhagem dos homens de sua família.

Dias viveu sua primeira prova ordálica aos 18 anos, durante uma viagem de Carnaval com seus amigos. Como vimos, o ritual do Carnaval remete a uma transformação de um estado sagrado para profano. Exercer um papel masculino ativo. Verificamos o mesmo na sua segunda crise, no momento em que ele se depara com o risco de ter uma namorada. De acordo com suas palavras: “*teve o lance também da libido exacerbada. Essa foi a causa da minha internação*”. Com a troca das medicações, Dias não consegue conter sua libido, se descrevendo como um *cavalo potente*; em outro momento diz que se transformou em um *Tarzan*. E completa “*é óbvio que eu fiquei violento*”.

Dias não pode ser viril, isto o torna mau. Porém, ao não conseguir vivenciar o ritual de passagem que o transformaria de *virgem* para *viril*, passando a desempenhar um papel masculino ativo – como o do pai –, Dias é reprovado na sua prova ordálica. Cabe a ele ingressar em uma nova horda de homens. Num primeiro momento, sua identificação se dá com os homens respeitáveis que constituem a fraternidade a qual ele compartilha a assinatura. O período em que Dias estudou sobre esta fraternidade na faculdade e descobriu as habilidades de tal grupo de se comunicar através da mente foi o mesmo em que descobriu que podia se comunicar da mesma maneira. De repente passou a entender as vozes que relata ter escutado ao longo de toda a vida, sem saber de quem eram. Eram as vozes dos pensamentos dos outros. Ao se identificar com um grupo de homens tão respeitáveis, se preserva do risco de entrar em contato com suas fantasias homossexuais.

Após a última crise por ele relatada, há novamente um deslocamento para um novo grupo de homens respeitáveis: os pastores. Agora ele consegue justificar o seu não exercício da sexualidade pois cabe a ele servir de exemplo para os outros como *cordeiro santo*. Ele só

terá autorização de viver sua sexualidade após o casamento. Devido à sua impossibilidade de se identificar com o papel do pai, não tem repertório internalizado que o possibilita agir de forma apropriada frente a uma situação que o remeta ao exercício de um papel masculino ativo. Ao não ter se inscrito de forma simbólica na sua genealogia, no momento em que vive seu ordálio, ele é lançado para fora do ninho, da mesma forma que as águias fazem com aqueles filhotes que se ofuscam frente ao Sol. Porém, a solução encontrada via delírio é a identificação com um outro grupo de homens, ainda mais respeitáveis que o seu pai. Dias possui as mesmas habilidades que os homens da fraternidade. A diferença é que ele nasceu com essa capacidade, ao contrário destes homens que precisam aprender através de um mestre superior. Atualmente, Dias é o único jovem a acompanhar o líder da igreja. Ele está sendo preparado para dar continuidade a esta linhagem, como pastor.

Retomando à cena do trauma de infância, para Dias o poder das palavras da avó traumatizou não só a ele, mas também às suas duas primas. *“Eu me tornei impotente, minha prima mais velha se tornou homossexual e a mais nova tem uma vida completamente desregrada (hoje tem 35 anos e já tem 4 filhos). (...) Deve ter pensado ‘eu não quero homem mau’. Ela realmente se tornou homossexual”*. Percebemos que, na sua avaliação, ser homossexual e ter quatro filhos – o mesmo número de filhos que seu pai teve – só é justificável se levarmos em consideração a vivência de um trauma na infância.

Lembre-mos da conclusão de Freud⁷⁵, tendo como base a análise do caso Schreber, de que o caráter paranoico seria defender-se da fantasia de desejo homossexual. Nas palavras do autor, “vimos que no centro de todos esses casos reconhecia-se claramente a defesa contra o desejo homossexual, que todos eles haviam malgrado na superação da sua homossexualidade inconscientemente reforçada” (p. 79). Assim, nossas análises corroboram com a tese de Freud acerca da paranoia.

À medida com que as entrevistas aconteciam, Dias mudava as condições para que sua história clínica pudesse ser utilizada neste trabalho. De início, a regra imposta era a de que apresentássemos sua história na íntegra, inclusive utilizando seu nome próprio. Após eu lhe explicar que isto não seria possível devido a um comprometimento ético meu frente ao Comitê de Ética em Pesquisas, pediu para que ele escolhesse seu nome fictício. Exigiu ler a forma com que seu relato autobiográfico foi apresentado antes da permissão da publicação. Porém, o mais difícil foi que este permitisse que nós mencionássemos a fraternidade dos homens respeitáveis. Em quase todas as entrevistas, Dias mencionava tal fraternidade. Em um

⁷⁵ FREUD (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O.C. vol. 10

encontro em especial, Dias nos fornece mais de uma hora de entrevista falando sobre tal fraternidade e suas habilidades. Seu conhecimento dos segredos desses homens se deu por investigação própria durante o período em que estudou teologia na faculdade, sem ter concluído. Ao nos impedir que mencionássemos sua identificação com tal fraternidade, ponto como para nossa análise é importante tal constatação. Ele contra-argumenta falando como tais homens são influentes, e discorre longamente sobre como a traição é vista no universo masculino. Dias relata que é muito pior acharem que ele foi da fraternidade e não é mais. Prefere que pensem que ele pertence à fraternidade devido à assinatura, ao invés de pensarem que ele foi e não é mais. Passou um longo tempo falando sobre as consequências para aqueles que traíram a confiança do grupo, revelando os segredos internos. Constatar que sua identidade estava preservada não adiantava. Ele tinha certeza de que os homens respeitáveis iriam atrás dele se descobrissem que ele os traiu ao revelar seus segredos. Foi possível perceber como, naquele momento, Dias apresenta um delírio de perseguição, muito comum na paranoia. A lógica do delírio apresentada por Freud (Ibid.) é a seguinte: num primeiro momento tem-se a afirmação *Eu amo ele (um homem)*, a qual é contrariada pela nova assertiva *Eu não o amo – eu o odeio*. Porém, o mecanismo de formação de sintoma da paranoia requer que a percepção interna seja substituída por uma percepção externa. Assim, a frase *Eu o odeio* se transforma via projeção na frase *Ele me odeia* (me persegue). Freud conclui que o perseguidor não é outro senão o que foi amado antes. Assim, a ameaça de reconhecer suas fantasias homossexuais o leva a desenvolver um delírio de perseguição com os homens respeitáveis da fraternidade. Após algumas conversas, Dias nos permite falar da fraternidade desde que não mencionássemos seu nome nem seus segredos internos.

Retomemos à idéia da recusa de se reconhecer a realidade por parte do psicótico. Sabemos que um importante fragmento da realidade é rejeitado pelo Eu do psicótico, assim como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas. Ao criar um substituto para o pênis que sentia falta nas mulheres, rejeita a realidade mas poupa seu próprio pênis. A grande diferença que salva o fetichista de uma psicose é o fato de que neste coexistem tanto a recusa quanto a afirmação, reconhecimento da castração feminina. Freud percebe que no fetichismo há uma atitude que se ajusta ao desejo e uma atitude que se ajusta à realidade. O que Freud⁷⁶ percebe é que na psicose uma dessas correntes, a que se ajustaria à realidade, está ausente.

⁷⁶ FREUD (1927). *Fetichismo*. ESB. vol. XXI

Laplanche e Pontalis (2008) levantam a questão quanto aos efeitos da recusa, se esta “não incidirá fundamentalmente num elemento básico da realidade humana, mais do que num hipotético ‘fato perceptivo’” (p. 437). Com base nos resultados encontrados dos estudos que investigam como o sujeito psicótico percebe seu genograma familiar, podemos relacionar esta recusa no reconhecimento da castração com a não inscrição subjetiva do psicótico em seu grupo familiar, o qual permanece no universo maternal, não se identificando com o pai.

5.3.2. O Psicótico e seu Édipo

Numa releitura destes conceitos fundamentais da psicanálise no que tange o entendimento da psicogênese dos sujeitos, Martins⁷⁷ (2002) busca compreender o lugar que o complexo de Édipo ocupa no processo de constituição do ser humano, concluindo que as experiências infantis adquirem um caráter estruturador e permanente para o adulto em geral. No caso de Dias, devido à riqueza de detalhes dos seus relatos, foi possível compreendermos como a questão da castração é problematizada, estando nela a origem do seu conflito. O não reconhecimento da castração e sua impossibilidade em se identificar com o pai devido ao paradoxo de que *ser homem é ser mau*, excluiu-lhe da possibilidade de internalizar de forma simbólica o que é ser um *homem*.

Segundo Martins (Ibid.), antes do complexo de castração, o conhecimento acerca da diferença de sexos é somente um conhecimento cognitivo, um saber meramente intelectual acerca da diferença de gêneros. “Agora, temos o fator de angústia a modificar o entendimento e as posições subjetivas que se instalam com relação a quem ele pode desejar e a quem ele não pode” (p. 71). Essa angústia e os questionamentos que surgem dessa experiência interna do corpo pulsional, impulsionam a criança em direção a questões cruciais acerca das relações humanas. Nas palavras do autor: “Por isso o complexo de castração traz consigo o complexo de Édipo na sua versão também simbólica, mas permeado pela atividade pulsional” (p.72).

É através do complexo de castração que a criança passa a ter acesso pleno ao interdito, à lei e à permissão consensual e legal, assim como a organização social só foi possível ao se instituir a lei proibitiva do incesto. Do ponto de vista infantil, o complexo de castração impõe

⁷⁷ MARTINS, F. *O Complexo de Édipo*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002

a simbolização. É através dela que a criança passa a compartilhar, com seu grupo familiar e social, regras e leis que possibilitam sua participação social. Sobre a internalização da castração, Martins diz:

A chamada castração simbólica tem o valor de sublinhar a organização intersubjetiva já presente na família da criança. Ela se faz na mente humana como um prolongamento da atividade ligada à elaboração do complexo de castração. Ela possibilita a elaboração simbólica do Complexo de Édipo, permitindo *sua extinção, sua dissipação ou mesmo sua demolição*. (p. 77)

O complexo de Édipo marca um ponto de elaboração definitiva das disposições essenciais dos seres humanos, estando intimamente ligada à castração. É através do complexo de castração que o sujeito é introduzido na lei simbólica edípica, e no universo de regras em geral. “Introduz também questões da ordem do Anthros, da ordem do vir a ser humano. Por consequência, introduz as velhas questões acerca dos universais humanos” (Ibid.). Tendo em vista a importância de uma pessoa simbolizar a sua experiência edípica e de castração, podemos pensar nas implicações que decorrem devido à recusa em reconhecer e vivenciar tais experiências fundamentais.

Assim, podemos compreender como as experiências infantis adquirem um caráter estruturador e permanente para o futuro adulto, “organizando-o de tal maneira que, seguindo o princípio do cristal, é possível distinguir formas diferentes de normalização” (p. 85). A partir da metáfora freudiana do cristal – um cristal, ao ser lançado no chão, se quebra conforme suas linhas de separação, se partindo em fragmentos predeterminados pela sua estrutura –, podemos pensar na forma de adoecer do humano. Tendo em vista o princípio do cristal, Martins aponta para as modalidades de estruturação problemáticas, ou seja, podemos perceber afinidades eletivas na forma de quebrar, que nos ensinam como o psiquismo em geral se organiza. Assim, o psiquismo e sua forma de se organizar se diferenciam em cada caso.

Martins verifica como é gritante na clínica a constatação de que o desencadeamento da psicose está intimamente ligado com a castração e o problema paterno. Esta constatação corrobora com os achados de outros importantes teóricos da psicanálise. Podemos nos juntar a estes teóricos e afirmar que a análise de todos os casos clínicos nos levaram ao complexo paterno. Como o caso de Dias foi o único que nos possibilitou a análise acurada dos seus primeiros anos de infância, pudemos concluir que a sua impossibilidade de se identificar com o pai deixou um vazio subjetivo do que é ser um homem que exerce sua sexualidade, o que o leva, posteriormente, a buscar outros homens respeitáveis para se identificar. A

impossibilidade de agir como seu pai, o levando ao fracasso do seu ordálio, foi o gatilho para o desencadeamento da sua psicose.

Recordemos seu relato sobre a cena de um jogo de bat em que termina em discussão: *“Meu pai tava vendo pela janela e disse ‘Dias, desce esse pau na cabeça dele!’.* Eu olhei assim pro meu pai e disse *‘não pai, não quero fazer isso não. Não sou violento’*”. Ao não se identificar com o pai viril, que lhe ordena que desça o pau na cabeça do colega, Dias tem que buscar outras figuras masculinas para se identificar. Mais uma vez, verificamos na sua fala a sua negação da violência, da agressividade. Dias se identifica com a fraternidade de homens respeitáveis. Após sua primeira crise psicótica, ao descobrir que estes se comunicam por pensamento, atribui sentido às vozes do seu pensamento, que o acompanham desde uma idade precoce. Após sua terceira crise, ao mudar completamente de vida, passa a se identificar com os pastores, os quais além de homens respeitáveis, devem servir de exemplo a ser seguido pelos fiéis. Dias agora deve se manter casto devido à regra da igreja. Percebemos a inflação do Eu de Dias: apesar de não poder dar continuidade à linhagem iniciada do seu pai, Dias poderá dar continuidade à linhagem de outros homens ainda mais respeitáveis, homens que não ameaçam a sua impossibilidade de exercer sua sexualidade. Percebemos de forma clara o seu delírio como tentativa de cura, cuidando de sua ferida narcísica ao não conseguir levar a diante seu dever de, como primeiro homem dessa família que tanto preza pelo caráter, dar continuidade à sua genealogia familiar. Melhor ainda: como futuro pastor, Dias terá vários seguidores fiéis, que serão seus descendentes.

Por mais que o relato de Oriel e sua mãe tenham sido insuficientes para que realizássemos uma análise detalhada sobre as suas experiências edípicas, ainda assim podemos identificar o complexo paternal como elemento mais significativo na sua quebra psicótica. Tanto no discurso de Oriel quanto no da sua mãe, verificamos como o lugar paterno é totalmente destituído de valor. Oriel inicia seu relato afirmando que sua mãe *“não teve nada com nenhum homem, só os filhos mesmo”*. E completa *“eu não considero que senti falta de pai não. Tinha minha avó. Tinha a minha avó, mãe da minha mãe”*.

A partir dos relatos, podemos perceber que existiu uma tentativa por parte do pai de participar de alguma forma da vida do filho. Como na escolha do seu nome próprio, na tentativa de matriculá-lo em uma escola da sua escolha, ou até em levar o filho para passar férias com ele. Porém, fica claro no discurso e nas ações de D. Marli como esta destituiu o valor de qualquer homem. Lembremos que cada um de seus quatro filhos teve um pai diferente. D. Marli ressalta que não só não constituiu relacionamento com nenhum deles,

como nunca teve apoio ou ajuda alguma, excluindo estes homens de suas responsabilidades paternas. Assim, qualquer tentativa do pai de desempenhar algum papel na educação do filho era destituída de valor. D. Marli acredita que o filho fugiu da escola que o pai lhe matriculou devido ao medo deste de que seu pai o levasse embora. Percebemos que, no discurso dessa mãe, o *pai* é colocado no lugar ou de ameaça ou de ausência. Oriel relata que a justificativa dada por sua mãe para explicar o por quê não batizou os filhos fora a de que temia que os padrinhos os roubassem. Podemos perceber na vida de Oriel uma total alienação da função paterna.

Assim, ao se deparar com um momento em sua vida no qual caberia a Oriel o exercício do papel paterno, não tendo inscrito simbolicamente o que é *ser* um pai, ele vive essa experiência como um ordálio, e sua psicose é desencadeada. Antes da gravidez da esposa, ao ter assumido muitas responsabilidades como homem de uma nova casa, Oriel desloca para Deus Pai o papel paterno, até então vazio e destituído de valor. Oriel passa a ser descendente de Deus Pai, Salvador. Neste momento, o seu senso de dever, que já era alto, se torna ainda mais elevado. Antes, cabia a ele cumprir com os ideais introjetados dessa grande mãe, avó, professora de história, e outras possíveis imagos. Após sua conversão ao cristianismo, coube a Oriel seguir os ideais divinos de Deus Pai. Fornecer ‘colas’ para a aprovação da esposa num concurso público, ou desejar o aborto da filha é ir contra as leis de Deus Pai. O nascimento da filha, vivido como ordálio, foi insuportável para Oriel, tendo em vista que este não tem simbolizado internamente o papel do pai. Assim, ao invés de se transformar em um pai e inscrever sua filha como descendente legítima, Oriel se transforma em filho de Deus, mensageiro de Deus frente aos santos. Os rituais são vividos na esfera simbólica, mas como elucidado, o psicótico não simbolizou, vivendo a transformação ritualística de forma alucinada.

Outro famoso caso apresentado neste trabalho, cuja análise nos leva ao campo familiar do complexo paterno, foi o de Schreber, paciente mais famoso da psiquiatria. Freud relaciona o adoecimento de Schreber com o complexo paterno, tendo como base as fantasias e delírios do paciente. Para Niederland (1951), não se pode evitar perceber que suas relações sociais com o doutor Flechsig, assim como seu delírio em torno de Deus-Sol-Pai durante seu segundo adoecimento sucumbiram para fantasias feminina passiva. Destaque pode ser dado ao fato de que tais fantasias foram desencadeadas logo após Schreber ter assumido um papel masculino ativo na sua vida real, cabendo a ele se tornar uma figura paterna como juiz da Suprema

Corte. Niederland ressalta que o maior temor de Schreber, em outras palavras, seu ordálio, era assumir o lugar paterno.

Sobre o contexto em que se deram os dois episódios de adoecimento nervoso em Schreber mais detalhes são conhecidos. No primeiro episódio, Schreber foi convocado a se tornar um membro do Reichstag como um *filho rebelde*⁷⁸ em oposição ao Bismark, tendo como consequência uma crise severa de hipocondria, a qual o levou a ser internado por alguns meses. Nove anos após o primeiro episódio, ao ser convocado a assumir o papel paterno de juiz da Suprema Corte, mais uma vez Schreber adoece, porém dessa vez um surto psicótico é desencadeado. No seu último adoecimento, suas fantasias ordálicas foram vividas no campo do real ao ser convocado a assumir o temido papel paterno. Logo após tal ameaça, Schreber começa a fantasiar o quanto deve ser bom ser uma mulher se submetendo ao ato de copulação. Ao entrar em contato com a ameaçadora realidade que demandava de Schreber um papel ativo masculino, suas tendências passivas femininas que estavam em estado latente se tornaram consciente, levando ao seu adoecer. Dessa forma, concluímos que o sujeito psicótico ao se deparar com sua fantasia ordálica no campo do real, à medida em que não consegue viver a sua transformação em papéis sociais simbólicos por não ter registro interno de como deve *ser*, vive tal transformação de forma alucinada.

5.3.3. Identificação na Psicose

Até o presente momento, foi possível constatar que a questão central que leva ao fracasso ordálico na psicose é a não identificação do sujeito com a figura paterna, o que o deixa de fora do seu genograma familiar. Assim, falaremos mais sobre esse processo da identificação na psicose. Freud⁷⁹ (1923) atesta que, com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado para, assim, se dar uma identificação com esta ou o fortalecimento da identificação com o pai. Geralmente a identificação do menino com o pai é o mais frequente, consolidando a masculinidade no caráter do menino. O mesmo se dá com a menina, na qual a identificação final com a mãe fixaria seu caráter feminino. Nos casos clínicos por nós analisados, percebemos a não identificação com a figura do pai.

⁷⁸ Interpretação dada por Niederland (1951) em seu artigo *Three Notes on the Schreber Case*.

⁷⁹ FREUD (1923). *O Eu e o Id*. OC. Vol. 16

A identificação predominante do menino com o pai e da menina com a mãe caracteriza o que Freud denomina por *positivo*; caso a identificação fosse do menino com a mãe e da menina com o pai, seria o *negativo*. “Portanto, o desenlace da situação edípica numa identificação com o pai ou com a mãe parece depender, em ambos os sexos, da relativa força das duas disposições sexuais. Esta é uma das formas como a bissexualidade intervém no destino do complexo de Édipo” (p. 41).

Porém, o psicótico se fixou nas fases pré-genitais do desenvolvimento, num momento em que toda libido era investida no próprio corpo, sem diferenciação entre sujeito e objeto. Como colocado por Freud⁸⁰, primeiro vem o *ser*, depois o *ter*. As crianças gostam de expressar uma relação com o objeto por uma identificação: *Eu sou o seio*. Posteriormente, a criança passa a *ter* o objeto: ‘Eu o tenho’, implicando na alteridade, ‘Eu não sou ele’. Porém, ao se manter fixado nas fases pré-genitais, o sujeito psicótico se mantém identificado com sua mãe. A identificação implica na idéia de alguém ser como um outro, de ser aquilo que não somos logo que nos identificamos com o outro. O psicótico toma-se por outro que não é, ocupando um lugar que não é seu.

A problemática da identificação na psicose nos remete ao fenômeno da despersonalização. Como vimos, quando um sujeito psicótico se sente ameaçado, toda sua existência é colocada em cheque. Como colocado por Resnik⁸¹ (2001), numa crise psicótica, a imagem corporal do sujeito se desintegra, se tornando fragmentada; o psicótico perde sua individualidade específica, assim como sua própria existência como pessoa. Durante uma crise psicótica, o indivíduo se sente constantemente ameaçado em perder sua auto-imagem, se esforçando em recuperá-la. A busca que se dá é pela sua própria imagem. Comumente, após a irrupção de uma psicose, há a ocorrência da despersonalização, a qual nos remete ao campo indentitário das psicoses.

Após a realização de uma série de estudos, Jackel⁸² (1958) destaca que a base do conflito psicótico estaria no Eu, tendo sua origem na luta entre identificações conflitantes. O autor conclui que este fenômeno da despersonalização, comum nas psicoses, nos remete diretamente ao narcisismo do sujeito, às suas identificações. Podemos perceber que tanto Oriel quanto Dias não constituíram simbolicamente o que é *ser* um homem. Outra conclusão

⁸⁰ FREUD (1941 [1938]). Achados, Idéias, Problemas. ESB. vol. XXIII

⁸¹ RESNIK, S. *The Delusional Person*. London: Karnac. (2001)

⁸² JACKEL, M. (1958). *Meetings of the New York Psychoanalytic Society: Depersonalization*. *Psychoanalytic Quarterly* 27: 626-628

importante para a nossa análise, foi aquela encontrada por Shorvon⁸³ (1946), de que há um conflito entre o Eu do psicótico e suas identificações primárias; em todos os casos de despersonalização acompanhados por ele, havia algum conflito entre o sujeito e seu pai. Mais uma vez, estamos no campo do complexo paterno.

Podemos perceber como Dias exclui seu pai no seu discurso. Ao ser convidado para participar do estudo, peço sua autorização para conversar com seu pai. Dias atesta que tal pedido é desnecessário; segundo Dias, apesar deste ser interditado perante a lei, passando a ser dependente do seu pai, é ele próprio que decide tudo na sua vida. No final da entrevista, no momento em que lhe solicito que fale sobre sua relação com os membros da sua casa, primeiro fala dos irmãos, depois dos *seus pais*. Fala do irmão e das irmãs de forma separada, em seguida, fala dos ‘pais’. Seu pai aparece no seu discurso fundido com sua mãe. Apesar da sua mãe ter falecido há quase duas décadas, esta se fez muito mais presente no seu discurso. As aparições do pai foram ínfimas.

Dias vive seu trauma de infância, a partir do qual passa tomar a fala da avó como máxima norteadora da sua vida (“todo homem é mau por ter um falo”), aos quatro anos de idade, fase em que se iniciaria o processo de internalização das leis interditoras. Porém, Dias escuta a fala da avó como regra: *assim como seu pai, você não deve ser*. Devido à impossibilidade de se identificar com o pai, Dias não simboliza internamente o que é ser um homem. Para Dias, homens são maus, violentos e agressivos. Ao longo do seu relato, inúmeras vezes ele afirma que não é violento, e destaca o fato de que o universo masculino é diferente, onde o mais forte impera. Ao falar sobre seu relacionamento com as irmãs, mais uma vez diferencia o que é o universo masculino do feminino: *“Meu relacionamento com as duas é diferente da relação que tenho com meu pai e meu irmão. Elas sempre se preocupam comigo, querem saber como eu estou, como foi meu dia... não existe isso no universo masculino. (...) As mulheres são diferentes, são sensíveis”*. Dias sempre relata o quanto ele é sensível. Assim, sua identificação é com as mulheres – mãe e avós. Na concepção de Dias, sua avó de criação – a qual ele se referencia com muito afeto – nunca se casou, vindo a morrer virgem. Inclusive as vozes do seu pensamento são predominantemente femininas.

Apesar da mãe de Dias ter morrido há quase 2 décadas, é possível se verificar a sua presença constante em sua fala. O adoecimento da mãe marca um período de rebeldia na vida do comportado e exemplar Dias. Porém, nas duas vezes em que ela chamou sua atenção em momentos considerado por ele como transgressão, este interrompe o comportamento

⁸³ SHORVON, H.J. *The depersonalization syndrome*. Proceedings of the Royal Society of Medicine, Volume 39, p.779–92, 1946

imediatamente. Numa dessas cenas, seu pai estava presente. Porém, o crédito do chamado foi atribuído à sua mãe. Nos referimos à cena em que seus pais o encontram em baixo do bloco, na madrugada, com a gangue que participava, e lhe chamam para voltar para casa. Nas suas palavras: “*Do nada os dois apareceram e me chamaram pra ir pra casa. Foi a última vez que eu pichei ou saí à noite. Nunca mais. Foi mais uma vez sabedoria da minha mãe*”. Fica claro neste trecho como Dias exclui seu pai como aquele que serve de exemplo.

Porém, ao se deparar com provações ordálicas que o remetem ao exercício de um papel ativo masculino, a psicose de Dias é desencadeada. A fim de evitar a ameaça de se deparar com suas fantasias homossexuais, tem sua autoimagem masculina ameaçada. Num esforço de recuperá-la, Dias se identifica com homens respeitáveis, aqueles que constituem a fraternidade. Compartilha das mesmas habilidades que estes – se comunica por pensamento –, além de assinar que nem eles. Num momento posterior, sua identificação se dá com o grupo respeitável dos pastores. Agora cabe a ele manter sua castidade devido ao seu dever de servir como exemplo para o grupo de jovens.

5.4. O CONFLITO E OS IDEAIS

No seu estudo sobre a instância crítica presente no aparelho psíquico, o Super-eu de uma pessoa, Freud (1923) percebe que, além do papel de observador crítico, há um aspecto idealizado presente, o qual funciona como modelo a ser seguido. O Super-eu se basearia neste modelo interno para realizar o julgamento. Para Freud, esse aspecto de “algo elevado” na pessoa seria o ideal do Eu, representante de nossa relação com os pais. “Quando pequenos, nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós” (p. 45). Desta forma, o ideal do Eu é o herdeiro do complexo de Édipo, “expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id” (p. 45).

Estabelecendo-o, o Eu assenhorou-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do Id. Conflitos entre Eu e ideal refletirão em última instância (...) a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e interior. (p. 45)

Verificamos aqui a gênese do conflito psicótico, sendo este uma luta entre os ideais que o sujeito carrega – como *deve ser* – com as demandas do mundo externo. Porém, quando o sujeito *deve ser* algo que ele *não pode ser*, devido à não inscrição daquele papel

internamente, ocorre a irrupção da crise. Freud aponta para o fato de que o ideal do Eu tem amplos laços com a herança arcaica do indivíduo. Assim, o que constitui o que é mais profundo na vida psíquica de cada pessoa se transforma no que é mais elevado na alma humana através da formação do ideal, conforme nossa escala de valores. O ideal do Eu satisfaz tudo o que se espera de algo elevado no ser humano. Posteriormente, professores e autoridades dão continuidade ao papel do pai, “suas injunções e proibições continuam poderosas no ideal do Eu, e agora exercem a censura moral como *consciência*” (p. 46). A tensão entre tais expectativas da consciência e as realizações do Eu é percebida como *sentimento de culpa*.

A história da origem do Super-eu nos permite compreender como os conflitos entre o Eu e os investimentos objetivos do Id podem acarretar em conflitos com o herdeiro destes, o Super-eu. Recordando, o Eu é constituído primordialmente por identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Id. As primeiras dessas identificações agem regularmente como instância especial dentro do Eu, confrontando este como Super-eu. Num momento posterior, o Eu fortalecido pode se comportar de modo mais resistente às influências dessas identificações. “O Super-eu deve a sua especial posição no Eu ou ante o Eu a um fator que deverá ser estimado a partir de dois lados: é a primeira identificação, acontecida quando o Eu era fraco, e é o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, introduziu no Eu os mais imponentes objetos” (p. 60). Levin⁸⁴ (1996) desenvolveu uma técnica para se comunicar com o Super-eu de pacientes psicóticos, o que a levou a constatar nestes um Super-eu forte e um Eu fraco. O Super-eu seria aquelas vozes internas que remetem à culpa, enquanto o Ideal do Eu aquelas que remete à vergonha. A autora defende que uma forma de intervenção terapêutica com estes pacientes é enfraquecer as vozes do Super-eu, buscando fortificar o Eu para que este fique menos submisso a este forte imperador.

O Super-eu conserva, ao longo da vida, a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo, “assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Super-eu” (FREUD, 1923, p. 60). É importante se destacar o fato de que o Super-eu está profundamente imerso no Id, mais distante da consciência do que o Eu. Do ponto de vista da moralidade, Freud tece o seguinte esquema:

(...) pode-se dizer que o Id é totalmente amoral, o Eu se empenha em ser moral, e o Super-eu pode ser hipermoral e tornar-se cruel como apenas o Id vem a ser. É notável que o homem, quanto mais restringe sua agressividade ao exterior, mais severo, mais agressivo se torna em seu ideal do Eu. (...) É como um deslocamento,

⁸⁴ LEVIN, R. Communicating with the Schizophrenic Superego. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 24: 709-736, 1996

uma volta contra o próprio Eu. Já a moral comum, normal, tem o caráter de algo duramente restritivo, cruelmente proibitivo. Daí vem, afinal, a concepção de um ser superior que pune implacavelmente.

É importante destacar que a consciência moral se apresenta de forma desigual em diferentes pessoas, “pois a maioria dos homens a tem numa medida bastante modesta, ou até insuficiente para que seja mencionada” (FREUD, 1933, p. 198). Para Freud, diferentemente da vida sexual, tal consciência moral não existe desde o início.

Mas o bebê é notoriamente amoral, não tem inibições internas para seus impulsos que buscam o prazer. O papel que o Super-eu virá a assumir é desempenhado primeiramente por um poder externo, pela autoridade parental. A influência dos pais governa a criança concedendo-lhe provas de amor e ameaças de castigo, que atestam a perda do amor e são temidos por si mesmos. Essa angústia realista é precursora da posterior angústia moral; enquanto ela vigora, não precisamos falar de Super-eu e de consciência moral. Apenas mais tarde se cria a situação secundária que nos dispomos demasiado prontamente a ver como normal, em que o obstáculo externo é internalizado, em que o Super-eu toma o lugar da instância parental e então observa, dirige e ameaça o Eu, exatamente como os pais faziam com a criança. (p. 199)

Para além do castigo, a ameaça da perda do amor dos pais, da desaprovação, levam a criança a internalizar os valores ensinados por estas imagos. Agir de acordo com as normas parentais e suas expectativas garantem ao sujeito seu lugar como descendente de seu grupo familiar. O medo da reprovação da mãe ou de perder seu amor foi relatado por Dias naquela cena em que ele, antes mesmo da vivência do trauma de infância, faz alguma coisa que a aborrece, levando sua mãe a se trancar no quarto por um longo período de tempo. Dias relata ter se sentido angustiado, com sensação de perda. Tal recordação parecia desconexa com o resto do seu relato, porém ele enfatizou como tal lembrança era viva na sua mente, nos mostrando a intensidade da sua ameaça de perder o amor da mãe.

Após sua conversão, Oriel não suportou a idéia de desapontar a Deus com seus atos e pensamentos. Afinal de contas, Deus é aquele que sabe tudo. Como Freud bem pontua, antes a angústia da desaprovação era real, geralmente seguida por alguma punição. A única vez que Dias apanhou de seu pai foi ao desrespeitar o zelador. Segundo Dias, a única coisa que seus pais desejavam para ele era que tivesse um bom caráter, sendo o mau caráter inconcebível. Não há relato algum de Oriel ter sido desobediente. O senso de dever e ordem era tão intenso na casa de Oriel que quando sua mãe chegava em casa, seus três filhos já se encontravam “dormindo” às 9 da noite. A questão que nos fica é o que acontece com o psicótico quando este não se comporta em uma certa situação ordálica de acordo com o esperado pelas imagos? Em outras palavras, de acordo com as vozes do seu Super-eu? Nesses sujeitos, percebemos a irrupção de uma crise psicótica.

O Super-eu, ao assumir o poder, função e até os métodos da instância parental é seu herdeiro legítimo e sucessor. Daí a conclusão de Freud de que o Super-eu é o herdeiro do Complexo de Édipo. Freud compreende que se os pais de uma criança exerceram um regime severo, possivelmente a criança virá a ter um Super-eu severo, porém isto não é uma regra; “o Super-eu pode adquirir a mesma implacável dureza quando a educação foi branda e bondosa, evitando ao máximo os castigos e ameaças” (FREUD, 1933, p. 200).

O Eu é tido como uma pobre criatura que sofre com a ameaça de três perigos: do mundo exterior, da libido do Id e do rigor do Super-eu. Devido a isso, o Eu é propriamente sede de angústia, desenvolvendo o reflexo de fuga, “retirando seu próprio investimento da percepção ameaçadora ou do processo no Id avaliado como ameaçador, e externando-o como angústia” (FREUD, 1923, p. 72). Ainda nas palavras de Freud:

O Eu segue, simplesmente, a admoestação do princípio do prazer. No entanto é possível dizer o que se esconde atrás da angústia do Eu ante o Super-eu, a angústia da consciência moral. O ser superior, que se tornou ideal do Eu, ameaçou uma vez com a castração, e esse medo da castração é provavelmente o núcleo em volta do qual se armazena a posterior angústia da consciência. (p. 72)

Para concluir este tópico, retomemos à teoria acerca das diferenças fundamentais entre a neurose e a psicose, elaborada após o desenvolvimento da sua segunda tópica. Freud (1924) compara a relação do Eu psicótico e neurótico frente às representações incompatíveis advindas da realidade exterior em dois artigos: *A perda da realidade na neurose e na psicose & Neurose e Psicose*. Freud⁸⁵ destaca que para a neurose, o fator decisivo seria a influência preponderante da realidade; para a psicose, a influência do Id.

Em seu ensaio *Neurose e Psicose*, Freud (1924) apresenta uma fórmula simples para explicitar as diferenças fundamentais entre ambas: “a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e o seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de uma tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior” (p. 177). Importante termos em mente que o Super-eu originou-se das influências do mundo externo real. Assim, o conflito da psicose se dá entre seu Eu e o mundo externo; ou entre seu Eu e o Super-eu, tendo em vista que este é derivado do mundo externo. Para Freud, o efeito patógeno dependerá se o Eu permanecerá fiel à sua dependência do mundo externo e procurará silenciar o Id – como verificado na neurose –, ou então se deixará ser dominado pelo Id, separando-se da realidade – como verificado na psicose. Porém, tendo em vista que o Super-eu reúne influências tanto do mundo exterior quanto do Id, Freud reflete:

⁸⁵ Freud (1924). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. O.C. vol. 16

Esta situação aparentemente simples, porém, é complicada pela existência do Super-eu, que, por um nexos ainda não esclarecido, reúne influências que vêm tanto do Id como do mundo externo, sendo como que um modelo ideal daquilo visado por todo o esforço do Eu, a conciliação de suas múltiplas dependências. O comportamento do Super-eu deve ser levado em consideração, o que não se fez até agora, em todas as formas de doença psíquica. Podemos, no entanto, postular provisoriamente que tem de haver afecções baseadas num conflito entre Eu e Super-eu. A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo, e reivindicaríamos para esses distúrbios o nome de “psiconeuroses narcísicas”. (p. 181)

Desta forma, verificamos como os conflitos presentes entre as instâncias psíquicas podem levar ao adoecimento dos sujeitos, cabendo ao Eu o lugar de angústia. A forma com que o sujeito vivenciou suas experiências edípicas determinará a maneira com que o psiquismo do sujeito vai lidar com as frustrações advindas do mundo externo.

5.5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SUPER-EU

A instauração do Super-eu seria um caso bem sucedido de identificação com a instância parental. Com a cessação do complexo de Édipo a criança teve de renunciar aos intensos investimentos objetais que fez nos seus pais, e como forma de compensação de tal perda de objeto as identificações com os pais são bastante fortalecidas. Freud⁸⁶ (1933) percebe que quando a superação do complexo de Édipo não é inteiramente conseguida, o Super-eu é prejudicado na sua força e no desenvolvimento. Verificamos esta situação na psicose, tendo em vista que a criança, futura psicótica, permanece fixada em fases pré-genitais. Pensamos nas imagos de Dias como sendo principalmente sua mãe e suas avós. Em Oriel, suas imagos seriam sua mãe, avó, professora de História, faltando imagos masculinas para que constituíssem seu Super-eu.

Uma das funções atribuídas a este Super-eu é de ser portador do Ideal do Eu. É através do Ideal do Eu que o Eu se mede, busca se igualar, assim como busca satisfazer a demanda crescente por perfeição. “Sem dúvida, esse ideal do Eu é o precipitado da velha ideia que a criança tinha dos pais, a expressão da admiração de quem os considerava perfeitos” (Ibid., p. 203).

⁸⁶ FREUD (1933). *Conferência 31: A Dissecção da Personalidade Psíquica*. O.C. vol. 18

Assim, Freud atribui como funções do Super-eu a auto-observação, a consciência moral e a função de ideal. “Para nós, o Super-eu é o representante de todo limite moral, o advogado do anseio por perfeição, em suma, aquilo que pudemos apreender psicologicamente do aspecto dito elevado da vida humana” (p. 205). Independente das dificuldades vividas em suas infâncias, os pais identificam-se com seus pais, chegando Freud a uma conclusão de extrema importância para a conclusão do nosso estudo sobre psicose e ordálio: “o Super-eu da criança é construído não segundo o modelo dos pais, mas do Super-eu dos pais; preenche-se com o mesmo conteúdo, torna-se veículo da tradição, de todos os constantes valores que assim se propagaram de geração a geração” (Ibid.).

Dito isso, podemos pensar no aspecto transgeracional, como certas tradições familiares são transmitidas de geração para geração. Por tradição, pensamos também nos valores compartilhados por certa família, valores estes que atestam o pertencimento de um membro ao grupo familiar. Mais uma vez, nos encontramos no campo originário do ordálio. Como colocado por Freud, a humanidade nunca vive inteiramente no presente, “o passado, a tradição da raça e do povo prossegue vivendo nas ideologias do Super-eu, apenas muito lentamente cede às influências do presente, às novas mudanças” (p. 206).

Desde o começo de seu relato, Dias destaca a importância de suas “avós” e das pessoas mais velhas na sua vida. Seu trauma de infância veio justamente de uma assertiva proclamada por sua avó biológica acerca da maldade inerente ao homem, devido ao fato deste ter um falo. Após sua primeira crise psicótica, Dias se converte ao cristianismo e passa compreender sua alucinação auditiva como um dom que ele compartilha com os homens respeitáveis daquela fraternidade. Após sua terceira crise, passa a ser descendente da horda dos pastores. Passa a conviver diariamente entre pastores. Com muito orgulho, relata como está se preparando para, futuramente, se tornar pastor. Também tem muito orgulho por ser o único jovem a conviver entre pastores tão mais velhos. Assim como Oriel passa a ser descendente direto de Deus, Dias passa a ser descendente primeiro dos homens respeitáveis da fraternidade, depois dos pastores. O alto Ideal do Eu vivido como um dever, tanto para Dias quanto para Oriel, após a irrupção da psicose, se transforma em ideais ainda mais altos, tendo em vista que estes passam a descender figuras ainda mais idealizadas que seus pais, divindades.

Podemos entender a intensificação dos ideais ao pensarmos sobre a tentativa do Eu em recuperar o estado de perfeição perdido, experimentado quando este era seu próprio Ideal, o *Eu ideal*, em um estado de onipotência, auto-suficiência. Essa busca por este estado perdido

se dá através do retorno da libido objetal para o Eu, numa busca de resgate daquele estado vivenciado no narcisismo primário. Tendo em vista a impossibilidade de agir de acordo com o esperado na situação ordálica, devido à não inscrição do papel paterno, tem-se o fracasso. O fracasso da prova ordálica é remediado através da transformação do sujeito em uma outra ordem de descendência, cujos ideais são ainda mais elevados. O sujeito agora se transformou em um outro, perfeito, que nem como ele era quando bebê, explicitando a inflação do Eu na psicose. Assim, vemos a psicose como uma doença de defesa, e seus sintomas manifestos uma tentativa de cura, cura de um narcisismo que foi gravemente ferido. Finalizaremos esta dissertação com uma citação de Martins (2002), acerca do complexo de Édipo como aquele define, e o narcisismo como aquele que possibilita a mudança:

Se o Complexo de Édipo é importante porque define, o narcisismo é necessário para conservá-lo, pois, narcísio, ferindo-se, facilmente apresenta a crise como signo de estagnação ou de tentativa de mudança da disposição determinada pelo Édipo. Narciso não será somente a dor do pé de Édipo, será também esperança de mudança de destino. (p. 137)⁸⁷

⁸⁷ MARTINS, F. *O Complexo de Édipo*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002

6 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou compreender questões relacionadas à forma com que experiências vividas por um psicótico na sua infância, no que diz respeito aos seus processos identificatórios, influenciam na sua forma de adoecimento futuro. Para isso, foi realizada a análise de dois casos clínicos representativos das síndromes psicóticas: um caso de esquizofrenia e outro de paranoia. Apesar do foco da dissertação não ter sido a realização de uma investigação aprofundada das especificidades das síndromes, ao longo do estudo foi possível apresentar características de cada uma, na medida em que exploramos textos de Freud que destacassem tais diferenças. Um grande marco na teoria freudiana acerca do estudo das psicoses foi sua análise do caso de Schreber, *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911). Neste ensaio, Freud pôde apresentar especificidades da paranoia, ao mesmo tempo em que apresentava aspectos gerais das psicoses. Outro texto fundamental de Freud, *O Inconsciente* (1915), nos possibilitou entrar em contato com algumas características da esquizofrenia, como a questão da linguagem.

Nesta dissertação, escolhemos trabalhar com o conceito de ordálio – julgamento divino que atesta o pertencimento de alguém a uma linhagem –, devido ao fato deste nos remeter ao campo originário dos sujeitos. Verificamos em ambos os casos clínicos como a questão do pertencimento ao seu grupo familiar de origem se mostrou problematizada. Desde o nascimento da filha, vivida como um ordálio, Oriel passou a ser descendente direto de Deus Pai, após sua iluminação. Ao longo dos anos, suas antigas sublimações foram desconstruídas e sua libido retornou ao seu Eu. Sempre que Oriel se encontra em momentos de crise, sua mãe relata como ele fica *preso no mundinho dele*, se irritando com qualquer um que ouse atrapalhar sua comunicação com os outros Santos. Já em Dias, verificamos que após se deparar com seu ordálio – ser convocado para desempenhar um papel masculino ativo, viril durante o Carnaval – e vivenciar sua primeira crise psicótica na qual se transformou no seu avô, este se converte ao cristianismo. Após sua primeira crise, Dias passa a se identificar com os homens respeitáveis da fraternidade, compartilhando das mesmas habilidades quanto à comunicação por pensamento. Após sua segunda crise, Dias passa a fazer parte da horda dos pastores. Verificamos, tanto em Dias quanto em Oriel, que o exercício de um papel masculino ativo – do pai–, leva à crise. Ambos se defendem, posteriormente, passando a se identificar com figuras masculinas castas. Oriel, ao invés de se transformar em *pai*, se transforma em

filho de Deus, um Santo. O Santo é aquele que abre mão da sua vida pessoal, da sua libido sexual. E Dias se transforma em *cordeiro santo*, passando a só ter autorização oficial de exercer sua sexualidade após o casamento. Assim, se preserva de qualquer tipo de questionamento quanto à sua castidade aos 35 anos.

As hipóteses as quais buscamos averiguar tiveram como base aquela desenvolvida por Martins (1995b) acerca do ordálio na psicose. A hipótese levantada pelo autor foi a de que o ordálio exemplifica de maneira paradigmática a forma com que o Édipo foi elaborado pela pessoa psicótica. Para o autor, há uma recusa por parte do psicótico em elaborar sua questão edípica, a qual o leva a recuar para formas mais regressivas de fantasias – ao universo maternal – não progredindo ao universo societário. Nossa hipótese e questões norteadoras foram desenvolvidas à partir desta. Antes de falarmos sobre o que foi possível concluir sobre cada uma delas, podemos tecer alguns comentários acerca do que foi constatado em relação à hipótese norteadora do nosso estudo. Foi possível concluir, tendo como base nossas análises, que a forma com que os sujeitos elaboraram seu Édipo refletiu nas fantasias de (não) pertencimento à horda familiar, refletindo no seu ordálio. Verificamos que, após o desencadeamento de uma crise psicótica, na qual o narcisismo do sujeito sofre um forte golpe, há um retorno da libido objetal para o Eu. Tendo em vista que, na psicose, a fixação se dá em estágios pré-genitais, há uma tentativa de resgate de um estado no qual o sujeito era seu próprio ideal, sendo este o Eu ideal. Ao regressar ao seu Eu Ideal, podemos verificar a inflação do Eu numa tentativa de recuperar um estado de perfeição. Neste estado de onipotência, a pessoa pode ser tudo. Ao regredir ao universo maternal, característico do narcisismo primário, o sujeito não progride ao universo societário.

Foram três questões levantadas por este estudo. A primeira questionou a possibilidade de verificarmos a ocorrência de prova(s) ordálica(s) na infância de sujeitos psicóticos. Quanto a essa questão, não podemos concluir de forma categórica. Tanto em Schreber quanto em Dias, podemos verificar provas ordálicas na infância. As provas ordálicas vivenciadas por Schreber colocaram em cheque sua integridade física. Niederland, após extensivos estudos sobre a infância deste, demonstrou como este passou por verdadeiras provações ordálicas ao ter sido submetido ao longo de sua infância a métodos ortodoxos paternos. No que concerne a Dias, a prova ordálica vivida na infância colocou em cheque sua integridade mental, seu Eu. Dias, ao longo de todo seu relato, se refere ao trauma de infância vivido, no qual sua avó biológica proclama que, devido ao fato dele ter um pênis, ele é mau. *Ser homem é ser mau*. Porém, para pertencer a esta família, ter um bom caráter é a única coisa que importa. Surge aí

o conflito norteador do seu adoecimento: cabe a ele, como *o primeiro dos homens*, ser o representante dos homens e ao mesmo tempo ser um exemplo de caráter. Existe um paradoxo. Tal máxima proclamada pela avó é introjetadas por Dias aos quatro anos de idade, momento em que se inicia a fase fálica. Sua elaboração edípica foi marcada por esta máxima. Se identificar com sua imago paterna implicaria na sua exclusão dos valores norteadores da horda familiar; ao mesmo tempo entrar em contato com fantasias homossexuais é aterrorizante. Em relação a Oriel, não foi possível se verificar a ocorrência de uma experiência ordálica traumática na sua infância. O que não significa que não possa ter ocorrido. Percebemos um discurso muito empobrecido por parte de Oriel no que tange ao relato de sua infância. Se limitou a dizer que foi tudo *normal, feliz*. Porém, desconfiamos desse excesso de normalidade no momento em que Oriel relata ter sido *normal* a morte da avó, a qual exerceu papel fundamental na sua criação. Sua mãe trabalhava durante o dia inteiro e sua avó, com a saúde fragilizada, cuidava dos netos. Tendo em vista que sua avó faleceu quando ele tinha 11 anos, acreditamos que sua morte não deva ter sido vivida por ele de forma tão *normal*. Neste momento, Oriel inclusive relata que *contato com vó assim não é tão próximo quanto de mãe. Então eu considero que não teve nenhum trauma. (...) Não teve grande impacto*. Tendo em vista a distância de D. Marli dos filhos devido ao excesso de trabalho, e do papel fundamental da avó na criação destes, só podemos questionar seu relato, repleto de *nãos*. Assim, não podemos afirmar categoricamente que verificamos a ocorrência de ordálio na infância de todos os casos avaliados. Sugerimos que um maior número de estudos seja realizado com pacientes psicóticos e seus familiares, de preferência com aqueles que consigam falar de suas experiências infantis.

A segunda questão nos remete à hipótese central do trabalho, a qual questiona a possibilidade de se verificar, no contexto que leva ao desencadeamento do surto psicótico, experiências ordálicas que remetem a fantasias de pertencimento ou não do sujeito à sua genealogia familiar. Quanto a essa hipótese, podemos afirmar que foi possível se verificar, em todos os casos avaliados, a atualização de fantasias ordálicas no contexto que precedeu a crise. Para esta hipótese, podemos verificar tanto no caso de Schreber, quanto de Oriel e Dias, que o surto foi desencadeado em situações que exigiram destes o desempenho de papéis masculinos ativos, que remetesse à figura paterna. Porém, por não terem elaborado suas questões edípicas, estes permaneceram identificados com a figura materna, não havendo registro simbólico do pai. Ao serem convocados a agir como suas imagos paternas, estes fracassaram em suas provas ordálicas.

Schreber teve seu surto desencadeado no momento em que é convocado a ocupar o alto cargo de *Senatspräsident*, sendo este um papel masculino ativo, no qual passaria a desempenhar uma figura paterna. No que diz respeito a Oriel, no momento em que decide casar e gerir uma casa, ele deprime, sendo este o contexto da sua conversão ao cristianismo. Após sua conversão, Oriel desloca o papel paterno para Deus Pai Salvador, relatando uma sensação de leveza no momento em que Deus passa a ocupar este lugar antes vazio. Porém, com a gravidez da esposa, este é convocado, como um ordálio, a desempenhar o papel de pai. Oriel vive sua primeira crise psicótica poucos dias após o nascimento da filha, a qual ele não registra como sua descendente legítima por mais de dois anos. Em relação a Dias, sua crise é desencadeada pela sua impossibilidade de exercer aquele papel realizado pelo seu pai. O exercício da sua virilidade é impossibilitado devido ao fato deste estar impedido de usar seu pênis com uma mulher, sobre a pena de ser excluído da horda familiar. Porém, não exercer o papel masculino ativo também o exclui como o *primeiro dos homens*. Todas as suas crises psicóticas foram decorrente da impossibilidade deste em desempenhar um papel masculino ativo sexualmente. Assim, podemos perceber que todos os casos analisados nos remetem ao complexo paterno, corroborando com a ampla teoria psicanalítica sobre a temática de psicose.

Tendo em vista a constatação da atualização de fantasias ordálicas no momento da crise psicótica, podemos refletir sobre o que acontece com o sujeito após o fracasso da prova ordálica de filiação. Em todos os casos, foi possível se verificar uma tentativa de se buscar novas imagens para se identificar. Em alguns casos, essa transformação foi mais radical, como verificado em Schreber e em Oriel. Após sua incapacidade de desempenhar o papel paterno de *Senatspräsident*, Schreber elabora o seu delírio da emasculação, como forma de copular com Deus e poder popular a terra com descendentes divinos. Oriel passa a ser filho de Deus, se tornando Santo. Sua missão na terra passa a ser a de transmitir a mensagem de Deus para os Santos e anjos. Oriel se transforma daquele que não teve pai, para filho legítimo de Deus Pai Salvador. Percebemos em Dias uma grande capacidade de reconstrução. Inúmeras foram as vezes que este *recomeçou do zero*. Após suas crises, verificamos um grande esforço deste em reinvestir novamente sua libido em objetos externos. Após se deparar com seu ordálio e fracassar, Dias passa a se identificar com aqueles homens respeitáveis daquela fraternidade que tinha um templo do lado da sua casa na infância. Inclusive sua assinatura atesta seu pertencimento ao grupo. Porém, afirmar seu pertencimento é ameaçador para ele, tendo em vista o grande poder que tais homens têm. Estes poderiam até persegui-lo, caso descobrissem que ele conhece seus segredos. Percebemos o grande esforço realizado pelo Eu

de Dias para que este não se descole completamente da realidade. Após sua segunda crise, Dias encontra outro grupo de homens respeitáveis para se identificar, dessa vez homens menos ameaçadores, os pastores. Se identificar com esses grupos de homens não ameaça o seu dever de se manter casto, ao contrário do risco de se identificar com seu pai.

A terceira e última questão levantada por este estudo leva em consideração o ordálio como elemento de um ritual de passagem, o qual busca marcar de forma simbólica a transformação do sujeito de um estado para um outro. Assim, questionamos como se dá a vivência de sujeitos psicóticos no que tange a mudanças de papéis sociais. Foi possível se constatar, por meio deste estudo, que em todos os casos analisados o contexto que precedeu o surto fora aquele de um rito de passagem, o qual marcaria a sua transformação de um papel social para outro. Schreber se transformaria em Presidente da Suprema Corte, Oriel em pai provedor da casa, Dias se transformaria de casto para viril. Todas estas transformações atestam papéis simbólicos compartilhados socialmente. Porém, ao não elaborar seu Édipo e recusar o reconhecimento da castração, o psicótico não foi introduzido na lei simbólica edípica. E os rituais são vividos na esfera simbólica. O que não foi simbolizado pelo psicótico, é vivido no real como um ordálio. Assim, constatamos que em todos os casos, os sujeitos foram submetidos a rituais de passagem que atestariam sua transformação simbólica em outro papel. Por não terem o registro de como se deve *ser* nesses novos papéis, tendo em vista a não elaboração do Édipo o que acarreta à não identificação com a figura paterna, no momento em que são convocados a participar do ritual de forma imperativa e viverem a transformação simbólica nestes papéis paternos, estes vivem a transformação no real. A transformação se dá através da regressão libidinal, levando os sujeitos a entrarem em contato com aquele estado de perfeição do Eu Ideal. Daí verificamos a inflação presente nos delírios de transformação, na despersonalização.

Para a realização deste estudo, escolhemos como base a obra de Freud. Apesar de outros autores da psicanálise terem avançado em estudos sobre a psicose, acreditamos que Freud nos possibilitou compreender as questões que foram levantadas nesta dissertação. No primeiro capítulo, justificamos a nossa escolha quanto ao método de estudo de caso. Acreditamos que de fato este método nos possibilitou um maior aprofundamento das questões levantadas e naquelas que surgiram. A escolha da apresentação dos casos num primeiro momento nos possibilitou apresentar a teoria e analisar os casos concomitantemente. Assim, preservamos o leitor da situação de ter que evocar toda a teoria apresentada ao analisar os casos em última instância.

No segundo capítulo, apresentamos aspectos gerais da psicose. Especial destaque foi dado à síndrome da paranoia, tendo em vista a importância do ensaio sobre o caso Schreber realizado por Freud, sendo este pedra angular do seu estudo sobre as psicoses. Por se tratar de estudos de casos, evocamos Schreber nos momentos em que julgamos caber sua análise, como forma de complementar o estudo. Neste capítulo, articulamos a teoria da psicose com estudos antropológicos sobre rituais, rituais de passagem e o ordálio. Ao longo do estudo, foi possível verificar a estreita relação entre os rituais de passagem e o contexto que precede a crise psicótica. Assim, podemos desenvolver uma hipótese como sugestão para estudos futuros, sendo esta: é possível se verificar, no contexto que precede um surto psicótico, uma situação que remeta a um ritual de passagem, na qual o sujeito é convocado a viver uma transformação em um novo papel simbólico compartilhado socialmente; porém, devido à incapacidade de se viver a transformação na esfera simbólica, por não ter registro interno deste papel, este a vive na esfera do real.

O terceiro e o quarto capítulo tiveram como foco a compreensão do papel das imagens parentais na constituição do Eu do sujeito. No terceiro capítulo, foi possível uma maior compreensão do funcionamento regressivo presente nas psicoses. Verificamos como se dá a formação dos ideais, tendo como base o artigo *Introdução ao Narcisismo*. Tendo em vista o movimento da libido de desinvestimento dos objetos exteriores para um retorno ao Eu, buscamos explorar o artigo de Freud (1915) *Os Instintos e seus Destinos*, para um melhor entendimento de como este processo regressivo se dá na psicose. Partindo do pressuposto de que na psicose há uma fixação nas fases pré-genitais, a forma de adoecimento do psicótico remete ao funcionamento verificado no bebê, quando este era sua própria fonte de prazer e o mundo externo tido como indiferente, ou desprazeroso. Freud destaca que, sob o princípio do prazer, há uma evolução no Eu, o qual passa a acolher objetos que lhe proporcionam prazer através da introjeção, em contrapartida expulsa para fora do seu Eu aquilo que lhe causa desprazer, caracterizando o processo de projeção presente nas psicoses, em especial na paranoia. A identificação é derivada da primeira fase da organização da libido – fase oral –, na qual o objeto ansiado é assimilado pela ingestão. O psicótico, ao ter sua libido fixada nas fases pré-genitais, no momento da crise, regride ao universo maternal. Desta forma, passa a reviver um estado de perfeição e autossuficiência característico do narcisismo primário, quando este era seu próprio ideal – Eu Ideal. Assim, foi possível compreender o processo de inflação do Eu que ocorre após a irrupção de uma crise psicótica. No único delírio constituído por Oriel (e que perdura até os dias de hoje), este é um Santo, filho de Deus Pai. No momento

de suas crises, Dias se remete a figuras quase mitológicas (Tarzan, Gladiador) para descrever sua onipotência sexual e de força. Quanto ao Ideal do Eu, verificamos nos relatos a importância dos ideais familiares como norteadores das ações de Oriel e Dias antes da crise. Após a crise, os ideais sofreram uma transformação para algo ainda mais elevado, tendo em vista que estes passaram a descender divindades.

Encerramos essa dissertação com a temática do Édipo e seus derivados. Vimos como o complexo de Édipo marca um ponto de elaboração definitiva das disposições essenciais dos seres humanos, se relacionando intimamente com o complexo de castração. Freud aludiu para a importância do reconhecimento da castração; a recusa desta constatação, por parte de um adulto, nos remete ao campo das psicoses e das perversões. Neste capítulo, demos ênfase no caso de Dias, devido à riqueza do seu relato quanto aos seus primeiros anos. Não foi possível realizar uma investigação cuidadosa do caso de Oriel, tendo em vista a escassez de dados. Talvez, a avó de Oriel seria aquela que nos revelaria dados da sua infância. À partir dos relatos de Dias, foi possível verificar as implicações futuras da recusa em reconhecer a castração feminina, e sua necessidade em se identificar com as mulheres (*eu sou uma mulher de pênis grande*). Concluímos que os delírios de Schreber, Oriel e Dias restauraram o narcisismo ferido devido ao fracasso da experiência ordálica, na qual não conseguiram desempenhar um papel masculino ativo – do pai –, por não terem registro interno da figura paterna para se espelhar.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução: João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOURGUIGNON, O. Le Processus de recherche. In : BOURGUIGNON, O; BYDLOWSKI, M. **Le Recherche Clinique en Psychopathologie.** Paris: Presses Universitaires de France, 1995. p. 35-52

CAZENEUVE, J. **Sociologia do Rito.** Porto: RÉS- Editora, 1957. p.7-35

DA MATTA, R. Constraint and License: A Preliminary Study Of Two Brazilian National Rituals. In: MOORE, S; MYERHOFF, B. **Secular Ritual.** Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1977. p. 244-264

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____ (1894). **As Neuropsicoses De Defesa.** Vol. III.

_____ (1895). **Raschunho H: Paranoia.** ESB. Vol. I.

_____ (1986). **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa.** ESB. Vol. III.

_____ (1900) **A Interpretação dos Sonhos.** Vol. IV.

_____ (1901) **A Interpretação dos Sonhos.** Vol. V.

_____ (1905) **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.** Vol. VII.

_____ (1911) **Notas psicanalíticas sobre um relato auto-biográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides).** Vol. XII.

- _____ (1913) **Totem e Tabu**. Vol. XIII.
- _____ (1914) **Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar**. Vol. XIII.
- _____ (1914) **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**. Vol. XIV.
- _____ (1915) **Os Instintos e suas Vicissitudes**. Vol. XIV.
- _____ (1915) **Repressão**. Vol. XIV.
- _____ (1915) **O Inconsciente**. Vol. XIV.
- _____ (1917) **Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos**. Vol. XIV.
- _____ (1917) **Luto e Melancolia**. Vol. XIV.
- _____ (1916) **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico**. Vol. XIV.
- _____ (1920) **Além do Princípio do Prazer**. Vol. XVIII.
- _____ (1921) **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Vol. XVIII.
- _____ (1940 [1938]). **A Divisão do Ego no Processo de Defesa**. ESB. Vol. XXIII.

FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2010.

- _____ (1911) **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia**. Vol. 10.
- _____ (1914) **Introdução ao Narcisismo**. Vol. 12.

- _____ (1915) **Os Instintos e seus Destinos**. Vol. 12.
- _____ (1915b) **A Repressão**. Vol. 12.
- _____ (1915c) **O Inconsciente**. Vol. 12.
- _____ (1917[1915]) **Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos**. Vol. 12.
- _____ (1917) **Luto e Melancolia**. Vol. 12.
- _____ (1916) **Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica**. Vol. 12.
- _____ (1923) **O Eu e o Id**. Vol. 16.
- _____ (1923). **A Organização Genital Infantil (Um Acréscimo à Teoria da Sexualidade)**. Vol. 16.
- _____ (1924). **A Dissolução do Complexo de Édipo**. Vol.16.
- _____ (1924). **A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose**. O.C. Vol. 16.
- _____ (1924). **Neurose e psicose**. O.C. Vol. 16.
- _____ (1933). **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise: 31. A Dissecção da Personalidade Psíquica**. O.C. vol. 18.
- _____ (1936). **Um distúrbio de memória na Acrópole (carta a Romain Rolland)**. O.C. Vol. 18.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978. 23-41

GOODMAN, F. D. **Ecstasy, Ritual, and Alternate Reality: Religion in a Pluralistic World**. Bloomington: Indiana Univ Press, 1988. p. 31-35

GOODY, J. Against "Ritual": Loosely structured thoughts on a loosely defined topic. In: MOORE, S; MYERHOFF, B. **Secular Ritual**. Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1977. p. 25-35

HOUAISS, A. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2004

JACKEL, M. (1958). Meetings of the New York Psychoanalytic Society: Depersonalization. **Psychoanalytic Quarterly**. 27: 626-628.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1982). **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEVIN, R. Communicating with the Schizophrenic Superego. **Journal of the American Academy of Psychoanalysis**. 24: 709-736 , 1996.

MARTINS, F. A Psicose Esquizofrênica com relação a Linguagem na Psiquiatria Clássica. **Informação Psiquiátrica**, v. 9, n.3, p. 77-87, 1990.

MARTINS, F. **O Nome Próprio: da Gênese do Eu ao reconhecimento do Outro**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

MARTINS, Francisco. et. al. A Perda da Realidade na Psicose: Um método de estudo através de Genograma. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, CE, v. 11, p. 65-75, 1994.

MARTINS, Francisco. et. al. Estrutura de Parentesco e Psicose. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** (UFRJ. Impresso), São Paulo, v. 44, n.2, p. 83-91, 1995.

MARTINS, F. *O Ordálio na Psicose*. Cadernos de Psicologia da UFMG, Belo Horizonte, MG, v. 6, n.1, p. 63-78, 1995.

MARTINS, F. Vamos Falar Esquizofrenês? **Humanidades em Revista**: Brasília, Distrito Federal, v. 1996, n.41, p. 33-38, 1996.

MARTINS, F; COSTA, A; MOURAO, M. A função dêitica da linguagem na esquizofrenia. **Universa** (UCB), Brasília, v. 5, n.3, p. 371-384, 1997.

MARTINS, F; COSTA, A; AQUINO, A. A referência e o pensamento psicótico. **Psicologia: Reflexão e Crítica** (UFRGS. Impresso), Porto Alegre, v. 12, n.2, p. 537-548, 1999.

MARTINS, F. **O Complexo de Édipo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MARTINS, F. **Psicopathologia II – Semiologia Clínica: Investigação Teórico Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas**. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2003.

MARTINS, F. As Palavras dos Esquizofrênicos na Psiquiatria Clássica - Observações Semióticas Introdutórias em Relação a Freud. **Tempo Psicanalítico**, v.38, p. 215-243, 2007.

MARTINS, F. O Coração e as Estações Metro-Ferrovárias de Szondi. [S.I.: s.n.], 2010.

MOORE, S; MYERHOFF, B. Introduction: Secular Ritual: Forms and Meanings. In: **Secular Ritual**. Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1977. p. 3-24.

MUIR, E. **Ritual in Early Modern Europe**. Cambridge: Cambridge Univ Press, 1997. p.1-55.

NASIO, J. D. **Os Grandes Casos de Psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.

NIEDERLAND, W. G. Three Notes on the Schreber Case. **Psychoanalytic Quarterly**, 20: 579-591, 1951.

NIEDERLAND, W. G. Schreber: Father and Son. **Psychoanalytic Quarterly**, 28: 151-169, 1959.

NIEDERLAND, W. G. The "Miracled-Up" World of Schreber's Childhood. **Psychoanalytic Study of the Child**, 14: 383-413, 1959.

NIEDERLAND, W. G. Schreber's Father. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, 8: 492-499, 1960.

NIEDERLAND, W. G. III. Further Data and Memorabilia Pertaining to the Schreber Case. **International Journal of Psycho-Analysis**, 44: 201-207, 1963.

ORDEAL. In: **Encyclopædia Britannica**. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/431352/ordeal/>. Acesso em: 14 mai. 2012.

ORDALIE. In: **LAROUSSE du XX siècle**. 6v. Paris: Larousse, 1928.

PERCÍLIO, D. **Psicose e parentesco - Um estudo teórico e empírico acerca de termos lexicais de parentesco em psicóticos**. Brasília, 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília.

RAPPAPORT, R. A. **Ritual and Religion in the Making of Humanity**. Cambridge: Cambridge Univ Press, 1999. p.23-58.

RESNIK, S. **The Delusional Person**. London: Karnac, 2001.

SHORVON, H.J. The depersonalization syndrome. **Proceedings of the Royal Society of Medicine**, vol. 39, p.779-92, 1946.

SHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos**. Paz e Terra: São Paulo, 2006. 3a. edição.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. São Paulo: Zahar, 2007.

TURNER, T. S. Transformation, hierarchy and transcendence: a reformulation of Van Gennep's model of the structure of rites de passage. In: MOORE, S; MYERHOFF, B. **Secular Ritual**. Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1977. p. 53-72.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, V. W. Variations On A Theme Of Liminality. In: MOORE, S; MYERHOFF, B. **Secular Ritual**. Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1977. p. 36-52.

VALLEUR, M. Conduites ordaliques et toxicomaniques, **Mémoire pour le Certificat d'Études Spéciales de Psychiatrie**. Academie de Versailles, U. de Paris-Sud, 1981.

VALLEUR, M. Les conduites ordaliques et les toxicomanies. In: **Psychotropes**, vol. 1, n. 3, Printemps/Été. 1984.

VALLEUR, M. Le Credo de la Mort. In: **La dépendance hors la loi?** Autrement (Série Mutations), 1989. p.116-122.

VALLEUR, M. La dependance et les Conduites Ordaliques. [S.I.: s.n.], 1991.

WAELEHENS, A. (1972). **A Psicose**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1990.

WIDLÖCHER, D. Principes Généraux. In : BOURGUIGNON, O; BYDŁOWSKI, M. **Le Recherche Clinique en Psychopathologie**. Paris : Presses Universitaires de France, 1995. p.9-33

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA O PARTICIPANTE DA PESQUISA

Sujeito Estudado

1. Estrutura familiar:

1. 1. Nome;

1. 2. Idade;

1. 3. Renda;

1.4. Profissão;

1. 5. Familiares;

1.6. Relações familiares;

2. Atividades escolares;

3. Infância;

3.1. Fatos marcantes;

3.2. Relato do período de 5 a 9 anos;

3.3. Existia alguma expectativa (cobrança) dos seus familiares em relação a você? Qual (is)?

4. Relacionamentos;

4.1. Familiares (mãe, pai, irmãos, outros parentes relevantes se for o caso)

4.2. Extra-Familiares

5. Atividades de lazer;

6. Saúde:

6.1. Problemas anteriores;

6.2. Transtornos mentais anteriores;

6.3. Histórico de internações;

6.4. Histórico familiar;

6.5. Medicações psiquiátricas;

7. Contexto da vida que antecedeu primeiro surto psicótico

7.1. Como ocorreu?

7.2. Como é interpretado?

7. 3. Percepção atual;

8. Delírio;

Familiares

1. Qual o vínculo em relação ao sujeito pesquisado:
 1. 1. Nome;
 1. 2. Idade;
 1. 3. Renda;
 - 1.4. Profissão;
 - 1.6. Relações familiares;
2. Relato sobre a infância do sujeito;
 - 2.1. Fatos marcantes;
 - 2.2. Relato do período de 5 a 9 anos;
3. Expectativas em relação ao sujeito:
 - 3.1. A gravidez foi planejada?
 - 3.2. Relato sobre escolha do nome próprio do sujeito;
 - 3.3. Existia alguma(s) expectativa(s) em relação ao sujeito? Qual (is)?
4. Relacionamentos;
 - 4.1. Com o sujeito na infância;
 - 4.2. Com o sujeito atualmente;
 - 4.3. Com outros membros da família;
5. Saúde:
 - 5.1. Histórico familiar;
6. Contexto da vida que antecedeu primeiro surto psicótico do sujeito;
 - 6.1. Como ocorreu?
 - 6.2. Como é interpretado?
 6. 3. Percepção atual.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “O Ideal na Psicose: um estudo teórico clínico de um caso” de responsabilidade de Elisa Araújo Coelho, aluna de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é compreender como o Ideal de Eu funciona no desencadeamento de uma crise psicótica. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas. Estas entrevistas serão realizadas no Anankê. É para este procedimento que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Ao participar do estudo, você terá um espaço para compartilhar a sua história, podendo expressar suas opiniões, crenças e possíveis inquietações.

Espera-se com esta pesquisa contribuir para o enriquecimento de discussões sobre a temática aludida no meio acadêmico e científico, assim como nas redes de Saúde Mental.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 81739244 ou pelo e-mail elisacoelho@gmail.com.

A pesquisadora garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio da entrega de uma cópia da dissertação a cada um que desejar lê-la, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____